

JANE CHEREM CÔRTE BEZERRA DA SILVA

**... E BATUVA RESISTE
MEMÓRIAS DA "COMUNIDADE"
DOS DIAS, PONTES, BARRETO, PIRES...**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Antropologia Social – UFPR,
como requisito parcial à obtenção do grau
de Mestre.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Scholz de
Andrade Kersten**

CURITIBA

2001

AGRADECIMENTOS

Todos aqueles que se aventuraram a escrever uma dissertação, sabem que não se pode empreender sozinho tal projeto. Ao longo deste percurso, ora de forma evidente, ora discretamente, muitos nos ajudam, nos sustentam, encorajam a continuar o trabalho. Por todas estas razões, quero dizer da minha gratidão,

À **Professora Márcia Kersten**, por ter aceito orientar esta dissertação e ter sido tão pródiga e paciente em seus sempre precisos comentários e conselhos.

À Celepar, na pessoa do seu Diretor Técnico **Danilo Scalet**, por ter aprovado a minha participação no Mestrado.

Aos **Coordenadores** do Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento – MADE/UFPR, pela acolhida e oportunidade.

Aos caros **Professor Marcos Kluppel**, **Pedro Kantek** e **Catherine Dumora**, pelos seus comentários, sugestões e idéias que tanto ajudaram na construção final do texto da pesquisa.

Aos familiares e amigos **Marcos**, **Fernanda**, **Maria**, **Gustavo**, **Alexandre**, **Jorge**, **Jane Mary**, **Vera** e **Andréia**, pela inestimável compreensão, paciência, carinho e companhia.

Enfim, tenho a agradecer aos batuvanos que tão cordialmente me receberam, acolheram e permitiram sua participação neste trabalho; principalmente à **Dona Eva**, ao **Seu Nelson**, à **Miriam**, ao **Nelsinho**, à **Dona Olga**, a quem, de fato, devo uma grande parcela das reflexões que esta etnografia possibilitou.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	iv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O CAMPO	14
1.1 A VIAGEM.....	14
1.2 BATUVA, PATRIMÔNIO AMBIENTAL	17
1.2.1 As Questões da Sustentabilidade	28
1.3 AS MORADAS	33
CAPÍTULO 2 - PARA PENSAR O CAMPO	40
2.1 COMO SE VÊ, O QUE SE VÊ.....	40
2.2 O QUE SE QUER VER?	46
2.3 O QUE QUER SE MOSTRAR E O QUE SE QUER MOSTRAR.....	50
CAPÍTULO 3 - MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	61
3.1 OS "HERÓIS FUNDADORES"	62
3.2 OS CASAMENTOS.....	69
3.3 "PROSA SEM COMPROMISSO".....	76
3.4 DIVISÃO DAS TERRAS: TRAÇO E CONVERSA DE HOMEM.....	81
3.5 A COZINHA É DAS MULHERES	89
3.6 "HISTÓRIAS DE ESPANTO", HISTÓRIAS SEM FIM.....	94
CAPÍTULO 4 - QUEM VIAJA SE TRANSFORMA	102
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	
ANEXO 1 - LISTAGEM DOS PRIMEIROS INFORMANTES DEZ PESSOAS COM MAIS DE 70 ANOS	113
ANEXO 2 - LISTA DE INFORMANTES CUJAS CITAÇÕES FORAM INCLUÍDAS NO TEXTO	115
ANEXO 3 - NÚMERO NA FIGURA 15 E NOME DO MORADOR PRINCIPAL	117

LISTA DE FIGURAS

1	A ESTRADA DE BATUVA	14
2	CHEGANDO EM BATUVA.....	16
3	ÁREAS PROTEGIDAS DO MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA	19
4	PARANÁ - REMANESCENTES FLORESTAIS	20
5	MORADA DE BATUVA	34
6	FOGÃO	36
7	FOTOS DE FAMÍLIA	37
8	FAMÍLIA XAVIER-PIRES	70
9	FAMÍLIA BARRETO-PIRES.....	71
10	FAMÍLIA PONTES-PIRES	72
11	MORADA DO SR. GUIMARÃES	74
12	DONA OLGA.....	78
13	MAPA DAS MORADAS DE BATUVA.....	83
14	MAPA 2 - BATUVA REPRESENTADA PELO SR. N. PIRES.....	86
15	VERSÃO ATUALIZADA DO MAPA DE BATUVA.....	88

INTRODUÇÃO

Ver, Ouvir, Escrever¹... BATUVA

Sem dúvida a antropologia é uma prática do conhecimento. Seu objetivo explícito é descobrir os sentidos e as razões de ser dos modos de vida e de pensamento que se podem observar nas diversas sociedades que hoje coexistem na superfície do planeta, compondo, todas juntas, a essência atual, múltipla da humanidade. A ambição da antropologia é conhecer suficientemente cada uma dessas sociedades para poder compará-las todas. No entanto, não é a única a querê-lo e a fazê-lo. (Maurice Godelier, 1993:7)

Ainda que presa às amarras da razão ocidental, a insistir na diversidade das culturas, na multiplicidade de "razões" culturais, a antropologia convoca para o desafio de compreender a alteridade. Evidencia nesta busca quanto o singular a ela se impõe na relação com os diferentes modos de organização da vida humana.

Salta, assim, dos referentes convencionais da sociedade ocidental, de padrões que propunham como paradigma uma situação particular da sociedade – o homem branco, europeu, "civilizado" –, para a multiplicidade de noções e formas de organizar a vida. Neste salto despreende-se da ótica colonialista e reconhece de *outro* modo a singularidade das experiências nas lógicas mais específicas que cada cultura pode engendrar. De Boas a Geertz e Sahlins, de Malinowski a Leach, de Mauss a Lévi-Strauss, passando ainda pelos pós-modernos, são constantes as tentativas de superar o etnocentrismo, tanto o moral ou ético quanto o cognitivo.

Graças à antropologia, sabe-se hoje que muitos são os modos de estar no mundo e de se expressar através das diversas linguagens. As etnografias têm, portanto, cumprido o papel de revelar a exuberância do pluralismo e da multiplicidade dos modos de construção da vida social, seu *exotismo*, o novo, o inesperado, o imprevisível – sua diferença.

¹Subtítulo inspirado no Capítulo 1 do *Trabalho do Antropólogo*, de Roberto Cardoso de Oliveira, 1995.

Embora vinculadas às relações sociais dominantes e "fadadas ao desaparecimento",² as singularidades e a dinâmica de vida de vários povos questionam, formulam e reformulam as chamadas sociedades civilizadas ou industriais.

Lévi-Strauss alerta para a "proclamação de humildade de Boas" com respeito às "frustrantes" elaborações dos antropólogos. Mas reconhecidas as limitações, vale a pena o estudo etnográfico de costumes, práticas, noções de tempo e espaço "... permitindo determinar, de uma parte, as causas históricas que conduziram à sua formação, e de outra parte, os processos psíquicos que os tornaram possíveis" (LÉVI-STRAUSS, 1979, p.19). As etnografias, a partir de estudos concretos de sociedades localizadas no espaço e no tempo, permitem captar instantes fugidios de uma microhistória que, mesmo limitada a uma única realidade, é preciosa.

Tal olhar antropológico facetado pelas múltiplas possibilidades culturais da existência humana revela que a vida em diferentes sociedades assume sentidos variados. Estas questões que me ultrapassaram, me dei conta delas na dimensão do vivido em minhas "idas" e "voltas" à região de Guaraqueçaba – Superagüi, Ilha Rasa, Ilha das Peças, Baía dos Pinheiros, Batuva, Rio Verde. No mínimo, o aprendizado de práticas, sentimentos, discursos, visões de mundo que "nossa" cultura sistematicamente deprecia, sem acolher as diferenças e especificidades que os sujeitos encontram para se explicitar no seu cotidiano e na história.

No caminho dessas reflexões passo a relatar como fui ultrapassada, em minha história pessoal, pela antropologia.

O itinerário acadêmico e as "escolhas" profissionais me colocaram, nos últimos quinze anos, habituada aos textos freud-lacanianos e à clínica psicanalítica.

²Essa preocupação tem sido constante na antropologia, porém sobre a questão do "desaparecimento" ou do "isolamento" de algumas sociedades, Lévi-Strauss alerta que "as sociedades humanas nunca se encontram isoladas" e mesmo que algumas tenham permanecido separadas de quase todo o resto do mundo, a diversidade das culturas humanas "é menos função do isolamento dos grupos, que das relações que os unem" (LÉVI-STRAUSS, 1952:16).

Perceptível a qualquer análise, fica evidente que estudar o homem e suas relações me faz(cina), suas manifestações particulares, mas também as coletivas – familiares, sociais, culturais. Não é somente o objeto de estudo, mas a forma de estudar e de investigar que me é importante. Falo, portanto, não somente das opções estéticas, mas das posições éticas incluídas nesta caminhada. Espécie de rupturas e afastamentos de um lado, transgressões e aproximações, por outro. Uma troca de objetivos, uma visão de mundo em construção, nunca mais acabada, idéias alternativas, pensamentos libertários, simpatia pelos vanguardismos, um certo encanto e, mais profundo que isto, um respeito pelas diferenças. Neste campo, a descoberta da antropologia, como algo que "já estava lá". Uma forma de "migração transversal", nas palavras de Jane RUSSO (1993, p.59).

Momento decisivo foi o encontro com as letras de Lévi-Strauss nos *Tristes Tropiques*. Mergulho inesquecível pela beleza dos relatos, mas muito pela ética presente no estilo da articulação da sua pesquisa empírica com a interpretação dos resultados. Situações que poderiam parecer triviais e socialmente "adaptadas" são questionadas, problemas "comuns" não ficam despercebidos, seu olhar é "distanciado" porém revelador; o autor não se sente dispensado de problematizar o que seria somente o "cotidiano". Contribuição fundamental para a valorização da etnografia, a despeito de uma contemporaneidade antropológica que parece muito pouco querer esperar das etnografias. Vê-se o pesquisador debruçado sobre questões epistemológicas que condicionam tanto a investigação empírica quanto a construção do texto.

A travessia para a América, os contatos com "desconhecidos", a vida solitária do viajante, o Brasil que ele descobre e nos apresenta, o desenvolvimento do trabalho num clima empirista, captaram-me "pra sempre", como referência e como desejo. Os velhos novos dilemas que se introduziram nas minhas reflexões psicanalíticas, persigo-os agora, também nas trilhas e pegadas dos antropólogos, e naquelas que inauguro no "campo", na ânsia de respostas, apesar do reconhecimento de que muitos não serão jamais superados.

Logo fui entendendo que se a psicanálise me ensinara a respeitar profundamente as diferenças, desenhando minha visão de mundo para acolher o "outro" com suas especificidades e particularidades, a antropologia expandia este ensino para uma compreensão mais vivenciada na pesquisa de campo. Sair do "tugúrio" e conviver na terra do "outro" provocou em mim alterações ainda mais devastadoras, no caminho da desmontagem de muitos preconceitos.

É assim que estou na tarefa de ver, ouvir e escrever... Batuva. Conforme Roberto Cardoso de Oliveira, no trabalho de domesticação teórica do olhar, na sofisticação da capacidade de observação "estando lá".³ Dirigir o olhar e o ouvir para "nossos objetos de estudo" é um fazer condicionado pelas disciplinas e paradigmas de nossa formação, mas é também fazer uma leitura a partir dos referenciais formadores da maneira particular de ver a realidade. A realidade é sempre subjetiva, conclusão à qual Freud e Lacan já me haviam feito chegar, a despeito de um necessário apreender e eliminar todos os ruídos imaginários para ouvir o texto que produz nosso interlocutor...um ouvir todo especial que nos encaminha na busca da compreensão das idéias, pensamentos, sentidos que o "outro" tem, antes mesmo da significação para o pesquisador que observa de uma certa exterioridade... esforços para lograr uma vã – pois ilusória - neutralidade... treino este que, para as situações da pesquisa de campo, me foi muito proveitoso.

Outras questões teóricas se imbricam entre a antropologia (incluída a etnografia) e a psicanálise: "a relação", a interação pesquisador/sujeitos pesquisados e todas suas conseqüências para o conhecimento da natureza humana. Autores como Saussure, Foucault, Lacan, Deleuze, Guattari, Clifford, Roberto Cardoso de Oliveira, não se cansam de denunciar que a relação não é dialógica. Que há algo que escapa ao nosso pretense "diálogo", tanto no campo da

³Roberto Cardoso de Oliveira, para discutir esta questão no seu livro, cita Clifford Geertz – *Trabalhos e vidas: o antropólogo como autor*, cujo título da edição original é *Works and lives: The anthropologist as author*.

escuta como no da compreensão, no da cumplicidade, do compartilhamento de signos e significantes, do inconsciente. Mas, um diálogo e uma interação ocorrem mesmo assim, nosso instrumento de trabalho, para o que devotamos todo um esforço de interpretação. "Enquanto as maneiras de ser ou de agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças, que, de forma sempre renovada, continuará a ser o domínio da antropologia" (LÉVI-STRAUSS, 1962, p.26).

Inspirada em reflexões de CARDOSO DE OLIVEIRA (1996, p.66-67), acabo por pensar que tanto no trabalho etnográfico de campo como no do consultório, que é o "campo" do psicanalista, estamos imersos num mesmo processo de busca do conhecimento. Carregamos conosco nossas referências disciplinares e de formação, e "trazemos o campo" em mudanças de atitudes, valores, expectativas, conclusões que vemos aflorar quando voltamos ao nosso lugar de trabalho. Esta separação, ao invés de necessariamente fragmentar nossas produções, pode servir-nos de expansão conceitual e simbólica, intelectual e pessoal.

Com GOODY (1995, p.x), tenho mais claro que minha forma de abordar o material estudado não satisfará as convenções da erudição histórica, primeiro porque é difícil conhecê-las todas e segundo porque essa forma particular de trabalhar com o que temos à disposição nos coloca longe da erudição, muito mais nos confinando a um sítio. E ainda porque a antropologia rompe com a tradição da história ao eleger outros elementos substanciais que o tempo, para conhecer o "outro". Mas, enfim, que uma pessoa precisa encontrar equilíbrio entre as contingências do que dispõe pessoal e profissionalmente, e o seu desejo de desenvolver uma linha argumentativa, que nunca dominará por completo.

•••

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de campo realizada em Batuva, comunidade⁴ do município de Guaraqueçaba, litoral norte do Paraná, no período de abril de 2000 a abril de 2001, onde, entre viagens e estadas, passei 60 dias. A pesquisa teve a pretensão de desenvolver-se nos moldes de uma etnografia clássica, o que definiu o método da observação participante como principal forma de investigação. Privilegiou, de modo especial, histórias⁵ e memórias das famílias, a partir de convivências, conversas e entrefalas, que possibilitaram recolher relatos e lembranças. O levantamento genealógico de oito famílias de Batuva efetivou conversas prolongadas com mais de 30 informantes, que me tornaram cúmplice dos modos batuvanos de sociabilidade, relações familiares, questões cotidianas, hábitos, tradições, desejos, no emaranhado de seus meios de vida. Descrições de detalhes do dia-a-dia e de pessoas buscaram reconstruir a ampla rede de sociabilidade familiar e de vizinhança. "Farejar por toda a parte o humano" no que tinha de próprio tanto à sua história e memória como aos aspectos da sua realidade e cuja ausência parecia comprometer as interpretações, foi preocupação durante todo o trabalho.

Batuva é uma comunidade de agricultores familiares com aproximadamente 260 pessoas, na sua maioria descendentes de oito famílias *"que fizeram Batuva"*. Em sua quase totalidade, os batuvanos são pequenos proprietários de sítios, nos quais vivem constantemente controlados pelas políticas ambientais e órgãos públicos, encarregados de dar cumprimento às leis de preservação do meio ambiente. Por estar instalada em uma Área de Proteção Ambiental, a APA de Guaraqueçaba, é, ao mesmo tempo, ambigualmente lembrada e esquecida por pesquisadores e

⁴"Comunidade", como se autodenominam as vilas que compõem o Município de Guaraqueçaba. Esta denominação, segundo moradores, foi adotada para designar vilas do litoral e ilhas, a partir de um trabalho realizado pela extinta ACARPA, órgão do Governo Estadual que transferia conhecimentos e tecnologia de plantio a agricultores. Antes da ACARPA, eram chamadas de vilarejos ou vilas. Estudos clássicos em antropologia definem um agrupamento populacional desta natureza como "bairro rural". Cf. QUEIROZ, 1973; BRANDÃO, 1990.

⁵Quando a palavra história aparecer no texto em letras minúsculas, refere-se à narrativa do "conto do imaginário popular"; com maiúscula, à ciência histórica.

organizações internacionais. Estes, de algum modo lamentam a perda que também insistem em ignorar, de suas tradições culturais em favor de linguagens aparentemente universais de economia e meio ambiente.

Um dos pressupostos da pesquisa era que as condições em que se estabeleceu a APA de Guaraqueçaba (1985) determinaram profundas alterações na forma de relação destes pequenos proprietários e suas famílias com a natureza, com reflexos em sua organização social e familiar, no modo como se apropriam e estabelecem trocas e ajustes com o meio ambiente.⁶

Antes de discutir os impactos que a criação da APA teve sobre a vida das famílias locais, foi importante entender a conceituação que as adjetiva como *populações tradicionais*. A "herança" teórica do conceito – tradicional – liga-se aos estudos rurais e agrícolas no Brasil, porém sua força está mais vinculada à legislação que criou as APAs; aí os agricultores familiares são definidos como *populações tradicionais*. Nos estudos rurais brasileiros, estes mesmos agricultores familiares são tratados como "comunidades camponesas, ou campesinas" (WOORTMANN, 1995). Defini-los, como o fizeram os profissionais envolvidos com a criação de APAs, talvez tenha sido uma das formas de integrar o homem à perspectiva de preservação, diante de um debate em curso, no qual a proposta de manter as populações nativas em unidades de proteção não obtinha facilmente a adesão dos ambientalistas (ZANONI et al., 2000). Este conceito teve assim o mérito de garantir condições de permanência a moradores locais em APAs, o que não ocorre em outros espaços de preservação, como os Parques Naturais destinados exclusivamente à preservação da flora e da fauna.

⁶GODELIER (1992, p.10) chega mesmo a levantar a hipótese de que "*l'homme a une histoire parce qu'il transforme la nature*". Ao discutir sua tese vai dizer que é próprio da natureza mesma do homem esta capacidade de transformar suas relações com a natureza, transformando-a.

No Brasil, os estudos sobre *populações tradicionais* são numerosos principalmente sobre as sociedades amazônicas e sobre os *caiçaras*⁷, habitantes de áreas litorâneas, que combinam a pesca com o extrativismo e a agricultura para sobreviver (ZANONI et al., 2000). Tratar estes moradores locais como *tradicionais*, embora tenha o mérito de reconhecer sua anterioridade no povoamento das regiões em que vivem, explicita um conflito: vistos como não preservadores do meio ambiente e não ajustáveis ao desenvolvimento moderno, são agrupados sob uma única idéia generalizadora – populações tradicionais – a despeito das suas particularidades.

Debate mais do que nunca presente na cena internacional – a agricultura familiar – longe de aparecer como situação localizada, alcança dimensão universal, fartamente demonstrada pela bibliografia recente (LAMARCHE, 1998; MIGUEL, 1997; ZANONI et al., 2000).

Num trabalho coletivo de pesquisa internacional com base em estudo comparativo da agricultura familiar desenvolvido também em três regiões brasileiras,⁸ LAMARCHE (1998), embora não use conceito rígido de agricultura familiar, sugere compreendê-la a partir dos seguintes princípios, com base em A.Chayanov⁹

⁷Palavra de origem indígena, "kai'sara" servia para identificar um completo sistema de sobrevivência e proteção. Era a cerca de proteção em volta da aldeia e também o curral feito de ramos de árvore, mergulhado dentro d'água para cercar o peixe; mais tarde, passou a ser também a palhoça da praia, utilizada para abrigar canoas e apetrechos de pesca. Hoje, é empregado para designar o pescador e os moradores do litoral do Paraná (VON BEHR, 1998). Encontra-se nos autores que pesquisam as narrativas de viagem de Hans Staden (*Nus, féroces et anthropophages, 1979*) o termo *caiçara* para designar a população do litoral do Paraná, de origem mestiça (índios, negros e europeus, sobretudo portugueses), originária de vários ciclos migratórios que ocorreram na região (GERHARDT, T. E. Dissertação defendida em 1994 na Université Pierre et Marie Curie – Paris VI, publicada pela UFPR em 1998). No texto do Decreto que criou a APA de Guaraqueçaba, as populações locais são chamadas de "comunidades caiçaras" (Decreto-lei n.º 90.883/85, Art. 1.º).

⁸Fizeram parte do estudo as regiões de Cariri, no Nordeste, o Município de Leme no Estado de São Paulo e a região de Ijuí no Estado do Rio Grande do Sul.

⁹"Pour une théorie des systèmes économiques non capitalistes", *Analyse et Prévision*, jan.1972, p.19-53.

- há inter-relação entre a organização da produção e as necessidades de consumo;
- o trabalho é familiar e não pode ser avaliado em termos de lucro, pois o custo objetivo do trabalho familiar não é quantificável;
- os objetivos da produção são os de produzir valores de uso e não valores de troca.

Estes princípios sugeridos por Lamarche (1998) também podem nortear a compreensão dos agricultores familiares de Batuva. Assim, estão presentes, são marcantes ali e não têm impedido as famílias de encontrarem formas de interação com "os de fora", de modo a trazer-lhes resultados importantes para sua reprodução social e ganhos de produção. Apresentam formas que podem ser identificadas como "tradicionais", mas se adaptam às exigências do modelo econômico "moderno". A "Fábrica de Banana"¹⁰ é um exemplo, única associação de moradores na APA de Guaraqueçaba a produzir derivados de banana. O trabalho na "fábrica", entre parentes e amigos próximos e distantes, reproduz e recria sua comunidade com configurações próprias, valoriza suas práticas sociais, suas referências familiares, sem, contudo, voltar às costas para o "novo".

Os estudos existentes a respeito da agricultura familiar no Brasil, e sobre as formas tradicionais de produção e reprodução do campesinato brasileiro, privilegiam a análise dos modos de vida de pequenos produtores rurais e dos processos de sua transformação, em face das modificações gerais ocorridas na agricultura do país e das suas regiões (LAMARCHE, 1998). Enfatizam a produção e as relações entre eles e outros grupos sociais (HEREDIA, 1979; GARCIA JR., 1983) e os salientam como unidades de produção e consumo, iluminando importantes

¹⁰Foi concebida e organizada num programa conjunto entre a UFPR, a Holos (A Holos, uma ONG francesa ligada à Universidade de Paris VII, foi quem financiou o projeto) e algumas famílias de Batuva. A "fábrica" agrega valor à produção e aumenta a renda dos agricultores familiares. A "Fábrica Dias, Pontes, Silva, Barreto e Cia. Ltda.", nome oficial do empreendimento, hoje é uma microempresa e exporta parte da produção para a Suíça. "Mas desde 1995, o objetivo é manter a fabricação artesanal" (Comentários do Sr. Tinha, Gerente da "Fábrica", em julho de 2000). A "fábrica" adquire e recebe a produção de banana de todos os associados, além de comprar também de outros produtores locais. A vantagem de trabalhar em associação é entendida pelos associados como "a garantia de que vai vender o que produz, além da manutenção do preço do produto em épocas que o mercado paga menos" (Dados de entrevista de campo).

dimensões da reprodução social. O campesinato no Brasil, em diversos estudos,¹¹ é tratado como reproduzindo-se historicamente no interior das grandes propriedades, constituindo, ao mesmo tempo, força de trabalho das plantações e pequenos estabelecimentos familiares de agricultura de subsistência. Ao longo da história do campesinato brasileiro, a reprodução da agricultura familiar sempre esteve associada às lutas dos próprios agricultores: latifúndio dominante, políticas agrícolas unilaterais, exclusão econômica e social de parcelas importantes da população camponesa, medidas assistencialistas, entre outras.

Mais recentemente outros temas "emergentes" na literatura brasileira têm permitido lançar novas luzes sobre a agricultura familiar no Brasil, como "a pluriatividade dos agricultores familiares, agricultura e meio ambiente, poder local e gestão ambiental" (LAMARCHE 1998).

São numerosos os estudos realizados sobre a problemática ambiental e as famílias que vivem em áreas protegidas (ALBERT, 1995; BARTH, 1994; CARNEIRO DA CUNHA, 1993; FOLADORI, 2001). Os autores, tanto antropólogos como ambientalistas, têm as mais diversas posições teóricas, políticas e posturas ideológicas; expressam propostas e alternativas nem sempre fáceis de implementação, e, por vezes, não coerentes com o que possibilita a legislação pertinente. Disso resulta muito difícil ter uma visão de conjunto que permita posicionar-se frente a este leque de interpretações. A adoção de novas regras importantes para o comércio de produtos agrícolas nacional e internacional valoriza o caráter familiar da empresa agrícola, o "... único modelo suscetível de preservar melhor a fertilidade natural dos solos ou a variedade genética dos rebanhos e de respeitar alguns grandes princípios ecológicos" (LAMARCHE, 1998). Estas novas regras orientam em direção ao que está sendo chamado de *agricultura sustentável* aumentando o valor de mercado de sua produção.

¹¹HEREDIA, 1979; BRANDÃO, 1981; DE ARAUJO, 1980; CANDIDO, 1918.

Às pesquisas mencionadas, somam-se as realizadas pelo Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento – MADE - da Universidade Federal do Paraná, desde 1995.¹² Estes conceituam as "populações tradicionais" como "agricultores familiares e moradores rurais" (ZANONI et al., 2000), comunidades heterogêneas que diversificam suas estratégias de reprodução para enfrentar uma situação duplamente restritiva: a lei ambiental e a ausência de políticas que criem condições para as suas atividades produtivas e sua reprodução social.

A pesquisa de campo em Batuva apontou para a importância das terras e dos "sítios" – da propriedade da terra – para a reprodução dos agricultores familiares. Desde a fundação de Batuva até o momento, a terra têm sido fundamental para a sobrevivência das famílias e sua sociabilidade. O "sítio" para eles não é apenas um fator de produção, mas também é preñado de valores simbólicos, pois ligado aos ancestrais, à história dos casamentos, às relações de vizinhança e amizades. Também não desconhecem o valor econômico da terra, pois é principalmente dela que tiram seu sustento. As famílias estão acostumadas a ir para a roça. Contam com sua produção, ainda que as roças sejam muito mais que isso.

Em Batuva são comuns as lavouras do arroz, feijão, milho, mandioca, essencialmente para o autoconsumo. Há pouca comercialização do arroz que plantam, apenas vendem o excedente. A banana e o palmito da juçara têm sido importante fonte de renda da região. Atualmente, as restrições impostas pelo Ibama incentivam a plantação do palmito, mas não chegam a impedir o extrativismo e o comércio ilegal "invisível" que permanece, já bastante reprimido pela legislação.

Além de agricultura, criam galinhas, porcos e búfalos para o consumo próprio. Poucos rebanhos bubalinos são vistos em menor número em algumas comunidades vizinhas, criados por fazendeiros "de fora" com fins comerciais. A

¹² MIGUEL, 1997, ARRUDA, R.,1999, FOLADORI,G.1999, RAYNAUT, C.,1999, ZANONI et al., 2000.entre outros.

caça, importante no passado, ocupa lugar secundário na alimentação dos batuvanos, mas ainda contam com ela.

Os agricultores familiares, entretanto, não estão confinados a Batuva, ou aprisionados pelas leis de preservação ambiental. Seus ancestrais, sem as estradas de hoje, fizeram da mata o seu lar. O que pode parecer hoje ilhotas isoladas ao observador distraído, são comunidades que expandem redes de parentesco e amizade, circulam e fazem circular suas histórias, seus mitos, suas lembranças, a si próprios, seus parentes, seus filhos, seus produtos. Ao final, "controem" uma Batuva "longínqua" das modernidades, apesar de tão próxima e envolvida pelos temas atuais.

•••

Esta pesquisa, portanto, procurou estudar relatos, histórias e memórias dos moradores de Batuva, sua vida e reprodução social afetada pelas políticas preservacionistas do meio ambiente desde 1985. A dissertação encontra-se estruturada em três capítulos e uma Nota Final.

O Capítulo 1 apresenta desde a viagem, a região onde se desenvolveu a pesquisa, a partir do olhar do pesquisador, até as moradas. Informa sobre as políticas públicas de preservação do meio ambiente restringindo-se ao que se considera essencial para que o leitor tenha um conhecimento da situação atual dos agricultores familiares de Batuva.

O Capítulo 2 apresenta o trabalho de campo, o modo e as condições em que foi desenvolvido, as discussões teórico-metodológicas, ao mesmo tempo em que faz uma revisão da bibliografia.

O Capítulo 3 narra a história de Batuva, desde o início do seu povoamento, no século XIX, a partir de relatos de moradores. Enfatiza as relações familiares, os casamentos, as "crenças" locais, a produção e o consumo da comida. A história das famílias dos pequenos agricultores de Batuva inclui a chegada de seus antepassados e o seu estabelecimento no lugar, bem como das suas relações

sociais, econômicas e culturais vinculadas à ocupação, exploração, transformação e uso da terra.

A importância da natureza e principalmente das terras, no discurso dos homens de Batuva, pode ser percebida em suas falas transcritas. Os mais importantes temas coletivos, o imaginário, as situações do dia-a-dia, estão também neste capítulo.

Todo este universo apresentado nos capítulos leva a refletir sobre a condição em que os moradores de Batuva revivem suas histórias, memórias, hábitos, lendas, mitos, com o mesmo vigor tão presente em seu cotidiano. Para entender melhor a situação, pode-se emprestar dos ambientalistas o conceito de *resiliência*, ou seja, "... a capacidade de um sistema responder a choques externos recompondo-se, reestruturando-se e chegando assim a um novo estado organizacional" (RAYNAUT et al., 2000).

Mas Batuva me impressionou: a memória viva, as reconstituições do passado, a sociabilidade dos batuvanos a oferecer "suas comidas" e suas histórias de espanto... Assim, tentei reconstruir "meu campo", uma Batuva reconstruída junto, compartilhada no dia-a-dia com "meus informantes". É ela que se descortina a partir dos próximos capítulos. Oxalá tenha podido trazer um pouco que seja de sua diversidade e riqueza ou mostrar como muito aprendi neste Campo!

CAPÍTULO 1

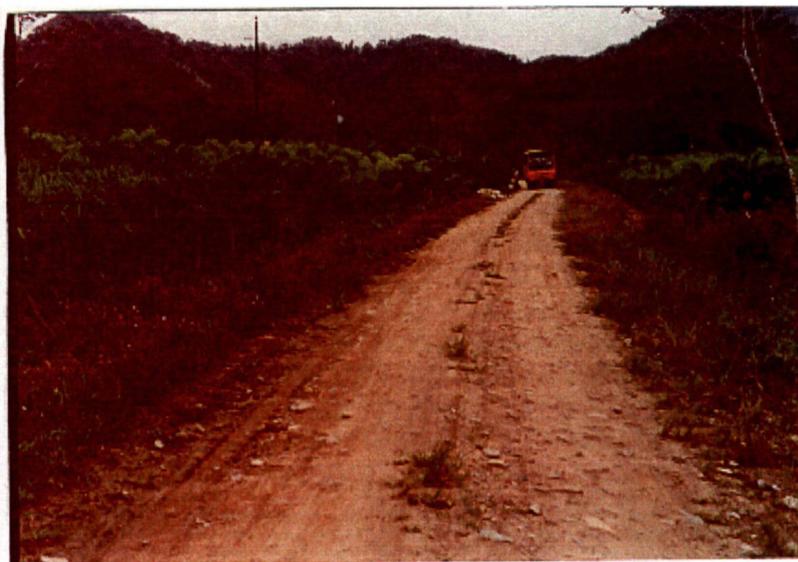
O CAMPO

*O senhor tolere, isto é o sertão.
Uns querem que não seja...
(Guimarães Rosa, 1984)*

1.1 A VIAGEM¹³

De Antonina, em estrada ainda com asfalto até próximo a Hidrelétrica Parigot de Souza construída pela Copel, percorre-se um trecho de paisagens luxuriantes dentro da Mata Atlântica – árvores, aves e animais diversos. Ao longo da estrada encontram-se "sítios" com nomes em placas como a anunciar sua presença, às vezes não percebida da beira da estrada: "Sítio Feliz", "Sítio Serra Azul", "Sítio da Felicidade" e outros tão bucólicos e singelos que nos fazem pensar como seria a vida "lá dentro", para combinar com a paisagem "daqui de fora".

FIGURA 1 - A ESTRADA DE BATUVA



FONTE: Foto de João Castello Branco Machado, 2000

¹³Guaraqueçaba se comunicava com o restante do Estado do Paraná exclusivamente por via fluvial ou marítima até 1970. Somente nesta época ficou pronta a rodovia BR-277, permitindo a viagem de Curitiba até Antonina, e de lá, pela, pela PR-404 até Guaraqueçaba, num total de 174 km (GOVERNO DO PARANÁ. Disponível em: <http://www.pr.gov.br>. Acesso em: 2001).

Após percorrer 14 km, à direita, no sentido leste, inicia-se outra estrada, a PR-404, sem pavimentação, localizada no vale do Rio Guaraqueçaba, integralmente em Área de Proteção Ambiental.

É um caminho com rios de águas claras e muitas pedras. Pontilhões para passagem de um carro somente, 66 km de poucas casas e de raros transeuntes. Trecho que se consegue vencer em aproximadamente três horas de viagem. Com chuvas, freqüentes na região, as condições da estrada mostram-se mais desfavoráveis. Embora nenhum viajante fique incólume à paisagem que se abre na travessia da Serra Negra, contrapondo-se à sua beleza evidenciam-se as dificuldades para os moradores deslocarem-se devido à precariedade da estrada e de sua manutenção. Questões que por vezes tendem a passar despercebidas por turistas, passantes, visitantes.

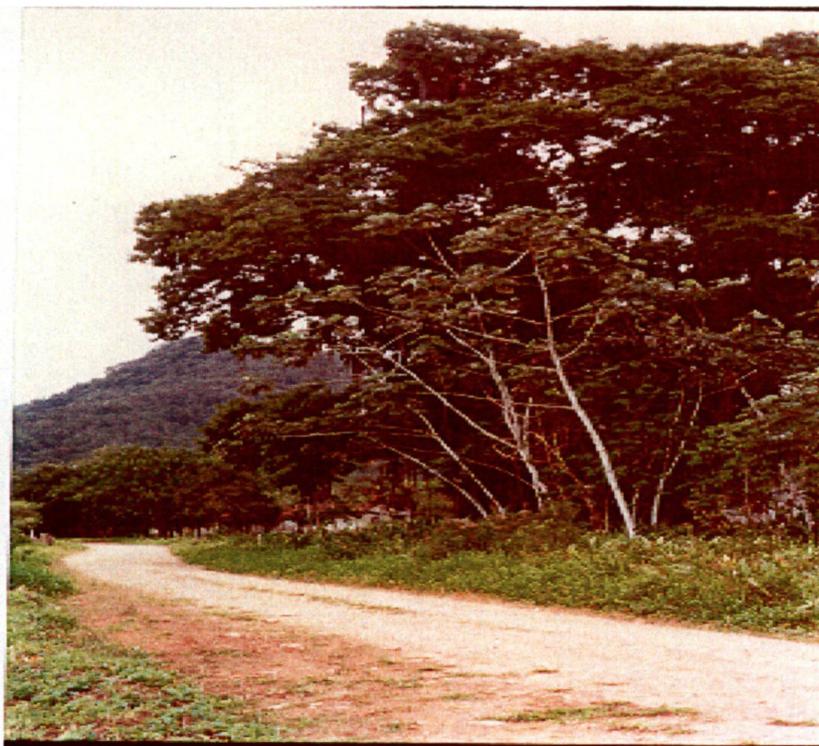
Há um mirante na Serra Negra. Um tanto destruído, embriaga pela paisagem que descortina. Lá no fundo, esticando-se até o horizonte, tons diferentes de um azul esverdeado misturam-se no céu com recortes do mar da Baía de Guaraqueçaba. Embriaga, mas logo que se volta à estrada, novamente passa-se a considerar as dificuldades para o deslocamento dos moradores. É por isso que o caminho mais "fácil", ainda é o mar. Utilizam-no para a comercialização da sua produção agrícola, acesso a hospitais e médicos, escolas de 2.º grau, compras domésticas.

Seguindo a viagem, passa-se por uma velha estrada de acesso às cabeceiras do rio Morato, onde se esconde e se mostra na sua beleza, o Salto Morato.¹⁴ Trilha precária, talvez aberta nos anos sessenta para comercialização de madeira. São evidentes os sinais da antiga exploração nos tocos decepados das grandes árvores que ainda estão por lá. À distância, a mata exuberante exhibe todo o seu perfil.

¹⁴Os moradores comentam de outras "cachoeiras" tão ou mais exuberantes, apesar de desconhecidas para "os de fora". Visitam-nas, fazem passeios a pé ou a cavalo. O Salto Morato é "para turistas".

Mais alguns quilômetros – 20 km antes de Guaraqueçaba – abandonando a estrada "principal" que segue até a sede do município, tem início à esquerda um trecho de 18 km até Batuva. Construído em 1985, é percorrido em uma hora de viagem. Uma estradinha estreita, transitável à custa de muitas pedras trazidas do rio Guaraqueçaba, que corta a estrada "mais lá pra frente". Seixos retirados dos rios da região e pedras trazidas pela prefeitura de Guaraqueçaba, de todos os tamanhos, auxiliam e dificultam a viagem. Sem eles a lama venceria, com eles não se consegue viajar a mais de 15 e 20 km/hora. Nesta estrada, na altura do Ariri, em ambos os lados, toda a área foi desmatada. Estão lá, testemunhas de devastação, os tocos das antigas árvores ainda mostram as pontas de carvão que a "queimada" produziu. "Fazenda dos Pamplona, que até hoje tão com a madeira apreendida, e pagando multas pro Governo." (Comentários do Sr. N. Pires).

FIGURA 2 - CHEGANDO EM BATUVA



FONTE: Foto de João Castello Branco Machado, 2000

Estrada por onde se chega, se transita, se sai de Batuva. Os moradores servem-se de um ônibus com linha diária até Guaraqueçaba, cuja viagem tem a duração de aproximadamente duas horas. Este ônibus, propriedade de um morador de Batuva, tanto leva as crianças para a escola, como transporta produtos para serem comercializados, compras feitas e trazidas pelo motorista por encomenda de moradores, além de doentes, mulheres grávidas...

Aproximando-se mais, começam a surgir algumas *moradas*¹⁵, ainda em distâncias bem espaçadas, que diminuem à medida em que se chega a Batuva. A disposição das *moradas* ao longo da estrada, ou a alguns quilômetros "pra dentro", ao invés de se agruparem como uma vila, sem que à primeira vista se possa entender as regras de distribuição do espaço, é o significativo retrato de Batuva. São os "sítios" que desenham recortes de terra nas duas margens do Rio Guaraqueçaba.

1.2 BATUVA, PATRIMÔNIO AMBIENTAL

Batuva é uma das dezessete comunidades do município de Guaraqueçaba na sua parte continental,¹⁶ e está a aproximadamente 27 km da cidade de Guaraqueçaba, localizada no vale de rio do mesmo nome. O guará, ave pernalta, semelhante a uma garça e de plumagem fortemente avermelhada, visto ainda nas proximidades da Baía de Paranaguá na década de 1970, emprestou o nome ao município de Guarakessaba – "pouso da ave guará".¹⁷

Área representativa de Mata Atlântica, o município de Guaraqueçaba passou desde 1984, com a criação do Conselho de Desenvolvimento Territorial do Litoral Paranaense, a ter sua ocupação controlada. Em 31 de janeiro de 1985, o

¹⁵Como são chamadas as casas de Batuva.

¹⁶No Município existem 26 comunidades: 17 na parte continental e 9 nas ilhas (Ilha Rasa, Ilha das Peças, Ilhas Pinheiro e Pinheirinho, Ilha das Gamelas, Ilha das Laranjeiras, Ilha do Superagüi), conforme IBGE – Censo Demográfico, 2000.

¹⁷Significado da língua Tupi-Guarani.

então Presidente do Brasil João Figueiredo assinou Decreto que criou a Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – APA de Guaraqueçaba,

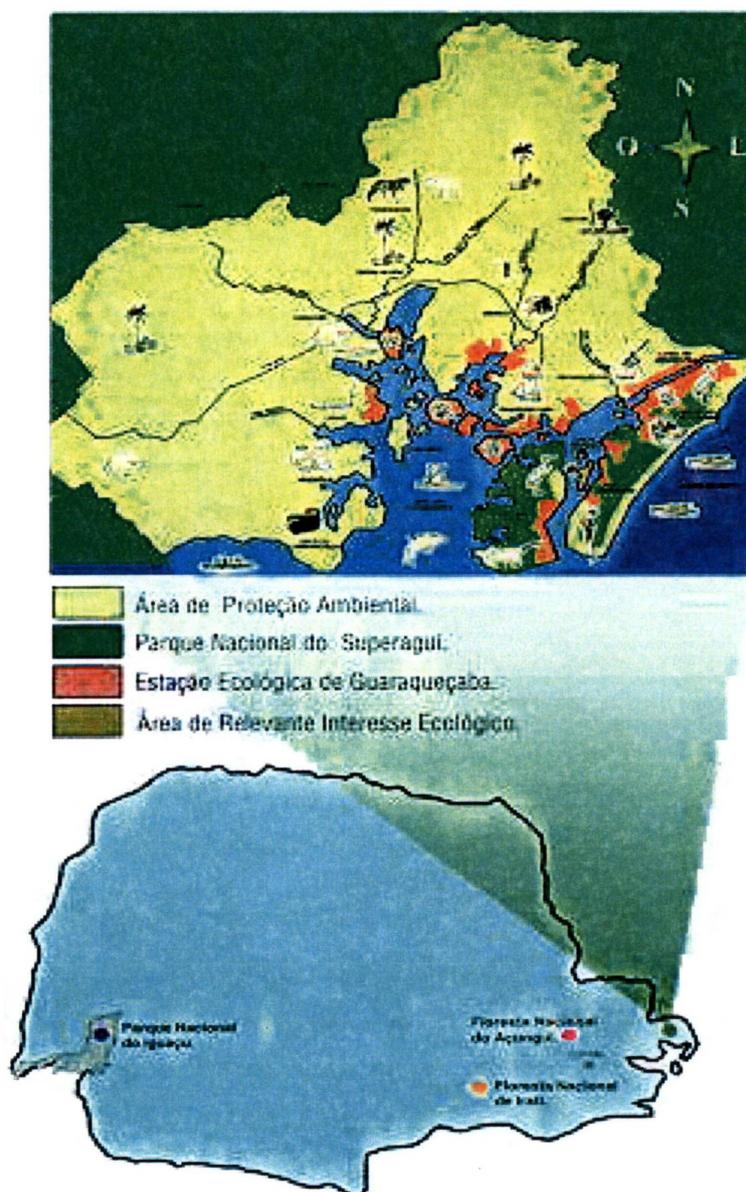
(...) com o objetivo de assegurar a proteção de uma das últimas áreas representativas da Floresta Pluvial Atlântica, onde encontram-se espécies raras e ameaçadas de extinção, o complexo estuarino da Baía de Paranaguá, os sítios arqueológicos (sambaquis), as comunidades caiçaras integradas no ecossistema regional, bem como controlar o uso de agrotóxicos e demais substâncias químicas e estabelecer critérios racionais de uso e ocupação do solo na região (Decreto-lei n.º 90.883/85, de 31/01/85, Art. 1.º).

A APA de Guaraqueçaba abrange quase a totalidade do município (exclusive a Sede) e ainda parte dos municípios de Antonina, Paranaguá e Campina Grande do Sul. São 313.484 hectares. Esta área foi declarada pela Unesco (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizations*) Componente da Reserva de Biosfera da Mata Atlântica, Patrimônio da Humanidade, composto por um ambiente de estuário, ilhas, manguezais, planície litorânea, serra e planalto.¹⁸

Com grande potencial ecológico, a região de Guaraqueçaba acabou por transformar-se no maior e mais diversificado complexo de áreas naturais protegidas do litoral brasileiro, abrangendo: uma Estação Ecológica (de Guaraqueçaba) nacional, duas Áreas de Proteção Ambiental (uma APA federal e uma estadual, que parcialmente se sobrepõem), um Parque Nacional (do Superagüi) e três Reservas Particulares – a Reserva Natural Salto Morato, a Serra do Itaqui e do Sebui. As áreas protegidas compreendem também regiões tombadas, como a Ilha Artificial do Superagüi e mais um terço da Serra do Mar, no Paraná. Todo este espaço ainda faz fronteira com outras importantes áreas protegidas: o Parque Estadual de Jacupiranga, ao norte; o Parque Estadual da Ilha do Cardoso e a APA Federal de Cananéia-Iguape-Peruíbe, a nordeste, todos em São Paulo; além da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi, a oeste; e da Estação Ecológica da Ilha do Mel, ao sul, ambos no Paraná.

¹⁸IBAMA. Disponível em: <http://ibama.gov.br>. Acesso em: 2001.

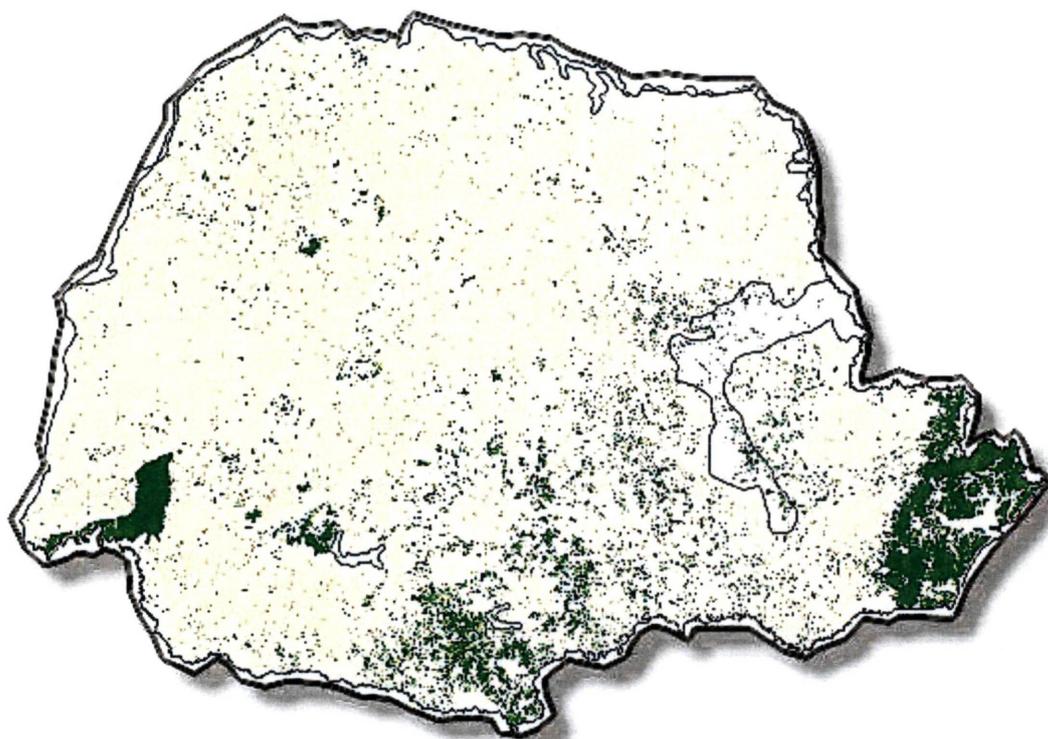
FIGURA 3 - ÁREAS PROTEGIDAS DO MUNICÍPIO DE GUARAQUEÇABA



FONTE: IBAMA. Disponível em: <http://ibama.gov.br>. Acesso em: 2001

A Floresta Atlântica¹⁹ contém mais de 50% da biodiversidade do planeta e compõe 7% da superfície terrestre (ZANONI et al., 2000). A intensa devastação que a Floresta Atlântica tem sofrido – cobria cerca de 11% do território nacional e hoje está reduzida a cerca de 4% da cobertura original - fez da região de Guaraqueçaba o seu maior conjunto remanescente. A região detém a maior área contínua preservada no Brasil – 12% do total e figura em segundo lugar na lista de florestas tropicais mais ameaçadas da Terra (SPVS, 1992).

FIGURA 4 - PARANÁ - REMANESCENTES FLORESTAIS



FONTE: IAP, 1994

¹⁹O Decreto Federal n.º 750, de 10/02/93, considera Mata Atlântica as formações florestais e ecossistemas associados inseridos no domínio Mata Atlântica, com as respectivas delimitações estabelecidas pelo Mapa de Vegetação do Brasil, IBGE, 1988: Floresta Ombrófila Densa Atlântica, Floresta Ombrófila mista, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional Decidual, Manguezais, Restingas, Campos de altitude, Brejos interioranos e os enclaves florestais do Nordeste. Em Guaraqueçaba encontram-se 111.945 ha da Mata Atlântica do Paraná.

A APA de Guaraqueçaba, além da reserva florestal, constitui também um dos últimos redutos para várias espécies animais, por isso considerada banco genético de importância mundial. As principais espécies ameaçadas na região são o jacutinga, o macuco, o jaó do litoral, o curió, o papagaio de cara roxa, além dos mamíferos: paca, anta, onça pintada, bugio, mico de cara preta, boto, e alguns répteis: o jacaré do papo amarelo, a tartaruga de pente e a tartaruga de couro. (IBAMA, 1995).

Este é o cenário de Batuva, pequena comunidade inserida no contexto mais amplo de Guaraqueçaba. Ali desenrolou-se a pesquisa de campo, lugar de amigos, conhecidos, de lembranças compartilhadas e também "boas" para a reflexão antropológica, que repõe distâncias e implica estar "lá e aqui" ao mesmo tempo (DA MATTA, 1981).

Para a antropologia, o interesse pelas relações que as sociedades mantêm com seu meio ambiente manifestou-se pelo estudo da "cultura material", a análise dos modos de conhecimento de objetos e fenômenos naturais ligados à sua utilização técnica e simbólica. Este tema motiva a interdisciplinariedade e Lévi-Strauss tem aí papel importante, quando se volta para as relações que as sociedades mantêm com a natureza. Pode-se lê-lo no seu *Structuralisme e Ecologie* (1983), mas também na perspectiva da *ciência do concreto* que desenvolveu em *O Pensamento Selvagem*, escrito em 1962.

A distinção entre natureza e cultura tende a ser suprimida quando se analisa a parte da natureza que está diretamente submetida ao homem, produzida ou reproduzida por ele. Pode-se pensar a natureza como exterior ao homem, não se pode pensá-la, no entanto, como exterior à cultura, à sociedade, à história (GODELIER, 1992). Assim, se a natureza é realidade material, é ao mesmo tempo ideal, imaterial, na medida em que é transformada pelo pensamento, visão de mundo, individual ou coletiva. Há uma apropriação da natureza pelo homem, e isto já a partir de uma determinada forma de sociedade e cultura (SAHLINS, 1988). Também a natureza não cessa jamais de agir sobre o homem. As diferentes

estratégias que ele tem inventado para sua adaptação às exigências naturais podem ser pensadas como o reflexo especular das estratégias de ambientação que animais e plantas também têm desenvolvido para se submeter à convivência humana. O homem, porém, o faz de forma consciente e socialmente, embora sua ação muitas vezes seja contraditória e nem sempre se converta em ganhos sociais.

O que resulta em reflexão para a antropologia é a investigação das relações entre as forças materiais e ideais que o homem mantém numa época determinada, e as relações sociais que dão suporte à sua ação sobre a natureza. E ainda, mostra-se necessário analisar os sistemas de representação que os indivíduos e grupos de uma determinada sociedade têm do seu meio ambiente, pois é a partir deles que agem sobre o ecossistema específico onde estão localizados (GODELIER, 1992). Estas perspectivas são particularmente pertinentes em Batuva, pois a legislação de preservação e as implicações das determinações previstas no seu texto, intervieram profundamente nas relações homem-natureza, nas populações nativas.

Sabe-se que diante de mudanças drásticas, são as normas e estratégias sociais que estão a comandar o modo como os recursos naturais são controlados e explorados, mas também elas se vêm modificadas (RAYNAUT, 1994). Com os batuvanos, por certo não é diferente. Sua prática não possui somente valor instrumental, é também a expressão de uma imagem, uma representação da realidade. Assim, a cadeia de acontecimentos, que vêm determinando mudanças, só parcialmente é baseada na causalidade material. Outros fatores intervêm: as relações simbólicas, a influência do jogo do imaginário e o exercício de seu saber, enfim, os elementos constitutivos de sua cultura, *a própria forma de vida do povo* (SAHLINS, 1997). Para compreender tudo isto, é preciso conhecer a força do discurso preservacionista e acompanhar as políticas públicas na região, particularmente na APA.

Nesse contexto, os agricultores familiares que ali vivem sofrem as conseqüências de uma política de proteção ambiental, que embora necessária para a

preservação do "patrimônio natural" – principalmente o estuário e o mangue – não leva em conta suas necessidades de reprodução social e as atividades que praticam, desde muito tempo: a agricultura e a pesca (GERHARDT, 1998), a caça e o extrativismo.

Para WEBER (1986), o patrimônio natural é

... o conjunto dos elementos naturais, e dos sistemas que estes formam, que são suscetíveis de serem transmitidos às futuras gerações ou de se transformar. Fazem parte do patrimônio natural: as espécies animais e vegetais, as populações animais e vegetais cuja duração da vida e o ritmo de renovação implicam na possibilidade de acúmulo e portanto de transmissão, os elementos e os produtos do meio natural que são regular e rapidamente renovados ou reciclados mesmo que eles só possam ser apreendidos em termos de fluxo, os sistemas ecológicos onde as espécies se reproduzem, incluindo o suporte físico destes sistemas, os sistemas físicos de circulação de matéria e de energia; os elementos permanentes da ecossfera terrestre que ele não pode se apropriar; e os elementos cuja origem são totalmente imputadas ao homem.²⁰ (tradução livre)

A concepção tradicional de patrimônio, como algo pertencente a alguém que é o seu titular, reenviava fundamentalmente ao universo doméstico e à transmissão de bens entre gerações. Absorvido pelas políticas de preservação ambiental, nos últimos anos, o conceito passa por uma alteração fundamental. Quando órgãos internacionais como a Unesco definem Patrimônio da Humanidade, acabam num discurso ambíguo: preservar para as futuras gerações o meio ambiente, desconsiderando as populações locais, que ficam assim separadas do direito particular em gerir o "seu" habitat. Não se pensa na "preservação" das sociedades que ali vivem. A intenção dos decretos e sua aplicabilidade são

²⁰ *"Le patrimoine naturel est l'ensemble des éléments naturels, et des systèmes qu'ils forment, qui sont susceptibles d'être transmis aux générations futures ou de se transformer. Font partie du patrimoine naturel: les espèces animales et végétales, les populations animales et végétales dont la durée de vie et le rythme de renouvellement impliquent la possibilité d'une accumulation et donc d'une transmission, les éléments et les produits du milieu naturel qui sont régulièrement et rapidement renouvelés ou recyclés même s'ils ne peuvent être appréhendés qu'en terme de flux, les systèmes écologiques où les espèces se reproduisent y compris le support physique de ces systèmes, les systèmes physiques de circulation de matière et d'énergie, les éléments permanents de l'écosphère terrestre qui sont rattachables à un territoire et peuvent de ce fait être transformés par l'homme et qu'il ne peut s'approprier, et les éléments dont l'origine sont totalement imputables à l'homme"* (in HUBERT et LEVEUVRE, 1992).

divergentes, na medida em que efetivamente as "populações tradicionais" passam a constituir obstáculos.

No entanto, a passagem da noção de patrimônio de direito privado, concernente a uma pessoa, para a idéia de direito público – de patrimônio comum –, de interesse da coletividade e que deve ser transmitido às gerações futuras, revoluciona os conceitos tradicionais e o modo de se considerar patrimônio.

Essa expansão do conceito contém elementos que vão naturalmente conduzir a uma direção que ultrapassa o âmbito geográfico e físico do patrimônio comum nacional. Situa-o num quadro internacional e sociológico muito mais vasto, e passa-se a falar em "Patrimônio Comum da Humanidade" (HUMBERT e LEVEUVRE, 1992).

Nesse sentido, a região de Guaraqueçaba encontra-se "fatiada" por diferentes interesses: internacional, nacional e particulares, que a definem patrimônio natural/ Patrimônio da Humanidade.

O termo "patrimônio natural" é citado no direito francês pela primeira vez em 1967, e usado na "Convenção Internacional Relativa à Proteção da Herança Universal Cultural e Natural", aprovada em Paris no ano de 1972, da qual o Brasil é signatário. A Convenção teve por principal objetivo "estabelecer um sistema de proteção à herança cultural e natural de valor universal, organizado de forma permanente e de acordo com os modernos métodos científicos".²¹

A delegação brasileira participante da Conferência das Nações Unidas para Ambiente Humano, realizada em 1972 em Estocolmo (Suécia), corroborou a declaração que definiu [como] o "... subdesenvolvimento é uma das causas da poluição do mundo", surgindo ações mais efetivas de proteção ambiental.

No mesmo ano, a Unesco (1972) considera patrimônio natural:

²¹Encontram-se maiores informações sobre esse assunto nos estudos de Benatti s/d. – pesquisador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/UFPA e diretor-executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia-IPAM.

... os monumentos naturais constituídos pelas formações física ou biológicas ou pelos grupos de tais formações que são um valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

... as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas constituindo o habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, que tem um valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

... os sítios naturais ou as zonas naturais estritamente delimitadas, que têm um valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, da conservação ou da beleza natural...

Após a participação da delegação brasileira na Conferência das Nações Unidas realizada em Estocolmo, é que medidas efetivas foram tomadas com relação ao meio ambiente no Brasil. Ainda na década de 1970, foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema),²² com o objetivo de discutir junto à opinião pública a questão ambiental. Em 1979 foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente hoje integrada ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama)²³ que definiu a questão ambiental.

Na legislação brasileira são numerosos os direitos ao meio natural, ao artificial e ao cultural. Porém, nos comentários de uristas "... há uma colisão de direitos constitucionais" na medida em que a política governamental até agora desenvolvida considera somente os aspectos relacionados aos interesses do governo de "plantão" (BENATTI, s/d, p.9).²⁴

Apesar da criação de diferentes órgãos, a Política Nacional do Meio Ambiente foi instituída em 1981, o que veio a estabelecer regras ambientais no país. No entanto, a Constituição Brasileira, de outubro de 1988 foi o passo decisivo para a formulação de política ambiental no Brasil, ao declarar que "... todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à

²²IBAMA. Decreto Federal n.º 73.030, de 30/10/1973. Disponível em: www.ibama.gov.br. Acesso em: 2001.

²³IBAMA. Lei n.º 7.735 de 22/02/1989. Disponível em: www.ibama.gov.br. Acesso em 2001.

²⁴Um caso exemplar no Paraná é o Plano de Manejo da Ilha do Cardoso produzido pelo Governo do Estado em 1976. Neste Plano sequer é mencionada a presença de centenas de famílias que ali viviam. Apesar disso, proibiu as atividades agrícolas, a criação de animais, pesca, caça. "Invisíveis" e desconsideradas, ou impedidas de praticar atividades de subsistência, aquelas famílias foram assim obrigadas a migrar para Cananéia, engrossando os bairros da periferia (ARRUDA, 1999).

sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo às presentes e futuras gerações" (Capítulo VI, Artigo n.º 225).

Embora o texto constitucional seja democrático, o que se vê, e estas notícias estão nos jornais, é que as comunidades que vivem em áreas protegidas estão desamparadas. Em defesa do meio ambiente são por vezes retiradas violenta e ilegalmente de suas terras. Parece que são indesejáveis para o poder público que, preso a concepções ambientais tecnicistas e unilaterais, não vê outra saída.

Em Batuva sente-se que as políticas de preservação do meio ambiente foram, em certa medida, impostas a comunidade, o que vem causando sérios conflitos cotidianos entre o modo de "vida tradicional" e as exigências legais para a preservação do patrimônio ambiental. Interesses parcialmente distantes, tanto culturais quanto econômicos – europeus, norte-americanos, entre outros – estão a pretender determinar como as famílias de Guaraqueçaba e conseqüentemente de Batuva, podem agir sobre o "seu" meio ambiente. Porém, os moradores de Batuva não "sucumbem" pacificamente às exigências externas. Há oposição e englobamento destas forças concretas. Existe um modo batuvano de se opor à mundialização que inclui seus valores e visão de mundo. Exemplo disso pode-se observar no caso do incentivo à plantação da pupunha, "um tipo de palmito que não é muito bom de gosto ..." Conversando com as pessoas do lugar logo fica-se informado da existência de sentimentos muito antagônicos a respeito das plantações de pupunha. Do ponto de vista econômico, enquanto a palmeira do palmito nativo "leva 07 ou 08 anos para crescer e estar pronta para o corte, a pupunha pode ser cortada com 3 ou 4 ano".²⁵ Em Batuva foram poucas as conversas em torno da

²⁵Visitei dois "sítios" em Batuva cujos donos plantam a pupunha. Um deles, cujo dono veio recentemente do município de Manoel Ribas (é uma das três únicas famílias que não são de Batuva, e que residem lá), é irmão do proprietário de um restaurante de Guaraqueçaba e que se elegeu vereador nas eleições de outubro/2000. Sua morada é bem grande comparada às demais de Batuva, e toda a sua terra está cultivada com pupunha.

O segundo sítio, o do Sr. Argemiro, morador antigo de Batuva, proprietário de muitas terras, tem uma pequena parcela do terreno plantado, e logo nas primeiras conversas já falou da "ganância dos homens que querem que corte as palmeirinhas com 2 anos antes mesmo de estar no tempo".

pupunha, porém é como se alguns teimassem e resistissem contra as políticas de proteção ambiental, mas também contra uma "modernidade" que em Batuva não tem lá tão fácil penetração... Daria para pensar com SAHLINS (2001), que plantar a pupunha seria o mesmo que a "entrega" de Batuva aos "estrangeiros", dentro de um modelo de contato intercultural tecido nos valores "nativos".

As famílias de Batuva estão a recriar o conjunto de suas estratégias de reprodução social e de exploração do meio ambiente, numa situação peculiar de restrição das atividades agrícolas e extrativistas tradicionais. As regulamentações referentes à exploração dos recursos naturais, em particular o palmito, tornaram sua extração uma atividade altamente controlada pelos órgãos do governo.²⁶ Assim, o trabalho tradicional na roça, a pesca, a caça e o extrativismo sofreram alterações e implicaram na sua reorganização.

Les activités productives y sont sévèrement contrôlées. La réglementation en vigueur impose de nombreuses interdictions et limitations d'usage concernant aussi bien les activités agricoles et forestières que les activités complémentaires comme la cueillette, la chasse et la pêche. Par ailleurs, la notion de "végétation naturelle", telle qu'elle est définie par la réglementation herbacée et arbustive. C'est le système de la défriche-brûlis, pratiqué jusqu'à maintenant par les paysans les plus modestes, qui se trouve ainsi interdit, alors que les activités agricoles sont également prohibées dans certains secteurs des vallées alluviales. Le système de surveillance destiné à assurer le respect de ces interdictions est essentiellement fondé sur des méthodes coercitives et répressives qui vont de la confiscation de la ressource prélevée, jusqu'à des contraventions, des peines de prisons et même des sévices²⁷ (RAYNAUT, 1999, p.12.)

²⁶Essa questão está discutida no Projeto de Pesquisa "História das interações sociedade/natureza", dirigido pelo Prof. Dr. Claude Raynaud, Université de Bordeaux 2/Universidade Federal do Paraná, Doutorado do Meio Ambiente e Desenvolvimento.

²⁷"As atividades produtivas ali são severamente controladas. A regulamentação em vigor impôs numerosas interdições e limitações de uso às atividades agrícolas e florestais como àquelas complementares como a coleta, a caça e a pesca. Ou seja, a noção de "vegetação natural", tal como ela é definida pela regulamentação herbácea e arbustiva. Este é o sistema de queimadas praticado pelos moradores mais modestos, os quais se encontram interditados das atividades agrícolas que são igualmente proibidas em certos setores dos vales aluviais. O sistema de policiamento destinado a assegurar estas interdições são essencialmente fundados sobre métodos coercitivos e repressivos que vão do confisco dos recursos retirados às contravenções, às penas de prisão e mesmo sevícias ..." (Tradução livre).

Junto a isso, as muitas histórias que compõem o legado simbólico das famílias de Batuva sofreram rupturas e alterações antes impensadas. É justamente este grupo de pequenos agricultores proprietários que enfoquei em Batuva. Eles formam e conformam a comunidade batuvense. Todos têm em comum o vínculo com a terra, relações familiares e memórias compartilhadas. São justamente estes os "objetos" privilegiados neste estudo. As relações econômicas e sociais que tornam possível sua existência, os elos com o mercado, serão objeto de reflexão quando iluminarem situações específicas que se quer compreender e vivenciar.

De uma perspectiva ampla, as relações sociais fundamentais na região não fogem à lógica do capital, mas o que interessa é compreender como os moradores de Batuva estão atentos ao mundo que os rodeia, às relações que se estabelecem e muitas vezes fogem ao seu controle. Afinal perceber "*como pensam os nativos*" (SAHLINS, 2001) "desenrolando" as situações que "se mostram" e as que "se escondem".

1.2.1 As Questões da Sustentabilidade

No bojo das políticas preservacionistas, que em última instância, tornam-se restritivas às estratégias de vida e trabalho dos batuvanos, surgem propostas de "desenvolvimento sustentável", enfocando com mais prevalência o meio físico.

O conceito de *desenvolvimento sustentável*, presente no Relatório Brundtland (1987), foi usado pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) em sua Estratégia Mundial da Conservação e retomado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (PROJETO DE PESQUISA - MADE/UFPR, 1999). Profundas divergências surgiram e ainda subsistem sobre o conceito entre pesquisadores e agências de desenvolvimento de diferentes países do mundo. Esta discussão contribuiu para repensar "modelos de desenvolvimento" na América Latina.

Do conceito de "desenvolvimento sustentável", discutido nos últimos anos, surgiram diferentes concepções de sustentabilidade ecológica e social (LÉLÉ, 1991). As diversas posições encontradas entre os teóricos do meio ambiente podem ser agrupadas, segundo FOLADORI (2000, p.2-4), em três grandes grupos:

- a) aqueles que entendem a sustentabilidade como exclusivamente ecológica. Estas posições consideram somente os problemas ambientais (deprecação e contaminação do meio biótico²⁸ e dos seres vivos) e, portanto, significa assegurar-se que os impactos ambientais mantenham-se dentro da capacidade que a Terra tenha para suportá-los e para assimilá-los. Como consequência desta posição, tem-se que as soluções são somente de características técnicas;
- b) para as concepções do segundo grupo, a sustentabilidade é ecológica e social, porém a parte social é somente veículo à sustentabilidade ecológica. Ou seja, há que se resolver as questões da sustentabilidade social, que se constitui no tema da pobreza e todas as suas consequências para a degradação ambiental, no que a pobreza afeta a sustentabilidade ecológica – queimadas, degradação dos solos, maior reprodução e consequente aumento de população, o que pressiona a demanda de recursos e aumenta os desperdícios. Como fica claro, também para este grupo, as soluções são técnicas, pois não é a pobreza em si, a fome, ou o desemprego etc., que estão em causa, e sim a degradação ambiental causada pela pobreza que finalmente afeta a todos;
- c) para o terceiro grupo, a sustentabilidade deve ser realmente social e ecológica em forma de co-evolução. Para os autores que trabalham com esta concepção de sustentabilidade social, o meio ambiente inclui, além do meio biótico e das outras espécies vivas, o homem. Desta

²⁸Que permite o desenvolvimento de seres vivos (conf. Dictionaire Achette, 2000).

forma entendem que as questões sociais em si mesmas podem gerar tanto a insustentabilidade como a sustentabilidade ecológica.

O conceito de "desenvolvimento sustentável", tal como proposto pelo terceiro grupo, embora ainda fortemente discutido, serviu de base para as propostas da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente realizada no Rio de Janeiro, em 1992. A partir de então, não se pensam projetos de desenvolvimento senão integrando as noções de "sustentabilidade" e "meio ambiente".

A noção de sustentabilidade não se reduz apenas ao controle das perturbações do meio físico, mas estende-se à diversidade e complexidade das relações sociedade-natureza, incluindo as dimensões ligadas à reprodução material e imaterial das comunidades humanas (RAYNAUT, 1999).

Afinal de contas, o que se fala quando se diz "desenvolvimento"? As chamadas populações "tradicionais", que apresentam um modelo de ocupação do espaço e uso dos recursos naturais voltados principalmente à subsistência, baseado no trabalho familiar, com pouca articulação com o mercado, normalmente de base sustentável (ARRUDA, 1999), não estão a clamar por mudanças e alterações no seus modos de vida. Movimentos e políticas de proteção dos recursos naturais em áreas conservadas, ao encontrarem resistência, estão a evidenciar isto. Os nativos são forçadas a adotar práticas conservacionistas – desenvolvidas – indicadas como as "mais adequadas". Isto, quando existem políticas. Em algumas situações, abandonados, são tratadas como estorvo. "Desenvolvimento" pode ser mais uma "bandeira" com linguagem científica, como tantas outras, mas é sobretudo ideológica. Implica uma alteração, imposta às "sociedades tradicionais", muitas vezes excludente. Este conceito – desenvolvimento – está incrustado no "... âmago do Ocidente aparentemente triunfante" (GODELIER, 1993). Direciona a um determinado tipo de relações econômicas, culturais e sociais, a despeito dos milhões de indivíduos cada vez mais marginalizados "... que este mesmo Ocidente empurra para a sua periferia transformados em massas 'assistidas'" (GODELIER, 1993).

No caso do Brasil existe ainda outra variável: subordinação a interesses internacionais, impostos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BIRD), Banco Mundial, entre outros. O "subdesenvolvimento" não é separado do desenvolvimento capitalista, mas fruto deste modo de produção.

A idéia do *develop-man* (desenvolvi-gente) melanésio (SAHLINS, 1997) recupera a conexão entre "gente" e "desenvolvimento" no seu pensamento. Idéia interessante para se pensar Batuva onde parece acontecer esta junção. No mundo ocidental não foi criado nenhum neologismo que represente esta preocupação, mesmo no meio científico. As discussões e ações em torno da proposta do desenvolvimento sustentável mostram as dificuldades em nominar uma proposta que claramente inclua o homem, e portanto expressá-lo num termo semelhante ao *develop man*. A intenção das políticas preservacionistas visa, além da proteção do meio ambiente, às "populações tradicionais". No entanto, ao defini-las como tradicionais as estão relegando a um espaço fora da "modernidade", como obstáculo a projetos de "desenvolvimento".

Como efeito, o que se vê é uma população pouco informada sobre seus direitos e deveres, posto que excluída do fórum de discussões e decisões. Pressionada por atividades constantes de fiscalização, vive sob fortes ameaças de descontinuidade de costumes, hábitos sociais e afetivos e com dificuldades reais de sobreviver com seus valores, formas de sociabilidade e produção.

Não são raras as famílias de Batuva que incentivam seus filhos a "irem para a cidade", que nestes casos, é Paranaguá ou mesmo Guaraqueçaba, e mais raramente Cananéia. Noutros lugares procuram empregos no comércio, nos serviços domésticos, na construção civil, "no Porto de Paranaguá", enquanto outros estudam para serem "professores" ou tentam um emprego público, privilegiado no seu entendimento e avaliação. "Soluções" que estão a denunciar a busca por novas formas de organização familiar e reprodução social, no que vêm ameaçados e superados os modos locais de sociabilidade e sobrevivência.

No entanto, muitos deles retornam ou continuam a manter laços afetivos, de parentesco e até econômicos com Batuva.²⁹ A sua idéia de pertença estica o espaço da comunidade para além de suas fronteiras concretas. A casa do irmão em Cananéia é "locus" do sentimento nativo. A casa da filha ou filho em Paranaguá, recria lá o ser batuvano. Suas identidades também são (re)produzidas naqueles espaços, que fogem à determinação do "território" original.

SAHLINS (1997, p.171), ao estudar a gente da Nova Guiné, analisa sua mobilidade/circulação espacial e considera que abre um novo campo para a comparação antropológica. Comparação, lembra o autor, não apenas entre as configurações doméstica e no caso do seu estudo, ultramarina, das comunidades de uma mesma sociedade, mas também entre os diferentes tipos de formações culturais que se estabelecem.

As ações que concernem ao caráter sustentável ou não de uma situação particular e de um dado processo, não podem ser formuladas a partir de modelos gerais, aplicáveis a todas as situações, sobre bases de dados estritamente objetivos e científicos. Obrigatoriamente, devem ser relativas às dimensões nas quais são produzidas, num domínio particular, de ordem social, política, ética e cultural. Mudanças não levaram necessariamente a situações de superexploração predatória; e, por outro lado, seria um paradoxo afirmar que populações tradicionais sejam antagônicas às necessidades de proteção dos recursos naturais. Dadas as

²⁹ Isso reforça o que mostram os dados estatísticos do IBGE. Além de a população da região manter-se relativamente estável, Guaraqueçaba é um dos poucos municípios no Paraná que registra uma maior proporção entre habitantes do meio rural em relação ao urbano. O que demonstra a existência de muitos deslocamentos internos no município entre as "comunidades", mas não um esvaziamento populacional, como na maioria das pequenas cidades do interior paranaense.

A população urbana de Guaraqueçaba é de 2,582 hab. e a rural de 5,706 hab., num total de 8,288 hab. (Dados do IBGE, Censo de 2000). A taxa urbana é de 32%. Esta proporção tem se mostrado estável quando se comparam os dados do Censo de 1970 ao de 1996: A taxa urbana é de 17,6% em 1970 e 28,1% em 1996. Nos outros municípios da região esta mesma taxa urbana é de 84,6% em 1996 (IBGE/IPARDES, 1997, em análise comparativa feita por GONÇALVES, 1999).

condições estruturais, ao contrário, elas podem desempenhar um papel central na conservação (ALMEIDA, 1994).

Situações ilustrativas no Brasil são as histórias das populações indígenas. Vivendo há séculos de forma relativamente autônoma e apesar das ações para incorporá-las à racionalidade técnica e à produção econômica, desenvolvem estilos de vida próprios e visões de mundo particulares, com conhecimento extenso e minucioso acerca do seu meio ambiente. Dos "absorvidos" pela sociedade nacional, muitos se encontram em situação de miséria, perambulando pelas periferias das cidades. Sem perspectivas e estupefatos com a destruição dos seus costumes e de "sua" natureza, diante da cegueira das práticas de demarcação de áreas indígenas e do descaso com os seus "direitos" legalmente instituídos.³⁰

As etnografias podem trazer sua colaboração ao menos ao registrar a representação dos fenômenos que definem "rupturas" da sustentabilidade nas sociedades estudadas, ao pensar alternativas a partir do relato detalhado das experiências das populações nativas, que enfrentam políticas de preservação do meio ambiente, que alteram costumes, meios de vida, sociabilidade, enfim, a vida, num sentido mais amplo, nessas regiões. E mais que isso, possibilitar o conhecimento das estratégias seculares dessas populações, que, efetivamente, têm alguma coisa a dizer.

1.3 AS MORADAS

Casas de madeira. Poucas janelas. Quase sempre fechadas. Janelas feitas somente com tábuas, trancadas por uma tramela. Pouca pintura. O que sobressai é a cor da madeira velha já manchada pelo tempo. As casas são rodeadas por

³⁰É o caso dos Guarani e Kaingang que habitam a região de Guaraqueçaba.

extensos terrenos, e distantes umas das outras. Telhados coloniais também escurecidos. Assim são as moradas de Batuva.

A morada, o paiol, alguns animais, vegetação abundante...São os sítios. Os terreiros em volta das casas confundem-se com o vigor da mata, demonstrado pelas plantas e flores que crescem em volta, e quase dentro das casas. A palmeira, do palmito nativo, "juçara", sem dúvida caracteriza a paisagem local. Copa e folhas recortadas balançam com pouco vento dando a impressão que são as responsáveis pela brisa, tão necessária naquele vale quente e úmido. Também são abundantes nas encostas dos morros onde os moradores apontam indicando as suas roças, misturadas à floresta que contorna o vale do Rio Guaraqueçaba – limite dos seus sítios. Contrastando, a plantação de pupunha aparece como ilhotas em alguns poucos sítios.

FIGURA 5 - MORADA DE BATUVA



FONTE: Foto da autora, 2000

Não há cercas demarcando os espaços particulares de cada família. Às vezes, cercas vivas, com folhagens da região, marcam alguns limites, separam lugares e distâncias. Principalmente quando os filhos casados também estão instalados no sítio. Então, da casa principal, que costumeiramente é a dos pais herdeiros das terras, avistam-se as demais moradas. Algumas, as mais singelas, em harmonia com a paisagem, não têm portas nem janelas, somente o vão aberto por onde podem entrar também, além das plantas, os animais "da casa"... Mas também a chuva, o vento, o frio...

São raras as que têm uma varanda, vasos de flores, jardins cultivados. Existem flores, porém são nativas, como as árvores frutíferas que rodeiam as casas. Tangerina, limão, laranja, goiaba, carambola, jabuticaba, plantas medicinais...

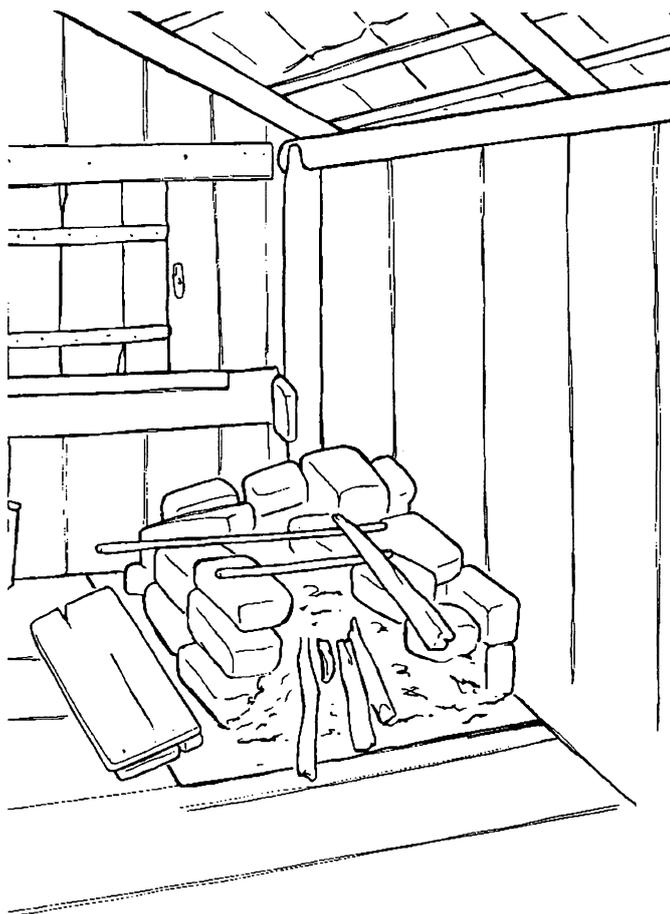
Velhas árvores de troncos enrugados, que fazem a sombra para o bate-papo, a beleza do olhar pela janela, o brinquedo das crianças. Alguns cipós pendurados a servir como balanços, galhos mais baixos a ajudar a subir...

Quando "chega-se" por convite dos donos da morada, se é recebido na cozinha, raramente na sala. Aos poucos percebe-se que este é o ambiente da casa que se comunica com o exterior e é, portanto, o lugar menos privado. Ali são recebidos os vizinhos e as visitas, os "de fora". Também é o espaço feminino da casa, pois é ali que as mulheres exercitam seu conhecimento e o poder conseqüente que isto lhes confere. Na comunidade de Batuva o homem tem lugar privilegiado em quase tudo, mas a cozinha é das mulheres.

Nos cantos de algumas cozinhas, ainda se vê o fogão de tijolos ou pedras emplastadas de cimento ou barro, tão bem documentados pelo casal Alvar.

Paredes escurecidas pela fumaça constante, mesa e bancos ou cadeiras informando que as refeições da família são feitas ali. As "moradas melhores" têm uma pequena sala, não mais sofisticada, não fosse pelas paredes dividindo os cômodos.

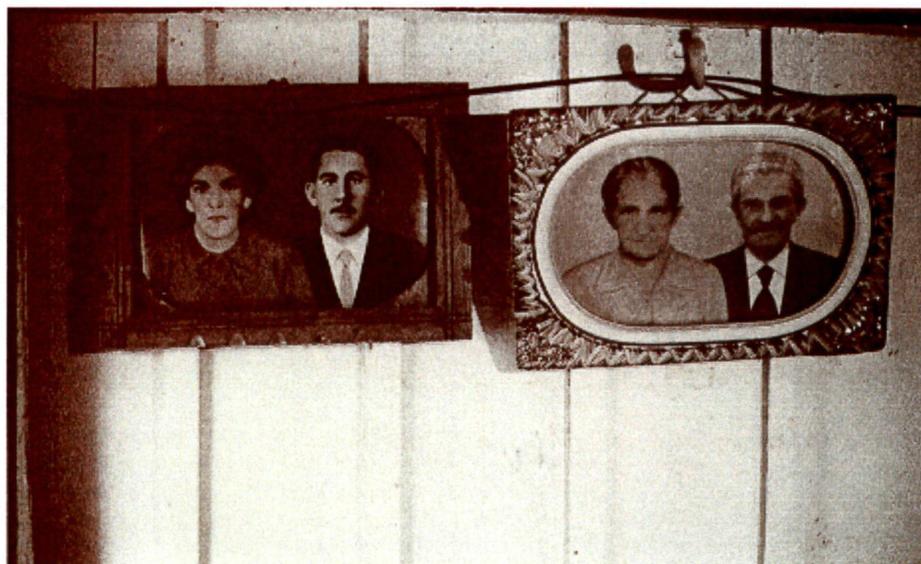
FIGURA 6 - FOGÃO



FONTE: ALVAR, J&J, 1979

Expostas nos espaços públicos da casa, estão as fotografias de família. Transformaram-se em documentos apresentados como evidência, a memória genealógica dos batuvanos, parte do campo de representação e expressão do pensamento que pretende dar uma definição da realidade (KOURY, 1995). Os pais e avós fazem lembrar os antepassados, estão ali a testemunhar uma ligação genealógica, mas, sobretudo, a testemunhar suas "andanças" pelas terras de Batuva.

FIGURA 7 - FOTOS DE FAMÍLIA



FONTE: Foto de João Castello Branco Machado, 2000

Todas as moradas, desde as mais simples e pequenas, com no máximo três peças – as maiores – com melhor acabamento e varanda – possuem o "paiol", ao lado ou nos fundos – lugar para guardar "a lavoura", cereais, sementes e grãos. O paiol, também chamado "tuia", abriga ainda os apetrechos usados na roça. Assim, antes de sair de casa, costumam passar no paiol para apanhar a rocega, foice de cabo curto que serve também de arma, botas de borracha, cestos e demais utensílios necessários. Este espaço é um território marcadamente masculino, onde os homens se reúnem para conversas no final da tarde. Mulheres não são convidadas pelos homens para conhecer o interior de um paiol. Mas as da família "passam" por ele quando apanham as ferramentas para o trabalho da roça ou para lidar com a criação.

Ainda no espaço em torno da morada, perto do paiol, ficam os animais da casa. Galinhas soltas que "... chocam no meio do mato, as fujonas, só pra dar trabalho de encontrar o ninho",³¹ porcos, além dos cachorros e gatos. Hortas,

³¹Comentários colhidos com uma das moradoras, enquanto escolhia uma galinha que ia matar para o almoço.

pomares, também fazem parte da paisagem. Finalmente, no quintal, os fornos de tijolos feitos pelos maridos, usados para assar o pão e os bolos para a família, ajudam a compor o conjunto da morada.

A tal forma "simples de morar" – cozinha, quartos e sala – correspondem os utensílios, muitos dos quais feitos por eles mesmos: prateleiras, mesas, bancos, colheres de pau, cabos de enxadas, martelos, pás, cestos, móveis, colchas, tapetes de restos de pano. O modo como as moradas são decoradas e enfeitadas interna e externamente, a partir de desenhos, cores e gostos pessoais, retrata suas representações culturais. São modelos próprios, não se identificam com o que "está na moda". A escolha das fotografias de família dispostas pelas paredes, os chinelos deixados do lado de fora da porta, as peças de roupas penduradas em pregos, as taramelas ao invés de fechaduras, não destoam do modo como os moradores se vestem. Roupas feitas em casa, uma ou outra peça comprada. Misturas "caiçaras" de cores e tecidos, modelos e arranjos, lembranças, histórias. Esses são os espaços de sociabilidade, onde as famílias se reúnem, histórias são contadas, lembranças avivadas.

Do total das 61 *moradas*, em torno de 15 possuem televisão e geladeira. Banheiros também são raros como peça que compõe a construção principal. Na maioria são as "casinhas" nos fundos do terreno. O banho, nestes casos, é tomado na cozinha, em grandes bacias. Talvez, herança deste hábito, nas casas onde já há banheiro, fizeram-no contíguo à cozinha, tendo somente a porta separando-o/juntando-o a ela, e não próximo aos quartos como o costume do meio urbano.

Na Páscoa de 2001, a filha dos donos da morada onde estava hospedada, pediu-me para ler este texto, que já estava sendo construído, e comentou comigo o quanto "*achou interessante este assunto, pois por eles mesmos não tinham pensado nisto*". Porém, tinha mais dados para complementar minha observação: "*quando não tem banheiro dentro de casa, as mulheres e as crianças usam o quarto do casal para banhar-se e os homens tomam banho na cozinha. É o costume*" (M. Barreto Pires, 17 anos).

Todas essas informações foram recolhidas durante o período de dois meses de campo, de convivência cotidiana, de compartilhamento e "observação participante". Esta experiência aguçou questões teórico-metodológicas já postas em aulas, seminários e leituras: como pensar o campo? É esta a temática do próximo capítulo, em que procuro os "fios de Ariadne" que direcionaram o trabalho.

CAPÍTULO 2

PARA PENSAR O CAMPO

2.1 COMO SE VÊ, O QUE SE VÊ

O desenvolvimento do trabalho, acompanhando memórias e evocações do passado, descartou a pesquisa histórica tradicional em documentos referenciais impressos, os quais foram utilizados somente quando necessária a confirmação ou expansão dos dados e informações recolhidas. E mesmo porque não se dispõe facilmente de documentos de confronto dos fatos relatados a fim de se analisar lacunas e esquecimentos, que por certo a história oficial também os coleciona... Além do que, para o antropólogo, o passado que interessa é aquele que continua no presente, construído pela memória.

Desde seu início, o trabalho situou-se portanto na fronteira dos fatos culturais orais: rituais, costumes caseiros, memórias pessoais e familiares, "histórias de espanto", versos, prosa cantada, receitas, remédios caseiros, técnicas domésticas. Método que implica acompanhar o estilo dos pesquisados: trechos de conversa e convivência que precisam ser buscados e encontrados nos momentos em que afloram na sua vivência, e não são recriados em questionários ou entrevistas estruturadas.

Não utilizei gravador, pretendi não criar nenhuma dificuldade, quer fosse de constrangimento, preocupação com as notas que poderia estar tomando durante a conversa, quer fosse pela sua possível associação com "os homens do meio ambiente" que estão "vigiando" tudo que se faz. Esta escolha, além de estabelecer um "outro" tempo para a pesquisa de campo, deu o tom do estilo dos resultados apresentados. Logo entendi que, embora um planejamento dos trabalhos de "campo" fosse necessário, não poderia ser um planejamento rígido. Eu teria que acompanhar o tempo dos moradores de Batuva e, além disso, o material que queria recolher – memórias, lembranças, histórias – não se produzia somente pela demanda da pesquisa. Tinha também o "tempo" dos entrevistados. Da mesma

forma, a apresentação dos resultados é caracteristicamente qualitativa. Os números embora importantes, pois que fornecem referências reveladoras das condições da pesquisa, não ultrapassam a importância dos temas, conteúdos, estilos investigados e lá encontrados. A cada noite, depois do trabalho, procurei montar um texto que após "traduções e traduções", foi tomando corpo.

Querer estudar relatos, memórias e lembranças como fenômenos sociais, pensar a variedade e a riqueza observadas nestes objetos como parte de um processo ao mesmo tempo subjetivo e social, impôs analisar tais conceitos e sua utilização pela antropologia. O interesse antropológico que despertam as narrativas não se circunscreve à identificação da estrutura do discurso ou das formas de comunicação e de interação entre os interlocutores. Volta-se para os sentidos, os significados e a situação narrativa (interpretação não somente do que foi dito, mas da situação precisa em que foi dito); busca inseri-los no contexto mais amplo de itinerários pessoais e coletivos, alcançar os conteúdos e os sentidos sociais da experiência (MALUF, 1999, p.75).

As matérias discursivas – discursos nativos, histórias de vida, lembranças de infância, entrevistas não diretivas, que incluem tanto o discurso cotidiano como as narrativas de ficção ou histórias de vida e vocações do passado – trazem dificuldades para os antropólogos. "Poucos se questionam sobre a ausência de um método adequado e de uma definição precisa das ferramentas a serem utilizadas no momento da análise" dos dados recolhidos no campo (CAVIGNAC, 1999, p.246). A própria indeterminação terminológica ligada à natureza do objeto é um problema para o antropólogo "em campo". Assim, é preciso esclarecer, na medida do que já se encontram sistematizados, alguns pontos teórico-metodológicos norteadores de uma pesquisa neste campo de estudo.

As perspectivas da reflexão de Émile Durkheim deslocaram o eixo das investigações sobre o "espírito" humano, para as funções que as representações e idéias exercem no interior do grupo social e da sociedade em geral. O predomínio do social sobre o individual altera substancialmente o enfoque dos fenômenos ditos

psicológicos, tais como a percepção, a consciência e a memória. BOSI (1999), em trabalho clássico, salienta que os estudos de Halbwachs³² sobre a memória coletiva encaminham a pensar a memória do sujeito como dependente de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com os grupos de convivência. São, portanto, as instituições que ganham relevo na formação da memória. Logo, lembrar não é simplesmente reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias do presente, as experiências do passado. A lembrança não retrata exatamente o vivido, mas é construída a partir do conjunto de representações que povoam a consciência no momento em que é atualizada.

Escutando as narrativas e histórias familiares dos batuvanos tentei perceber como é possível uma representação uniforme e original do passado, bem como encontrar as categorias de pensamento que ordenam o seu mundo social e natural. Assim, a memória individual é amarrada à memória do grupo e esta última à esfera da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

A palavra tradição, do latim, *traditio*, significa, precipuamente, entregar, passar algo para outra pessoa ou de uma geração para a outra. O narrador faz isto, de alguma maneira, ao passar suas memórias, retratos do seu passado, suas lembranças, fazendo delas, experiências dos outros. Por sua vez o verbo *tradire* está relacionado ao conhecimento oral e escrito. Deste modo, através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração a geração (BORNHEIM, 1987, p.18).

Além disso, sem o trabalho da reflexão e da localização, as lembranças seriam imagens fugidias. BOSI (1999, p.67) comenta a distinção entre a matéria da recordação (o que se lembra) e o modo da recordação (como se lembra), com base em Charles Bartlett³³. A matéria estaria diretamente vinculada ao interesse social

³²M. Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris:Félix Alca, 1925.

³³BARTELETT, F.C. **Remembering**. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

que o fato lembrado tem para o sujeito. Porém, o modo de recordar estaria submetido mais às questões subjetivas, ao estilo pessoal do sujeito, ao seu caráter e temperamento. Esta distinção é interessante para pensar a construção social ou coletiva da memória.

Quando um grupo trabalha em conjunto, ou convive, além das imagens, lembranças e experiências comuns, tem tendência a criar uma "linguagem" própria, verdadeiros "universos de significado", na expressão de Bosi. Esses "universos de significado" dão ao material uma versão consagrada dos acontecimentos. Assim, tais grupos fazem uso de palavras comuns, porém às quais dão significado próprio, ou mesmo criam palavras novas, neologismos não utilizados ou desconhecidos em outros lugares. Conseqüentemente, pode-se pensar que os fatos que não foram significativos para o grupo de convívio não foram nomeados nem fazem parte da história das palavras do grupo, são "esquecidos", recalcados, perdem-se, omitem-se. Quando o sujeito os evoca, não vê o apoio dos outros, é como se ele estivesse sonhando ou imaginando sozinho. Muitas pessoas já experimentaram o mal-estar causado pelo lembrar de algo que foi presenciado solitariamente; há hesitação, dúvida, confusão. A elaboração grupal seria, portanto, decisiva na comprovação do material recordado. Os fatos que não foram testemunhados, que não foram objeto de conversa, quando recordados por apenas um sujeito, não recebem o reforço contínuo dos outros. Assim, a lembrança fundada na memória coletiva atualiza laços, confirma a inclusão no grupo, testemunha a convivência social.

Com relação à experiência de campo, talvez a disponibilidade dos moradores de Batuva em acompanhar visitas e conversas da pesquisadora, por tardes inteiras, com retornos e mais retornos, cumpra, em certa medida, esta função de confirmação e testemunho da memória grupal. Disputam, nas conversas posteriores, quem tem razão, e quem "sabia" mais sobre todos aqueles casos e histórias recontadas e novamente ouvidas. Os mais moços, os jovens e as crianças também fazem parte deste processo, e quando lhes cabia contar uma história eram ouvidos atentamente pelos adultos,

corrigidos se fosse necessário, e costumeiramente elogiados quando confirmavam "corretamente" os fatos acontecidos.

Cabe também aqui pensar o quanto essas experiências sociais comuns podem ter a força de uma vivência que acaba por constituir-se em referência simbólica de pertença e de comunidade. Um passado comum, que filia, que une e dá consistência de "mesmidade" a um grupo.

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. O fenômeno da oralidade, ainda que tal conceito não tenha definido os limites e a natureza dos seus objetos de estudo, é retomado pelos antropólogos que a utilizam junto ao conceito de tradição. Ainda, falar re-atualiza pensamentos e reflexões daquele que fala. "Ele não visa a transmitir o 'em si' o acontecido, ele o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma" (BOSI, 1999, p.88). A oralidade é uma construção artesanal do vivido colocado em palavras, uma reconstrução do narrador alimentada com as interpretações daqueles que escutam. Montagens que de algum modo estão também a re-constituir e a construir a vida social.

Na antropologia, o método estruturalista pretende iluminar este tipo de investigação a partir do material inconsciente que estaria a "dirigir" os fatos observados, com ou sem o reconhecimento dos personagens envolvidos. Embora tenha privilegiado o estudo dos mitos e não a literatura oral, foi porém demonstrada por Lévi-Strauss a possibilidade de utilizar aquele método para o estudo dessas narrativas. "... mito e conto exploram uma substância comum, mas cada um a seu modo. Sua relação não é a de anterior a posterior, de primitivo a derivado. É antes uma relação de complementariedade. Os contos são mitos em miniatura, onde as mesmas oposições estão transpostas em pequena escala, e é isso inicialmente que os torna difíceis de serem estudados" (LÉVI-STRAUSS, 1993, p.136). A análise estruturalista de Lévi-Strauss trata a tradição oral, os mitos e os contos como formas de linguagem, constituindo uma "metalinguagem" que deve ser reconhecida desta forma - uma expressão lingüística, portanto estrutural no estágio fonológico, e "... não como narrativas históricas ou romanescas" (LÉVI-STRAUSS, 1993, p.148).

Examina os textos pelas suas formas fixas, independentes do contexto cultural, e procura uma outra dimensão que se acrescenta ao discurso, "... porque regras e palavras aí servem para construir imagens e ações que são, ao mesmo tempo, significantes "normais" em relação aos significados do discurso e elementos de significação com referência a um sistema significativo suplementar que se situa em outro plano..." (LÉVI-STRAUSS, 1993, p.148).

A análise estrutural dos contos e mitos "descontextualizada" levaria a examinar as palavras do discurso em planos diferentes, classificando-as não sobre o plano do vocabulário, mas sobre o dos fonemas. Uma análise, que leva a um viés distante dos propósitos aqui definidos, embora seja importante reconhecer com Lévi-Strauss, que, subjacentes ao mito e ao seu significado, aos textos fixos e independente do contexto cultural de afetos e emoções que ligam as narrativas com a vida cotidiana, os sistemas classificatórios podem ser revelados.

Já sem os interesses do pensamento clássico, para quem a tradição ainda poderia significar a representação de algo imperturbável, perene e eterno, sabe-se que também ela inclui a ruptura, o descontínuo. Os narradores se emocionam e choram muitas vezes. Estariam as rupturas representadas no choro do narrador? Evidências de que o passado fora idealizado? Ou o choro é vivência atualizada das "perdas" imaginadas?

"Para poder compreender o pensamento de um povo torna-se necessário pensar seus próprios símbolos" (PRITCHARD, 1978). É certo que falas e conversas, além do tempo que se "tem" para observar e conviver, parecem importantes no estabelecimento de vínculos e na escuta do que sucede no cotidiano da "comunidade" que se estuda. Mas não se chega a compreender perfeitamente todos os termos nem os significados utilizados na "língua" local. Falta ao pesquisador conhecer intimamente a história das palavras que compõem o seu acervo simbólico. Além disso, ainda se sofre, como todos os que se põem a traduzir, do "etnocentrismo" radical que afeta o olhar, a escuta, a leitura dos fatos.

CLIFFORD (1998, p.39) vai falar da relação necessária entre o texto que se lê na sociedade estudada e o mundo, como algo que não pode ser apreendido diretamente, e sim em partes, porque só depois será feita a "contextualização" do fato em "sua realidade englobante". No processo pelo qual o "discurso" se torna texto, estabelece diferenças: o discurso é um modo de comunicação no qual são intrínsecas as presenças do sujeito que fala e a situação imediata da comunicação, e não transcende esta ocasião. Logo, ele não pode ser interpretado do modo aberto e potencialmente público como um texto é lido. "Para entender o discurso você tem de ter estado lá". A interpretação não é uma interlocução. A relevância desta distinção para a etnografia não se reduz somente à questão da legitimidade da interpretação dos fatos, mas também aponta para a questão da autoridade etnográfica.

A situação de estar no mundo coloca os sujeitos imbricados nesta totalidade móvel, sendo que "de fora" não se consegue apreendê-la totalmente. Restam as muitas análises dos detalhes mais ou menos reveladores que se encontram no trabalho de garimpagem que uma etnografia promete, guiados pelo que se quer ver.

2.2 O QUE SE QUER VER?

Acreditar que as observações regularmente feitas ali - visito a região de Guaraqueçaba desde o Natal e o Ano Novo de 1995 – possam ser estendidas a outros universos de pesquisa, particularmente para a antropologia, fez Batuva surgir como principal *locus* de investigação. Possibilidade que se concretizou, graças ao Projeto de Pesquisa do Doutorado de Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR, em andamento desde 1995 naquela área, com espaço, na ocasião, para a antropologia.

Minha primeira visita "acadêmica", na última semana de abril de 2000, acompanhou reunião realizada na Escola Municipal de Batuva, às 16h de um sábado. A reunião havia sido organizada pela coordenação do Programa de Pesquisa Rural /Guaraqueçaba, do Curso de Doutorado, que convidou famílias que

"quisessem comparecer". Compareceram dez mulheres e cinco homens. Pelos comentários, não tinha ficado muito claro se os homens também deveriam vir, pois "... reuniões são para homens, mas disseram que era pras mulheres vir...".³⁴

Com algumas dificuldades os convidados entraram na sala de aula e foram sentando nas cadeiras do fundo. Quem chegava sozinho ficava na porta, não entrava. As mulheres ocuparam duas filas, e os homens uma fila de cadeiras em separado. Fomos apresentados como estudantes da Federal que estaríamos continuando a pesquisa em Batuva, do Programa de Pesquisa Rural/Guaraqueçaba, agora dirigido para

- a) Entender como as comunidades se constituíram, se organizaram, e entender como as pessoas foram resolvendo os problemas do seu dia a dia; além de
 - b) produzir uma História das Comunidades.
- (...) nossa preocupação é o desenvolvimento das pessoas, como conseguir em ambientes protegidos (preservação do meio ambiente), o seu sustento (Discurso da Coordenadora do Projeto).

Mais que apresentar os "pesquisadores da Federal", identificados com crachá do Programa de Pesquisa Rural, a reunião visava facilitar o trabalho, pois ali existem muitos projetos de pesquisa em andamento. Com alguns destes, os moradores não colaboraram, pois segundo seus comentários, "*são projetos desenvolvidos pelo Ibama e por algumas das muitas ONGs que atuam na região.*" Há uma resistência expressa no discurso local às instituições responsáveis pelas regulamentações e fiscalização das políticas de preservação ambiental. Percebem-se desconsiderados por estes órgãos por não participarem de decisões que dizem respeito à sua vida, e criticam muito programas que consideram absurdos, e contrários a todo seu saber sobre a mata. Apontam exemplos. Um deles acompanhei.

A grande enxurrada causada pelas chuvas fortes na região deslocou os seixos do leito do Rio Guaraqueçaba para o meio do rio. Isto fez com que as águas corresse com maior velocidade pelas margens, infiltrando-se na terra e assolando

³⁴Comentário de uma das moradoras presentes na reunião.

a margem esquerda, próxima a várias guararemas³⁵. Uma delas, enorme, e muito bonita, já estava caída. Outra, muito ameaçada. A indignação dos moradores era pelo fato do *"Ibama não permitir mexer nos seixos, que poderiam ser espalhados, para o curso do rio voltar ao normal e acudir as árvores que estavam morrendo."* Resistência que em muitos casos se estende às instituições que, segundo eles, em nome da preservação, *"que não visa lucros"*, desenvolvem projetos lucrativos. Exemplo disso é o comentário a respeito da campanha "Adote um papagaio", que cobra dos "padrinhos voluntários" a quantia de dez reais.³⁶ Segundo seu entendimento, todo o dinheiro fica na instituição, enquanto *"os papagaios estão lá nas ilhas. Eles exploram a população."*³⁷

Naquele mesmo sábado da reunião do Doutorado, à tardinha, começaram os contatos e as conversas, dirigidos sobretudo pelo interesse da pesquisadora, que também se deixava guiar pelos interlocutores. Desenvolver uma etnografia era meu

³⁵Árvores frondosas da região, com mais de cem anos, segundo os moradores, de cuja casca fazem chás como remédio e também tempero por ter um cheiro muito próximo do alho.

³⁶Campanha desenvolvida pela Sociedade de Proteção à Vida Selvagem (SPVS), que convidava pessoas da população em geral, a serem "padrinhos de um papagaio de cara roxa, nativo das Ilhas Pinheiro e Pinheirinho, na baía do mesmo nome. Como este local é muito visitado por turistas, e já teve várias reportagens na televisão, os papagaios são conhecidos. A Campanha estava sendo divulgada inclusive em Curitiba, na Rua das Flores, em janeiro/2001. Valores de abril/2001.

³⁷Outro exemplo pude presenciar, em julho de 2000, onde estava hospedada. O dono da casa foi visitado por funcionários da "Fundação O Boticário" que pretendiam comprar cipó, para a produção artesanal de cestos que utilizam como embalagem para a venda dos seus produtos. A proposta visivelmente beneficiava o comprador. Sugeriam pagar por mês e não pela quantidade de cipó retirada do terreno. Portanto, se colocassem dez pessoas cortando cipó durante um mês obteriam uma determinada quantidade que se multiplicaria se colocassem mais cortadores trabalhando no mesmo período. O dono das terras logo percebeu a proposta e não somente não a aceitou como também, após a saída dos compradores, mostrou-se pouco surpreso: *"Eles são assim mesmo"*. Curioso, mas depois interpretado como vingança, foi sua resposta aos interessados na compra: *"Voltem na semana que vem, vou ver quanto tenho de cipó aí"*.

A Fundação O Boticário é uma instituição particular, dona das terras onde está localizada o Salto Morato. Nesta região, treinam moradores para produzirem cestos artesanais de cipó, vendidos no próprio local para turistas, em Curitiba nas lojas O Boticário, como embalagem opcional para os seus produtos, e também exportado *"para a Europa"*. Há um grande número de moradores que sobrevive da renda obtida desta atividade e do atendimento aos turistas visitantes do Salto Morato.

objetivo. Minha proposta, na trilha do que se propôs WOORTMANN (1995) em "Herdeiros, Parentes e Compadres", era privilegiar as relações que interligam famílias, muito menos da perspectiva produtora ou consumidora, como têm sido estudadas nas Ciências Sociais e no próprio curso de Meio Ambiente e Desenvolvimento, e muito mais no que diz respeito às suas memórias e histórias, e como os pequenos produtores rurais estruturam suas estratégias de reprodução social. Ao focar o micro, o particular, a investigação buscou a relação Homem X Natureza, para a partir dela desenrolar a cosmologia "caiçara", suas histórias, memórias e sociabilidade, sobretudo as relações familiares e vicinais que a sustentam. Não é um "estudo de comunidade", corrente entre norte-americanos e ingleses até meados do século XX, pois descarta o recorte meramente descritivo com base numa visão da "totalidade".

Para compreender os agricultores de Batuva, torna-se indispensável acompanhar as alterações na reprodução de sua vida e trabalho, pois as políticas públicas de preservação do meio ambiente impuseram novas formas de ocupação e exploração dos recursos naturais. Isto levou a que repensassem, de maneira inesperada e incontrolável, sua forma cotidiana de sobrevivência.

Dentro do que me foi possível, me deixei guiar. Percebi que, se quisesse entender o que diziam e sentiam a respeito das suas vidas em Batuva, era melhor então vivê-la e fazê-la eu mesma. Instalei-me por lá, troquei minhas roupas, tratei de aprender a "língua", esqueci do café com pão e comecei a gostar das "misturas" locais, a escutar as "histórias de espanto". Tínhamos sempre nossas diferenças, logo percebidas por eles e por mim, e com o tempo, às vezes, motivo para risos. Afinal, não consegui perder o medo, de a qualquer momento, na mata, encontrar uma cobra coral, ou uma aranha caranguejeira, que não eram de modo nenhum "naturais" para mim, apesar de abundantes. Ao mesmo tempo, "... entra-se em outra cultura, mas ao mesmo tempo se sai dela" (PRITCHARD, 1978, p.302). Situação por várias vezes constrangedora, pois o batuvanos param a caminhada para apreciar a *"beleza da teia da aranha, ainda mais quando está umedecida pela chuva"* ou para apreciar o rastro de um formigueiro *"que está mudando de lugar"* ou para descobrir o

esconderijo da *"cobra coral falsa, coitadinha, que se assustou conosco e correu pra alguma toca"*. Muito mais complexas e difíceis de se vencer, porém, são as questões, que nos fazem confrontar nossa falta de crença para com seus deuses, santos, religiosidades...

Mas, lendo Pritchard nas suas *Reminiscências* sobre os Azande, fiquei mesmo a me perguntar se interessa tanto acreditar no que acreditam, agir tal qual agem, ou se o trabalho do antropólogo é descrever como a ele parece o que as pessoas pensam e como agem a partir das suas crenças, e como tudo isto constitui suas relações familiares e sociais. "Acreditar por acreditar", também acreditamos em muitas coisas na "nossa" cultura. De certo modo, eles estão em relação a nós nas mesmas condições. Por isto, talvez lhes parecesse tão razoável perguntar, se eu dizia que gostava tanto daquelas paisagens, e se achava tão lindas aquelas águas cristalinas nas cachoeiras e rios, *"por que então não compra umas braças de terra e vem pra cá? Seu Benedito até tá vendendo um sitiozinho ali bem perto da estrada.."*.

Tal método de trabalho aos poucos integrava-se ao meu cotidiano que se via alterado. "Outro" universo de linguagem, significantes e significados partilhados entre as pessoas daquele grupo que nunca me livraram da sensação de um certo 'estrangeirismo'.

2.3 O QUE QUER SE MOSTRAR E O QUE SE QUER MOSTRAR

A identidade da antropologia como ciência estabeleceu-se por meio de uma abordagem metodológica na qual a observação participante tornou-se elemento central. Bronislaw Malinowski, principalmente ele, definia este método – a observação participante – como a convivência íntima e prolongada do pesquisador com os seus "informantes nativos", enquanto questionava a "antropologia de gabinete". Ou, como ensina Leach, "... o trabalho do antropólogo social consiste na análise e interpretação do fato etnográfico, comportamento de costume observado diretamente" (LEACH, 1978, p.7). Devido à natureza deste método de pesquisa,

coleta *in loco* dos dados, tornou-se possível para o pesquisador estabelecer um determinado tipo de relação na qual se coloca, também ele, como um instrumento de pesquisa, propiciando à antropologia a perspectiva intersticial (o olhar desde dentro), o que se tornou sua ferramenta básica, sua marca registrada (SILVA, 2000, p.13). Ferramenta que procurei fosse também a minha.

O reconhecimento de que a produção teórica sobre a região prioriza as questões da preservação do meio ambiente e da economia local e pouco trabalha as relações, as genealogias, a memória e o imaginário da população, foi um dos motivos que me encaminharam rapidamente para "o campo". Estive em Batuva, para a pesquisa de campo, num total de 60 dias, em períodos que variaram de uma semana a 10 dias. Iniciei o trabalho em abril/maio de 2000, retornando em julho e agosto, novembro e dezembro do mesmo ano. Depois disso, estadas nos meses de janeiro, fevereiro e abril de 2001, além de visitas à Guaraqueçaba, às comunidades da Ilha Rasa e Ilha das Peças.

Quando cheguei a Batuva, após a reunião coordenada pelo MADE, não sabia por onde iniciar a pesquisa. Instalei-me em uma barraca no terreno de uma das moradoras, Dona Antonia, local de sua casa e mercearia. Ali fiz minhas refeições e os primeiros contatos. Já na primeira noite participei de uma festa que ocorria na mercearia. Ponto de encontro obrigatório, estavam lá umas 15 ou 20 pessoas, sob um toldo de plástico...Todas muito animadas para dançar ao som de dois cantores e violeiros locais não "*fosse tempo de Quaresma. Você sabe dançar?*", perguntou uma mocinha de 17 anos, com um filho no colo e outro no chão segurando a sua saia. "*Sei, e você?*" Foi assim que comecei a conversar e a escutar aquelas músicas, que não eram "músicas de se escutar no rádio". Não consegui identificar nenhuma delas durante o tempo em que fiquei por lá conhecendo os costumes e as pessoas. Aproveitando a acolhida, iniciei ali mesmo minhas indagações. O universo da pesquisa, portanto, começava a definir-se.

Jogo de baralho, cerveja, bicicleta, era assim que a juventude passava as horas, afinal era sábado, dia de se reunir para bater um papo. Também alguns

casais e pessoas sozinhas que iam ou voltavam do culto religioso, davam uma paradinha por ali. A noite caiu muito escura. Era meia-noite quando a "festa" acabou. Os moradores saíam pela estrada e rapidamente desapareciam na escuridão. Precisei da minha lanterna para voltar para a barraca.

Tal qual "rito de passagem", este "campo" de muitas vozes que se estabelece, do "exterior" e do "interior", ainda que entendido de várias formas e questionado por alguns, impõe-se como o trabalho distintivo da etnografia. Um passo para "fora", visando situar significados em contextos mais amplos e em conhecimentos já acumulados, outro passo de recuo, para o entendimento da leitura feita, empática e particular na sincronia do momento. Aliada aos "conselhos" de Malinowski, Lévi-Strauss, Pritchard, Godelier, Goody, ... o trabalho iniciava.

"Na medida do possível e do conveniente", era viver a vida do povo que ia estudar. Estou certa de que isso não seria possível sem uma dose de empatia e um guia teórico, pois iniciar é sempre difícil, e leva-se um bom tempo para perder o constrangimento de não se saber muito bem o que seria melhor investigar. Se um dos principais objetivos da antropologia é promover um alargamento do saber possibilitado pelo conhecimento das várias visões de mundo presentes nas culturas diversas, o trabalho de campo é um momento privilegiado para o exercício deste objetivo, pois nele a alteridade se realiza.

As leituras e reflexões sobre o trabalho de campo me haviam identificado aos "mestres", queria experimentá-lo como sugeria Malinowski no seu antológico *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Encontrar-me rodeada apenas do meu equipamento, em meio à mata atlântica, próxima a uma "comunidade" nativa, vendo o ônibus afastar-se até sua poeira sumir... e ser suficientemente sensível ao que surgisse "*sem roteiro e sem ninguém...*" Malinowski também dizia que se vai para o campo com idéias preconcebidas, embora as do antropólogo, diferentes das do leigo que são "preconceituosas", seriam "científicas". Estas, ao menos são baseadas em hipóteses permitidas pelo conhecimento disponível acumulado (MALINOWSKI, 1976). Tinha minhas idéias. Nas palavras de Pritchard, "... investigação antropológica não se pode

levar a cabo sem teorias e sem hipóteses, pois as coisas só se encontram se se procuram, embora muitas vezes se encontre algo diferente do que se pretendia achar" (PRITCHARD, 1978, p.107). O que foi, para mim, significativamente verdadeiro.

Passei a coletar histórias familiares e a ouvir o discurso cotidiano. A fala dos "caiçaras" foi recolhida entre os moradores definidos por eles próprios significativos, desta forma transformados em *informantes*. Como estava interessada em escutar as "histórias das famílias" me foram indicados os moradores mais antigos, parte expressiva de meu "universo de análise". Iniciei os encontros com dez pessoas de idade superior a 70 anos (listagem Anexo 1). Seria bem importante se pudesse ser fiel ao transmitir os limites que tal situação impôs: corpos adoecidos, memórias cujo fluxo de voz entoava saudade, coração acelerado, mãos trêmulas ao mostrar velhos retratos, íris esbranquiçada ao enxugar algumas lágrimas... Aquela sua disposição para reconstituir, pacientemente, pedaços de suas vidas e das histórias de seus pais, avós, bisavós, parecia exaustiva, mas queriam continuar mesmo assim. Também era perceptível o quanto estas lembranças re-atualizavam seus trajetos pessoais, parcerias, expectativas, esforços coletivos e familiares: companheiros que juntos "*fizeram Batuva*". Assim, apesar da defensiva perturbação inicial para abrir baús entalhados por tantas lembranças, a conversa se prolongava. Algumas duravam bem mais do que as duas horas, que inicialmente me propus, demorar a cada encontro. Pretendia não prolongar as conseqüências muitas vezes emotivas de conversas desta natureza, para aqueles já velhos colaboradores. Por vezes, apareciam lembranças que falavam da bravura dos amigos e das suas próprias, às vezes gargalhadas surgiam suavizando a tensão, e somente o adiantado da hora nos fazia recuar do trabalho para continuar no outro dia.

*Fazia muito tempo que eu não falava destas coisas... Hoje precisamos comemorar... lembrar de tanta coisa boa...Veja do que fui lembrar, até tocador de viola já fui um dia...Cantava fandango... É...*³⁸ (Sr. J. Eloy, 86 anos).

³⁸A partir daqui as afirmações colocadas entre aspas e em itálico, quando não referenciadas, aludem a falas retiradas da pesquisa de campo.

Além das visitas em Batuva, procurei outros três ramos das famílias Barreto, Xavier e Eloy, que atualmente moram em Guaraqueçaba, indicados por serem antigos moradores de Batuva, pessoas que detinham "*na memória muita história*". O que de fato ficou confirmado. Foram muitas as lembranças e dados colhidos nestes encontros. Também foi se esclarecendo a rede de amizades e parentesco das famílias de Batuva com os moradores de Guaraqueçaba. Filhos, netos, sobrinhos que casaram com gente "de fora" e estão trabalhando e vivendo em outras comunidades do Município. Não tanto os filhos homens, mais as mulheres, mas também alguns deles.

Considerando meu objetivo e preocupação inicial – escrever uma etnografia a partir de memórias e histórias – as conversas informais e em profundidade mostraram-se método satisfatório. Evidentemente, muitas questões de meu interesse nem sempre apareciam de forma explícita nas conversas. Foi necessário articular as informações parciais obtidas em diversos encontros com pessoas diferentes, juntar a observação direta com as fotos de família e as histórias e memórias que elas evocam, participar de questões do cotidiano local, da venda dos produtos na "Fábrica", do envio das bananas para Guaraqueçaba, dos favores dos políticos da região, da convivência com os amigos, do trabalho na roça...E após, iniciar a análise e interpretação dos fatos e das histórias escutadas, detalhes não-ditos, entrelinhas, expressões corporais, numa tentativa de síntese e de compreensão nunca finalmente acabada.

No entanto, o trabalho de campo foi maior que as dez entrevistas com os idosos. Segui, na continuidade da pesquisa, suas indicações. Irmãos mais novos, cunhados, amigos, os quais procurei, sempre informando-os sobre quem me havia indicado a visita. No total foram mais 22 informantes (Anexo 2), aos quais agregaram-se parentes e vizinhos que vinham e voltavam enquanto a conversa corria solta. Percebia-se que os laços familiares e sociais eram fortes, tanto pelo valor expresso nas lembranças dos amigos como na facilidade com que passavam a conversar e participar da pesquisa, desde que conhecida a indicação.

Identifiquei e conheci uma a uma as 70 unidades edificadas em Batuva. Destas, 61 são *moradas*, quatro são igrejas: Congregação Cristã do Brasil, Pentecostal Deus é Amor, Assembléia de Deus e Presbiteriana; duas são "mercearias"; uma outra é onde está instalada a "Fábrica de Bananas"; outra edificação é a Escola Municipal, e ainda há um "salão para bailes". Visitei 40 *moradas*, onde estabeleci com os moradores conversas em profundidade.

Em várias situações existe mais de uma *morada* no espaço do sítio. Filhos homens casados moram em terras dos pais, e mesmo quando os pais já faleceram, os herdeiros continuam nas suas terras. As conversas ocorriam na *morada* principal, a dos donos das terras, ou na do herdeiro mais velho, como o caso de Dona O. Xavier, viúva, herdeira das terras. Um de seus filhos casados, a nora e os netos, que também têm *morada* e mercearia no terreno, vieram à casa dela conversar quando fui visitá-la. Exemplo também significativo foi nas terras dos Pontes, onde as entrevistas ocorreram nas duas *moradas* dos dois irmãos mais velhos e na casa de uma sobrinha neta onde fiquei hospedada. Filhos, netos, netas, sobrinhos, crianças da família participavam das conversas e retornavam às casas todas as vezes em que os visitava. Nestes momentos, mostravam-se claramente as regras de ocupação do espaço nos sítios: na direção da entrada principal fica a *morada* dos pais, herança recebida pelo lado masculino. Em torno desta casa - do casal mais velho, ou de um dos cônjuges quando o outro já faleceu - espalhadas pelo terreno, dispõem-se as *moradas* dos filhos homens casados. É o caso também das terras das famílias Pires, Dias e Barreto. Mulheres são trazidas para morar nas terras do marido, caracterizando a patrilocalidade como regra geral. Porém, não são todos os casos assim; a exceção é a situação de D. A. Pontes, mulher e proprietária, viúva, casada pela segunda vez, que vive com seu atual marido e filhos do primeiro casamento nas terras de sua família.

Com três famílias houve maior convivência - Pontes, Barreto e Pires. Barreto por parte da esposa e Pires pelo marido, é a família em cuja *morada* fiquei hospedada. Nestes casos, e especialmente com uma das famílias - Barreto Pires -

particpei com maior intimidade do seu dia-a-dia, ouvindo e sendo solicitada a comentar sobre várias questões do seu cotidiano: escola dos filhos, namorados das filhas, futuro da família diante das dificuldades de continuar "vivendo da roça", problemas familiares de dinheiro, questões de saúde, crenças e religiosidades, sobre "os de fora": ONGs, Ibama, Boticário, políticos locais e política partidária, terras, heranças, sonhos e esperanças. Foi deste espaço as melhores e mais ricas fontes da pesquisa.

As primeiras conversas realizadas com cada grupo familiar iniciavam-se, como já foi dito, com o "dono da casa", o pai de família, dono e herdeiro das terras. Se ele não estivesse presente, as mulheres preferiam marcar o encontro para outro dia. Era o que acontecia. Porém, se ele estava em casa, a conversa tinha início. Sinal que pode ser interpretado como indicativo de prevalência masculina. A presença masculina é muito forte, o que é reforçado pelas histórias dos "heróis fundadores", todos homens - desbravadores da região, a ser discutido no item 3.1.

Logo na chegada eram feitas as apresentações para conhecimento das pessoas da casa e para expor os objetivos da visita. Após os momentos iniciais, dava-se continuidade ao assunto que já estivesse em pauta ou outro proposto pelo dono da casa, mesmo que se tratasse do "tempo", da chuva, e destas coisas que se fala quando não se sabe muito o que falar. Ia ficando por ali, me interessava pelo que estavam fazendo, procurava aos poucos ser reconhecida como parte da sua "paisagem"... Quase sempre eram solicitadas mais informações sobre o meu trabalho, e logo ficava necessário esclarecer novamente que "eu não era do Ibama" ou de alguma ONG. Sempre havia um acontecimento recente, com eles próprios ou com alguns amigos, que testemunhava o *mau jeito desses homens do meio ambiente*, e que precisava ser como que exorcizado... Se alguém acompanhava as visitas, este assunto era motivo para muitos comentários sobre o "*desrespeito*" do Ibama e "*dos homens do meio ambiente*" para com os moradores.

Quando parava a conversa, por vezes ofereciam alguma "mistura" que as mulheres estavam preparando na cozinha - um bolo de aipim, bolinho frito de arroz,

canjica com amendoim, pão caseiro com doce de banana, ou de marmelo, suco de maracujá... Espaço nitidamente feminino, a cozinha é onde as mulheres definem o que é substancioso ou não, apresentam suas prendas, decidem sobre os horários e cardápios, como será discutido no item 3.3. Senão, ocorria uma visita ao sítio, e então comiam-se as frutas: banana, tangerina, laranja, goiaba, carambola. Nesta oportunidade, aproveitava para deixar aberta a possibilidade de voltar em outro dia, se acaso ainda não tivesse sido convidada. O contato e as conversas sempre foram fáceis, não havia problemas para sua continuidade, e mesmo por vezes, ficavam de confirmar alguma informação com os parentes mais velhos, que no dia seguinte já teriam para fornecer.

Algumas conversas eram surpreendidas com a chegada de vizinhos e parentes. Nestes casos, até as crianças, quando estavam junto, participavam. Eram momentos bastante descontraídos. Reuniam-se numerosas pessoas para "bate-papos" informais. Comentava-se de alguém que tinha ido à Guaraqueçaba, ou chegado de lá, de algum novo visitante na região, das doenças dos conhecidos, trocavam-se receitas, lembrava-se de notícia escutada na televisão por alguém que teve acesso a ela ou por ouvir falar... Também ocorreram conversas durante o trabalho de "tratar dos animais", na roça quando era hora de cortar cachos de bananas, e ainda na "Fábrica de Bananas", que emprega três mulheres, esposas de associados, nos cuidados com a massa de bala de banana, corte e embalagem. O ambiente da "fábrica" também é familiar. A conversa ocorria, enquanto surgiam visitas da esposa do Gerente, seus filhos e outras crianças da vizinhança.

A companhia de um dos moradores nas visitas facilitava muito tanto na descoberta das *moradas* e dos *sítios* em meio à mata como na apresentação do trabalho que seria feito. Mais do que isto, iniciavam entre eles alguma conversa sobre qualquer questão local que sempre me interessava. Nos meses de outubro e novembro de 2000, tempo de política, aprendi bastante sobre o que esperam dos políticos: melhoria nas estradas, posto de saúde, caminhão para transportar banana, seriedade, amizade, "*alguém presente na Prefeitura com as portas abertas...*"

Essas circunstâncias, aliadas às relações de parentesco existentes entre os moradores, possibilitaram o estabelecimento dos vínculos necessários ao trabalho de campo e a empatia que viabiliza qualquer etnografia: "*aqui em Batuva não dá pra falar mal dos outros porque somos tudo meio parente*".

"A importância do parentesco real e imaginário nas sociedades camponesas é em geral aceita e dificilmente precisa de prova" (MACFARLANE, 1980, p.39),

As "histórias de família" foram registradas em forma de genealogias,³⁹ por levantamento genealógico realizado com a ajuda dos moradores mais antigos. Os genealogias foram desenhadas em dois cadernos quadriculados, preparados com antecedência, pois o método utilizado, orientado para seguir a linhagem paterna, previa o registro de três gerações ascendentes em relação ao Ego e três gerações da sua descendência. Para isso, além das genealogias, os dados colhidos nas conversas foram anotados em um caderno de campo e tiradas fotografias de pessoas, objetos do interior das moradas e de sua distribuição espacial.

O interesse principal pelas genealogias era da pesquisa desenvolvida pelo Doutorado, coordenada pelo Professor Dr. Claude Raynaud, que pretende fazer um levantamento completo em todo o município, e não somente da comunidade de Batuva, para estudar os deslocamentos dos moradores. Coube-me aprender o método, acompanhar o Prof. Raynaud na primeira viagem a Batuva, visitando algumas moradas. Quando pronto o trabalho, verifiquei que os genealogias apontavam importantes questões para se compreender as famílias de Batuva.

Embora as genealogias tivessem por objetivo primeiro auxiliar a análise das estratégias de casamento, moradia e residência, troca de mulheres etc., foram de grande valia para iniciar e prosseguir o levantamento das histórias e memórias das famílias. Procurei utilizá-los como elementos reforçadores do que vi em Batuva.

³⁹Simbologia utilizada para representar o parentesco a partir dos dados de memória dos entrevistados. Os genealogias são extensos, e sua análise requer intimidade com a teoria sobre genealogia, por isto mesmo neste trabalho serão utilizados somente como reforço à discussão proposta.

Para isto fiz algumas montagens que representam trechos de genealogias das famílias e seus casamentos (estão apresentadas no item 3.2).

Por várias vezes este trabalho suscitou a necessidade de remexer velhas fotografias, documentos guardados, objetos que pertenceram aos antepassados, amostras de trabalhos manuais aprendidos com avós, remédios caseiros, "simpatias", benzeduras, os quais dão sustentação às "histórias de espanto"⁴⁰ apreendidas e ensinadas, como discutidas no item 3.5.

Colocadas no espaço "social" das moradas, expostas às visitas, as fotografias de família estavam como que a legitimar e a honrar uma história familiar. Examinar e explorar seu significado pareceu uma forma não tradicional de auxiliar na compreensão de como imagens transmitem e transcrevem informações, na medida em que constroem uma percepção do passado, uma representação da história familiar. Assim, possibilitam reforçar a análise da organização familiar e, por este motivo, utilizadas como documento de valor etnográfico. Embora a opção visual ainda esteja a ser discutida e explorada na antropologia, como uma janela que pode ampliar a visão do mundo, sem dúvida ela não faz restringi-la (KOURY, 1997). Nessa pesquisa, as imagens foram acolhidas pela força de significação que têm para a população pesquisada.

Entre memórias, lembranças, evocações do passado, narrativas emocionadas, fotografias de família foi sendo "construída" dupla compreensão: uma me abriu caminho para as visões de mundo dos batuvanos, e a outra, para eles mesmos, produzia uma interpretação das diferenças e semelhanças da sua história e subsistência. Recriava-se e se escrevia a história de Batuva.

Fazendo esta etnografia saltou-me aos olhos que a pesquisa impõe determinados temas antes não pensados e dos quais não se pode fugir, que alteram nosso caminho e redesenham a construção do objeto. Pois, além dos limites do

⁴⁰Categoria nativa que designa as lendas e mitologias locais, ou os "contos maravilhosos" na pena do russo pioneiro Vladimir Propp.

conjunto de conhecimentos teóricos do antropólogo, especulam-se também os limites impostos pela cultura do povo que se investiga. A experiência de campo não somente redireciona os caminhos da pesquisa na medida em que assuntos impensados se impõem, como re-envia a leituras e bibliografias específicas na busca de outras referências, complementares aos estudos iniciais. Mais que isto, alguns aspectos se fazem importantes para o pesquisador que também não consegue desviá-los. Quanto mais nos desvestimos da especialidade do lugar que nos abriga – a Universidade, tanto mais nos "nativizamos" e conseguimos nos aproximar com as diversas questões do cotidiano que queremos investigar no encontro etnográfico, conforme propõem os autores pós-modernos. Porém, como toda a experiência vivida tem conseqüências reais para nossos pensamentos e reflexões, vimos também alterados nossos modos de escuta e nosso olhar. Assim, reescrevemos Batuva, facetados pela experiência em campo, dirigidos pelas teorias antropológicas e, sobretudo, guiados pelas mãos e olhares atentos dos batuvanos.

Ao final e apesar das muitas e diferentes histórias registradas, ficaram os *trancos das famílias* – Pontes, Barreto, Pires, Tobias, Paiva, Cunha, Xavier, Eloy – as oito famílias que encontrei, o que confirma os comentários dos moradores: são "*poucas as famílias que fizeram Batuva*".

CAPÍTULO 3
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Saudade de criança

Saudade da minha terra
De quando eu era criança
No pitipis as brincadeiras
As festinhas e suas danças
tudo isto já acabou
Agora só nós restou
Somente as lembranças

A lembranças dos amigos
Que com eles nos brincava
Rio que corta o vale
Onde nós se banhava
Em cima do barranco
A mãe sentada num banco
De lá ela nos cuidava.

Hoje todo nos velhinhos
Só nós temos amizade
Daqueles que aqui está
E que moram na cidade.
Minha mãe já não existe
Eu vivo aqui tão triste
Só me resta a saudade.

(Diniz Barreto⁴¹ – Batuva, abril/2001)

⁴¹Diniz Barreto é de Batuva, filho mais velho de Liberato Barreto. Já foi professor, atualmente trabalha para a prefeitura de Guaraqueçaba e também é pastor religioso. Escreve poemas que estão guardados numa caixa de sapatos juntamente com seus documentos. Quando fiz visitas à sua morada, sua qualidade de poeta foi comentada. Solicitei permissão para divulgar alguns de seus versos na dissertação. Ele escolheu este texto que me foi entregue por sua filha.

3.1 OS "HERÓIS FUNDADORES"⁴²

De boca em boca, contam os mais antigos aos mais novos. O passado reinventado aparece num trançado de lembranças, mitos, vivências e fantasias. Tios que morreram no trabalho difícil de abrir estradas a pé, "*chegados pela trilha do fio do telégrafo*"⁴³ que ligava São Paulo ao Paraná. "*Conhecidos*" que sumiram. Caminhadas de "*dias e noites a cavalo*", na lama e na chuva. Mulheres que deram à luz em noites escuras e sem cuidados. Mortes por doenças desconhecidas e tantas outras marcas... A história da ocupação das terras está presente nos seus costumes, marca seu relacionamento com a natureza, suas histórias sem fim, como vão à pesca, à caça, como elaboram suas fantasias, enfim seus temores e visão de mundo. Em tudo isto desnuda-se o "caiçara", acostumado ao povoamento esparso, às moradas quase solitárias, uma economia familiar com base no trabalho quase isolado ou na cooperação ocasional, expressão da forma singular de vida e trabalho nesta região do Paraná. Muito disto é enfrentado no presente: estradas que mais parecem picadas, inexistência de postos de saúde, falta de escolas, mesmo as de ensino fundamental, de condução, telefone...

Já no início do trabalho de campo, percebi o quanto iria solicitar aos moradores de Batuva as suas memórias. Já tinha aprendido que a memória tem uma função decisiva no processo psicológico total: no reconhecimento da própria história, na vivência do próprio corpo em circunstâncias espalhadas no tempo, na consciência de determinadas situações que permitem identificar nossa autoria em momentos diversos. BOSI (1999, p.47) vai dizer que "... o passado não só vem à

⁴²O modo respeitoso, as honrarias que merecem seus antepassados, fazem deles "heróis fundadores", sem dúvida.

⁴³A linha de telégrafo entre Santos e Curitiba, que passa próximo ao rio Pasmado (a poucos quilômetros de Batuva, descendo na direção de Guaraqueçaba), servia na época como via para circulação de pessoas entre São Paulo e Paraná. Construída por escravos a linha tinha um processo de manutenção permanente executado por funcionários da própria empresa de telégrafo. (Informações obtidas em pesquisa de campo).

tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" esta última, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora".

Escutei, convivi, conversei em encontros que se alongaram por muitos outros, pessoas que tinham em comum uma experiência que compunha um espaço social de muita importância em suas vidas: a "comunidade" de Batuva.

A história das famílias dos pequenos agricultores de Batuva é também a da mítica chegada de seus "heróis fundadores" e o seu estabelecimento no lugar, bem como das suas relações sociais, econômicas e culturais vinculadas à ocupação, exploração, transformação e uso da terra.

As terras de Batuva eram devolutas, pertenciam ao Estado, até meados do século XIX.⁴⁴ Pesquisas apontam que famílias residiam na região desde o final do século XVIII (Miguel, 1997). O mesmo autor apresenta "une société agraire bien différenciée" ocupando o litoral norte do Paraná e também a região de Guaraqueçaba. Somente a população escrava, 12% da total, era composta por, aproximadamente 2.000 indivíduos. O estudo não cita a comunidade de Batuva, no entanto referencia outras próximas a ela: Itaquí, Tagaçaba e Serra Negra, além da sede do município.

Relatos de antigos moradores, o Sr. N. Pires, o Sr. J. Eloy e o Sr. D. Barreto, que inclusive guarda a documentação das terras de sua família, confirmam que o trecho do vale do rio Guaraqueçaba onde está localizada Batuva – *rio acima* – não era habitado até início do século XIX. Afirmam também que, antes desse período, existiam "fazendas"⁴⁵ que utilizavam do serviço escravo em Utinga, uma

⁴⁴Em 1850 surge uma nova legislação no Brasil – a conhecida "Lei de Terras" – que criava mecanismos de regularização de possessões ocorridas antes da sua regulamentação (Lei n.º 601 de janeiro de 1851).

⁴⁵São identificadas como "fazendas" os sítios que tinham benfeitorias, empregados e um dono "rico".

"comunidade" próxima, distante *"uns 15 km"*. Lá, inclusive, ainda encontram-se vestígios desse período. *"Há uma parede construída de pedras, e também um pilão com argolas de cobre onde os escravos eram amarrados"*, conta o Sr. I. Pires.

Na memória de seus habitantes o primeiro morador da região foi Américo da Silva Pontes, negro, *"filho de escravos"*, *" da família do Capitão Sebastião"* de Cananéia, São Paulo, que teria chegado à região por volta de 1880 ou antes.

"Os primeiros homens que vieram pra cá, vieram fugidos dos grileiros. Meu avô mesmo, tinha estuprado duas filhas e fugiu pra cá. Aqui se acomodavam, pois as terras eram vazias. O único homem de família que veio foi o Sr. Américo Pontes. Ele era homem sério, bem quisto dos políticos. Ele conseguiu regularizar as suas terras. Depois, os outros também pagaram taxas para o governo, e até 1925 estava tudo pago." (Sr. D. Barreto, em 13/04/2001).

Conta-se que Américo da Silva Pontes, como muitos outros, veio a cavalo pela estrada do telégrafo construída *"no começo dos 1800"*, cujos *"postes de ferro eram carregados nas costas"*.

O primeiro morador da região, Américo Silva Pontes, era um imigrante negro, vindo de Jacupiranga, município localizado na região do Vale da Ribeira, no sudoeste de São Paulo, e casado com uma mulher branca. É possível que tenha sido um escravo alforriado, que buscava na região novas terras para plantar. Acreditam que a sua chegada na área tenha sido feita pela Linha do Telégrafo (SPVS, 1996).

Esta *"trilha"* é utilizada até hoje pelos moradores, que a atravessam a cavalo, ou mesmo a pé, para chegar a Cananéia, Estado de São Paulo, onde residem muitos dos seus parentes – filhos, irmãos, sobrinhos. A pé, ainda hoje os batuvanos viajam *"a noite inteira"*, saem *"bem cedinho"*, inclusive carregando seus filhos, a bagagem etc. Se este trajeto e a caminhada fazem parte da memória e agregam o hoje a uma história de gente corajosa e destemida – os antepassados –, são também a realidade ainda vivida nos dias atuais. Para ir de Batuva a Cananéia, andam em torno de 60 km. Podem também ir de barco alugado diretamente de

Guaraqueçaba. Mas esta opção é pouco usada, pois o custo é extremamente alto para o poder aquisitivo, em torno de R\$ 100,00⁴⁶ por pessoa, somente a ida.

Registrando a história das terras de Batuva, há documento do Cartório de Guaraqueçaba guardado no Arquivo Público Estadual, datado de 22 de outubro de 1894, que revela o interesse do fundador Américo da Silva Pontes na aquisição e registro das terras que ocupou e que atualmente ainda pertencem a seus herdeiros (SPVS, 1996, p.13).

O registro cartorial afirma que:

Américo Silva Pontes 1894, morador rio Guaraqueçaba requereu registros aos terrenos e sítios. Terrenos de 400m de braço (cultivados) de frente mais ou menos a margem esquerda do rio Guaraqueçaba, fazendo divisa com cultivador Eloy Pontes, por uma árvore de guararema, tendo do lado de cima um ribeirão na divisa com Thobias França, fazendo frente com o mesmo rio e fundos com os morros, fazendo uma área total de 88 há, a qual esta três partes cultivadas e uma inculta. Tendo nele minha morada e lavoura efetiva de mandioca, cana, arroz, milho, banana, cujos produtos estão sendo comercializados nos mercados de Paranaguá e Guaraqueçaba. Vinte e dois de outubro de 1894. Era o que continha em ditas declarações originais a que me reporto (...)

Amélio José Rodrigues, escrivão.

Aos vinte e dois dias do mês de outubro de 1894, nesta Vila de Guaraqueçaba, 2.º Distrito da Comarca de Paranaguá, município de Guaraqueçaba, Pr., 6.º da República, compareceu em cartório Américo Silva Pontes, natural e residente no rio Guaraqueçaba deste município e pôr ele me foi dito que na forma de sua petição e despacho nela lavrado pelo juiz distrital em exercício Francisco de Paula Miranda, venha dar registro aos terrenos e sítios que se acha de posse situado no rio Guaraqueçaba, em conformidade ao artigo 119 do regulamento Estadual.

Eu abaixo assinado venho na forma que dispõe os artigos 110, 111, 114 do regulamento Estadual, declarar possuidor de uns terrenos com 250 braços de frente e 800 de fundos, mais ou menos à margem direita do rio Guaraqueçaba, o qual divide o lado de baixo com terras de Fernando Bello pôr uma carreira de banana maçã e pelo lado de cima com terrenos de Thobias da Silva França pela barra de um ribeirão denominado "Olaria" possuo esse terreno pôr ocupação mansa e pacífica há mais de 10 anos. Tem este terreno uma área total de 96 ha o qual será metade cultivada e metade inculta. Tenho nele minha lavoura de café, cana, arroz, milho, e banana, cortado por um caminho pôr onde transitam as vizinhanças e um pequeno ribeirão. Os produtos são vendidos em Paranaguá e Guaraqueçaba por serem mais próximos.

⁴⁶Preços de julho/2001, conforme informações dos barqueiros que fazem o percuro na região.

Muitas pessoas do lugar referem-se à unidade de medida "braça", quando explicam o tamanho das suas terras. Para eles, *"uma braça é a medida entre as pontas dos dedos da mão direita até as pontas dos dedos da mão esquerda de um homem com ambos os braços abertos"*. Há um consenso na região quanto à distância de cada "braça" estar entre 1,5m a 2,0m. Oficialmente, uma braça é uma medida de comprimento equivalente a 10 palmos, ou 2,20 metros.⁴⁷ Com base nesta medida, o terreno possuiria 40 alqueires (nessa região um alqueire corresponde a 24.200m²) ou 96 ha, conforme diz o próprio texto.

Mas existem versões diferentes em Batuva a respeito da extensão das *"verdadeiras terras dos Pontes"*: elas teriam 104 alqueires e não *"400 braças"*.⁴⁸ Uma das herdeiras da família Pontes confirma os 104 alqueires, e explica que mora na parte da terra que lhe coube por herança, cuja documentação está sob sua guarda.

Contam os moradores que Américo Silva Pontes era casado com Da. Maria Fermina Ribeiro, com quem teve vinte filhos, dos quais somente quatro eram mulheres: Bilica, Maria, Paula e Francisca. Seu bisneto, Sr. Guimarães França Pontes⁴⁹, contou que *"quando ele veio [seu bisavô], trouxe seus cunhados junto, não veio sozinho"*.

"Seu Américo" não é o único herói fundador, mas parece ser o mais "famoso". Convivem diferentes versões da origem do *"lugar"* e das *"pessoas do lugar"*. Assim, um "tal Thobias França" teria vindo a Batuva "antes dos Pontes". e também, o Sr. Francisco Gomes Barreto, que *"veio fugido de Xiririca (antigo nome de Eldorado Paulista), "... e só mais tarde foi buscar a mulher e um filho, João de*

⁴⁷Conforme Dicionário Aurélio Eletrônico, 2000.

⁴⁸104 alqueires são equivalentes a 2.516.800 m² e 400 braças quadradas (medida agrária equivalente a 3.052m²) equivalem a 1.220.800 m². Portanto, 104 alqueires é mais do que o dobro de 400 braças quadradas.

⁴⁹Falecido em novembro de 2000, em Cananéia, na casa de um filho.

Oliveira Barreto, filho homem mais velho. Veio, se alojou nesta terra, e passou a pagar para o Governo uma quantia para legalizar as terras" (Sr. D. Barreto).

Francisco Gomes Barreto, o bisavô citado pelo sr. Diniz, era de origem portuguesa, morreu em Batuva com 70 anos, em 1935. Sua mulher, Da. Ernestina de Oliveira Barreto, seria índia, também veio de Xiririca, era professora e *"tocava sanfona"*.⁵⁰ Ernestina sabia fazer tatuagens com "piúma", fuligem de lampião de querosene. João de Oliveira Barreto, filho mais velho do casal, tinha tatuado no braço o ano de seu nascimento – "1898".

Cada família tenta desenrolar seus laços familiares a partir de um "herói fundador" mais antigo. O Sr. N. Pires reconhece a Família Pontes como fundadora de Batuva. No entanto, busca um lugar para si e sua família nessas intrincadas relações – é um Pires – e remete-se a *"oito famílias que fizeram Batuva"*: Pontes, Paiva, Pires, Barreto, Eloy, França, Xavier, Thobias. Incorpora outros, para abrir um leque e possibilitar a presença de sua família.

Reforçando os Pires e os Pontes como os primeiros moradores, o sr. L. Martins, nascido em Batuva em 1927, diz que o sr. José Thobias de Souza, seu avô, foi *"um dos primeiros moradores de Batuva, veio com Américo Pontes e Abílio Pires, era filho de franceses"*, motivo de a família tornar-se conhecida como "os França". Também busca um lugar na teia destas relações familiares. Seu avô morreu em Batuva em 1880. O filho mais velho, sr. Gonçalo Thobias de França, falecido em 1970, foi casado com dona Beatriz Martins, hoje com cento e um anos e residente em Paranaguá, onde mora com sua filha Nazira. O sr. Luiz herdou o sobrenome da mãe, e *"não se assina Thobias nem França"*, e sim Martins.

⁵⁰A não ser por histórias de descendência, pouco se ouve falar de índios. Praticamente invisíveis, não estivessem presentes no artesanato vendido em Guaraqueçaba e, um ou outro, nas festas locais. A situação dos Guaranis que vivem na região é extremamente difícil, de um estado de miserabilidade desoladora. Abandonados pela Funai, ONGs e políticas públicas em geral, são inclusive criticados por venderem o "papagaio da cara roxa", em vias de extinção.

Esse costume de não usar o sobrenome do pai, ou da mãe, ou mesmo "se assinar" com um sobrenome de um antepassado mais longínquo, é prática constante entre as famílias de Batuva. As explicações são ainda um pouco tímidas, é como se estivessem pondo o dedo numa ferida. *"É porque nos tempos antigos, eles não sabiam assinar direito"*, ou *"Eles não eram casados"* ou *"Era filho com outra mulher"* ou simplesmente, *"Era costume, eu e meus irmãos se assinamos diferente"*. Costume também válido para as mulheres, que nem sempre usam o sobrenome dos maridos. Além disso, não se pode entender todos os "casamentos" como ocorridos legalmente. Muitas vezes o casal vive junto sem ter assinado qualquer documento. Entretanto, consideram-se casados e assim são considerados pelos demais. No levantamento das genealogias, esta questão apareceu freqüentemente. Este costume leva a que irmãos, filhos dos mesmos pais, tenham sobrenomes diferentes.

Sobre o uso de sobrenomes, existem outros costumes. É o caso do antepassado mais antigo da família Xavier, João Inglês, que ganhou este sobrenome porque veio da Inglaterra. Chegou em Batuva junto com as famílias Barreto e Pires. Sr. Juvenal Xavier, durante a IIª. Guerra; comercializava mercadorias – azeite, sal, trigo, óleo para lamparina – que comprava em Paranaguá, e vendia em Cananéia. Também se utilizava do Rio Guaraqueça para este comércio. Dona O.Xavier, sua sobrinha neta, comentou que *"ele era espião paulista. Na Revolução de 30 desapareceu"*.

Apesar dos sobrenomes diferentes, mais que um relato histórico, a busca da "origem" é também a de um sobrenome e a honra de serem descendentes do *herói fundador*. Cada família pretende legitimar sua ascendência e fazer dela uma referência para a propriedade da terra, vinculando-a a um antepassado comum. Mas o nome que mais se ouve nas histórias é o de Américo Pontes. Tudo indica ter sido ele o herói fundador de Batuva, o que veio primeiro e ocupou as terras. Sua memória é atualizada, ainda hoje crianças recebem o seu nome no batismo e registro civil,

embora algumas não tenham nenhum parentesco direto com ele. É uma forma de homenageá-lo – figura ilustre e respeitada.⁵¹

3.2 OS CASAMENTOS⁵²

São muitas as histórias sobre casamentos, em Batuva. Antagonismos entre famílias, divergências nem sempre explícitas, certa resistência em aceitar "*os de fora*". Os casamentos entrelaçam as famílias: são os Xavier e os Pires, os Barreto e os Vidal, os Pontes e os França. Algumas mulheres são "*de fora*", as Tubanelli, as "mulheres índias", e as de famílias de comunidades vizinhas. Observa-se uma tendência à endogamia, por todas as circunstâncias presentes no lugar: moradas esparsas, vizinhança dos sítios, dificuldades de mobilidade espacial, além de um forte sentimento de valorização em "ser batuvano". Circunstâncias que determinam um círculo no interior do qual o casamento é preferencial. Casar-se no interior do grupo e escolher um cônjuge com uma relação de parentesco, são costumes que reforçam as relações de amizade e aliança. Deste modo, a família em Batuva é também sinônimo de segurança. Casais não legalmente unidos partilham residência e instauram relações sexuais e familiares estáveis.

As relações que estabelecem os definem como "uma família", sem que o aspecto legal seja muito considerado. Também é comum "fazerem parte da família", além da família nuclear – o pai, mãe, filhos e filhas – os agregados: afilhados, e mesmo algum "amigo antigo da família" que temporariamente esteja só. Os

⁵¹Mas também fazem o mesmo com John Lennon, o Beatle inglês. Forma de ganhar prestígio, pois são ambos nomes "*famosos!*". Interessante a forma como ligam personagens locais e histórias particulares a ídolos da música internacional. Numa mesma família há um John Lenon e um Pedro Américo. Dentro e fora do processo de mundialização, Batuva repõe antagonismo no viver e no nomear. São escolhas e especificidades que estão a imprimir um modo local e particular de incluir o "estranho" no campo do conhecido, e de estendê-lo ao limite de torná-lo familiar.

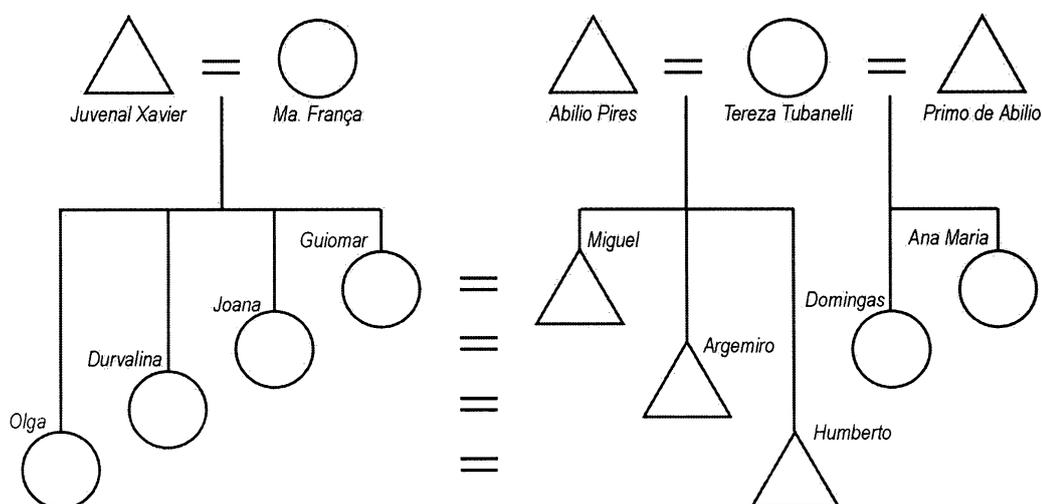
⁵²São considerados casamentos, as uniões estáveis de um casal, do mesmo modo que os consideram os Batuvanos. Não estão, portanto, sendo identificados, os casamentos ocorridos oficialmente em cartório.

agregados, do mesmo modo que os filhos, participam do trabalho doméstico e da roça. Crianças maiores cuidam das menores, mocinhas ajudam na cozinha, homens auxiliam no trabalho da roça.

A esposa do Sr. L.. Martins, D. A.. Paiva, conta que para casarem, "*fugiram de Batuva e foram casar em Guaraqueçaba*", quando ela tinha 21 anos e o namorado, 22. Moravam em sítios vizinhos, se conheciam, e ele queria casar com ela. Dona A., que tinha sido noiva de "*um rapaz de São Paulo que morreu*", acabou concordando com as sugestões das primas e "*fugiu, pois naqueles tempos o pai não queria nem ouvir falar em casamento*".

"Fugir" para casar e casamentos entre vizinhos, outra história que se repete. "*Morávamos em sítios vizinhos*", pedaço de lembrança que faz parte de muitas histórias de amor em Batuva. Porém, muito mais questões se repetem nas estratégias de casamento das famílias de lá. Homens, irmãos entre si, casam com mulheres, também irmãos. O caso mais comentado é o de três irmãos da família Pires, filhos de Abílio Pires – Miguel, Humberto e Argemiro – que casaram com quatro irmãs da família Xavier, filhas de Juvenal Xavier – Olga, Durvalina, Joana e Guiomar. Humberto casou com Olga, Argemiro com Durvalina, e Miguel com Joana. Quando Joana faleceu após um parto, então casou-se com sua irmã gêmea, Guiomar.

FIGURA 8 - FAMÍLIA XAVIER-PIRES

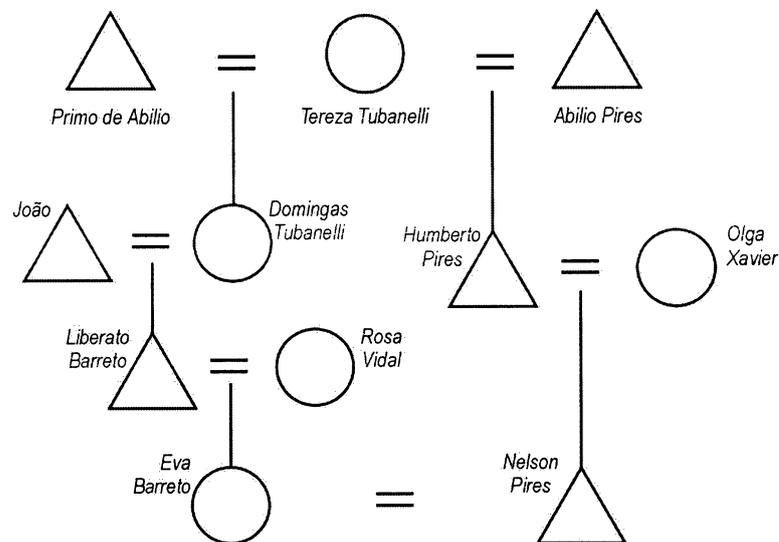


Esse recorte de genealograma ainda apresenta outra questão interessante: Dona Tereza Tubanelli, ainda solteira, teve duas filhas de um primo do Sr. Abílio. Este, a partir de seu casamento, tornou-se o padrasto dos filhos do primo. Dona Tereza Tubanelli era italiana, veio para o Brasil com 7 anos. Uma de suas duas filhas com o primo de Abílio, D. Domingas Tubanelli, irmã de Humberto, Argemiro e Miguel, nascida em São Paulo, morreu em Curitiba em 2000, com 102 anos. Figura ilustre e querida dos batuvanos. Também, mais uma vez fica evidenciado que as regras do casamento não implicam um comportamento rígido moral das mulheres, pois algumas engravidam solteiras e casam com outros homens que não o pai de seus filhos.

Dona Durvalina e Dona Olga, filhas de Juvenal e Maria, foram parteiras em Bатуva por muitos anos. "Agora já não atendo mais", conta Dona Olga, "pois tem muita exigência dos médicos".

Existem vários casamentos entre ramos de uma mesma família: primos, tios e sobrinhas. Como demonstra este recorte do genealograma, mãe e filha- Tereza Tubanelli e Domingas são avós respectivamente de Eva e Nelson, casados na 2.^a geração.

FIGURA 9 - FAMÍLIA BARRETO-PIRES



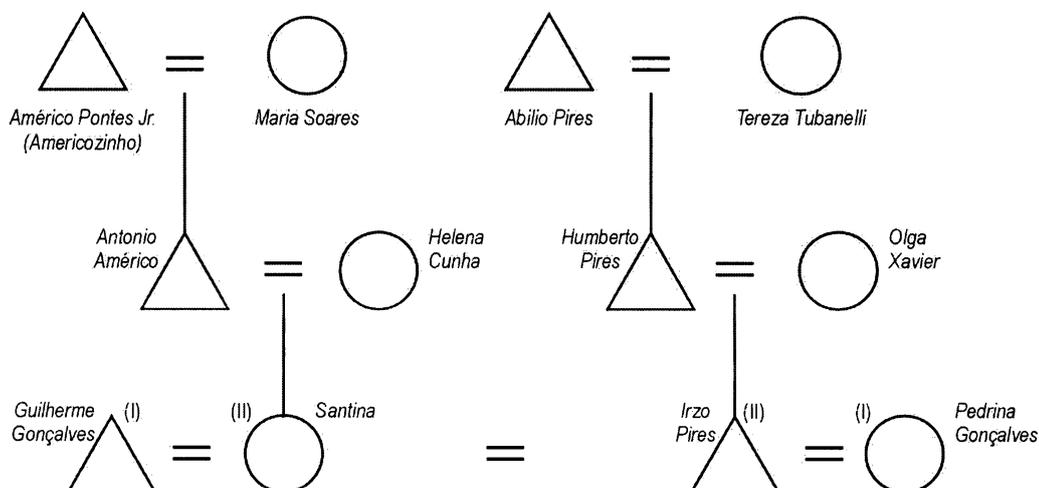
Nesse caso, com o casamento de Eva e Nelson que são primos de terceiro grau, Humberto Pires que é tio-avô de Eva, passa a tê-la como sua nora. Liberato Barreto, também primo do pai de Nelson, passa a ser seu sogro.

No levantamento genealógico pode-se ainda observar que alguns casamentos ocorreram de homens, amigos ou aparentados dos heróis fundadores, com irmãs, primas e aparentadas suas e de suas mulheres. Mas também existem as interdições.

Casamentos "proibidos" eram os das famílias – Barreto e Pires – com os descendentes de Américo Pontes. "Só na quarta geração é que tem casamentos e ainda assim contra a vontade dos pais." "N. Pires apanhou do pai dele porque estava interessado numa moça dos Pontes", conta dona E. Barreto, sua mulher. Seu N. Pires confirmou as cintadas que levou do pai, "já moço". Porém, seu irmão, no segundo casamento "escolheu uma moça da família Pontes".

História que está representada no recorte de genealograma (figura 10), que também mostra Américo Pontes Jr., conhecido como Americozinho, nascido em Batuva por volta de 1874-6, o quinto filho também famoso de Américo da Silva Pontes, o ancestral fundador de Batuva.

FIGURA 10 - FAMÍLIA PONTES-PIRES



É interessante observar nessa história que Irzo Pires e Santina estão juntos num segundo casamento de cada um, o que abranda um pouco a antiga briga das duas famílias, na medida em que *"o primeiro casamento é o mais considerado"* pelas famílias.

A explicação, no discurso, para a origem do conflito entre estas famílias parece encontrar significação, em parte, na questão racial, pois *"italianos não gostam de negros, meu pai é racista até hoje"*. Os Barreto são de origem italiana e os Pires de origem portuguesa, enquanto os Pontes *"descendem de escravos."* Outra questão que se coloca, não tão explicitamente, refere-se a uma posição superior política e até financeira dos Pontes. *"O governador Manoel Ribas doou 400 alqueires para Américo Pontes quando as terras deixaram de ser de São Paulo"*. Parece haver algo não muito bem entendido ou mesmo não totalmente aceito, na preferência do governo por Américo Pontes. Tal confiança teve uma outra consequência, também contada com respeito e aceitação, mas não sem que fique evidente algum sentimento de exclusão: *"O velho Américo ficou encarregado de medir as terras para todos os moradores. Foram 30 alqueires pra um, 20 pra outro..."* vai lembrando e esquecendo o seu J. Eloy com os seus bem marcados 87 anos. Seu Eloy, *"pelo lado da mãe, dona Ana França Eloy, irmã do José Thobias de França"* é parente dos Thobias. Sua avó materna, dona Tereza era irmã do Américo Pontes. Mesmo com este parentesco, ele deixa transparecer tais questões. Ele confirma que *"Américo Pontes teve muito estudo, eram muito bem de vida. Um filho menor dele, o Arnaldo, ganhou na loteria 10.000 Réis. Era muito dinheiro"*. Diante da minha surpresa do "muito estudo", tentou explicar que não era estudo em escola, e sim muita informação, *"homem que lia e estava sempre muito ligado com a política"*.

Também visitei o Sr. Guimarães, filho mais velho dos Pontes, um dos mais antigos do lugar e, mesmo tendo terras, sua situação é a *"mais carente da comunidade"*. A visita à sua morada só foi possível com o auxílio prestado pelo sr. Benedito, segundo marido da dona Antonia, sobrinha neta do Sr. Guimarães. "Seu Benedito" levou-nos no seu ônibus, único veículo do local que consegue atravessar

os terrenos e percorrer um trecho do leito do rio Guaraqueçaba, caminho para chegar às "*terras dos Pontes*". São terras com bananeiras, mandioca, algum gado, várias guararemas, a frondosa árvore nativa da região.

O Sr. Guimarães, com setenta anos, estava muito doente, desanimado e sem motivação. Mostrou-se cansado de lutar, amargurado com a mulher e sem planos. Apesar disso, foi cordial e prestou todas as informações sobre seus antepassados e sobre seus filhos e netos.

FIGURA 11 - MORADA DO SR. GUIMARÃES



FONTE: Foto da autora, abril/2000

Enquanto conversávamos, seu filho mais novo de catorze anos estava preparando um pássaro cozido para almoçarem. Segundo o sr. Guimarães, era "*uma galinha garnisé*"; e, segundo o Sr. Benedito, era "*algum pássaro que eles pegaram e tinham medo de falar*". Como Sr. Guimarães já não tem mais condições de trabalhar, caça escondido para se alimentar. Caça escondido, e fica temeroso e desconfiado com as visitas. Mente, e sabe que seu amigo sabe que é mentira...Uma constrangedora corrente (nos dois sentidos do termo) de conseqüências impostas por uma política de

preservação do meio ambiente. É impossível não ficar afetada com tamanha contradição: alqueires e alqueires de terra e aquela penúria, física e simbólica.

Sr. Guimarães diz que tem os braços "*fracos*". Porém, é ele o cozinheiro da família, com ajuda do filho. Sua mulher, Da. Helena, segundo ele, "*tem problema na cabeça*". Foi possível observar também algumas dificuldades do filho mais novo, que não consegue ir a aula, pois já brigou com todos, inclusive com a professora. Vivem de alguma caça "ilegal" e do extrativismo, também "ilegal".

A conversa se estendeu durante toda aquela tarde e continuou na manhã seguinte. O Sr. Guimarães se dispôs a remexer suas lembranças para falar da chegada do seu pai, do seu avô, filhos, netos, bisnetos e familiares. Conversa que o deixou cansado. Mas demonstrou interesse em continuá-la.

Saí da morada do Sr. Guimarães com aperto n'alma com sua situação, apesar da conversa ter sido frutífera para a pesquisa. "*Se nossa profissão não servir para nada, ao menos deve servir para revelarmos tanto abandono*", desabafava o Professor Claude Raynaut – um humanista. A partir do depoimento do Sr. Guimarães, reafirmou-se que as famílias da região tendem a ser patrilocais e patrilineares. As mulheres da sua família foram "*trazidas para morar nas terras dos Pontes*", o que parecia uma prática absolutamente normal e conhecida por todos. Ele falava dos homens da família num tom, devotando-lhes prestígio, o mesmo não ocorria com relação às mulheres, as quais apenas citava, até mesmo esquecendo-se do nome de algumas.⁵³ Isto tudo indica também uma característica da organização familiar, que mais uma vez me fazia pensar em linhagens, pois ficava claro que considerava um grupo de filiação unilinear, em linha agnática, confirmando a observação de WOORTMANN (1995, p.79) de que "... a patrilinearidade, tradição camponesa européia, transportada em parte para o Brasil, é uma característica da cultura".

⁵³Terminado o trabalho inicial de registrar estes dos familiares, combinei que em outra ocasião voltaria para visitá-lo. Foi o que fiz por mais duas vezes, e somente encontrei sua mulher e filhos. Ele estava em Cananéia, na casa de um filho, pois estava doente. Da última vez que fui procurá-lo, "*já fazia tempo que não tinham notícia*" dele. Depois eu soube que ele havia falecido em novembro.

3.3 "PROSA SEM COMPROMISSO"

Naqueles tempo a gente tinha fartura. Matava os animais e dava carne de presente pros vizinhos. Era muito bom. Agora já tá difícil. Os homens não deixam a gente plantar. Cuidam até de avião. As vezes eles passam de avião e se encontram alguém usando a terra, descem e querem prender. Vê se isso é possível (Trecho da conversa com o Sr. L. Martins, conhecido como "Seu Déco").

Apesar do material da lembrança ser um tanto nostálgico, "seu Deco" mostra-se animado ao falar do seu passado. Drummond de Andrade, numa entrevista datada de 1984,⁵⁴ com 82 anos, também declara-se "muito satisfeito e muito contente" por estar podendo lembrar "com prazer" passagens da sua vida. Vai dizer que a "memória é um repositório fabuloso de elemento, uma espécie de enciclopédia que nós temos dentro de nós, e que vai sendo utilizada ao longo da vida... Agora, por outro lado, a memória é muito traiçoeira" (CAROS AMIGOS, 1999). Fiquei refletindo que a satisfação dos velhos ao rememorar tem um pouco do que BOSI (1995, p.48) salienta sobre o quanto do momento presente recria o passado. A memória não é somente constituída de fragmentos do passado que se atualizam no presente, mas material "novo", de outra forma vivido enquanto atual, num momento novo da vida. A análise das conversas mostra que estas formas de reconstrução da memória, aparentemente, são prazerosas.

Nas conversas com os homens em Batuva, as memórias inevitavelmente giravam em torno "das terras". Histórias a respeito de sua aquisição, do modo como foram exploradas "*antes do Ibama incomodar*" e das dificuldades atuais para usar a terra própria. "Naquela época" podiam cultivar no "vargedo", às margens dos rios, principalmente banana. O rio também era utilizado para o escoamento da produção, levada em canoas até Guaraqueçaba. Nos morros, cultivavam o arroz, o feijão, o milho, a mandioca. Comentam, lamentando, que o Ibama não reconhece que eles "*sabiam cuidar da terra*". Faziam "pousio", isto é, deixavam trechos da terra descansar e ocupavam outros espaços, de forma sistemática, "*para não cansar a terra*".

⁵⁴Entrevista publicada na revista *Caros Amigos*, n.29, ago./1999.

A temática da fala dos homens não se afasta da questão das "suas terras" e muitas lembranças permitem retornar ao tempo dos seus pais e avós, os primeiros "desbravadores", "patriarcas" com quem aprenderam a "*lidar com a terra*", tarefa que consideram difícil e de enorme importância.

Homem que não tem terra não tem nada. Não pode constituir família e não tem de onde tirar o sustento. Viver do comprado não dá. (Comentário de filho do "Seu Déco").

As muitas visitas e conversas, a permanência no lugar, possibilitaram mais intimidade, e pouco a pouco foi ficando clara a autoridade dos homens. O lugar do pai como chefe da família, a distribuição do poder e alguns valores familiares tornaram-se visíveis. Pode-se sentir o respeito indiscutível dos filhos pelos pais, incluindo uma obediência quase sem críticas, tanto aos pais como aos parentes mais velhos (tios homens, avós), e obrigações domésticas dos filhos para liberar os pais do trabalho intenso.

A permanência no lugar permitiu também aprofundar o convívio com "as mulheres e os filhos". Assim, numa ocasião em que estavam reunidas somente mulheres de três gerações de uma mesma família – os Pires –, foi possível "escutar" o "mundo feminino". Dona Olga (sogra duas vezes e avó muitas vezes das mulheres presentes), viúva, setenta e três anos, voltava da igreja, parou e veio fazer parte da conversa, uma "*prosa sem compromisso*".

A palavra era dela, não somente pelo lugar especial que as mais jovens lhe concediam, como também pelos pedidos das netas para que "contasse histórias". O assunto girava em torno da vida das mulheres casadas. Queixas, e mais queixas. *Mulher não tem direito de escolha de nada. Casam cedo. Das presentes, uma havia casado com quinze anos e a outra com dezesseis. Ambos os maridos bem mais velhos. As famílias é que os escolheram. Sobre este assunto não fazem comentários, apenas deixam transparecer que esse tipo de decisão faz parte do seu cotidiano. "Só dá pra sair se o marido deixa, só usa a roupa que o marido compra".*⁵⁵

⁵⁵Quando os homens vão à cidade costumam comprar tecido e trazer para as mulheres, que costuram suas roupas e a dos filhos.

Também muitas insatisfações com a divisão das tarefas. Além dos trabalhos domésticos e dos cuidados com os filhos menores, elas *vão pra roça*. Os homens dividem algumas tarefas em casa: pilar o arroz no monjolo, torrar farinha na farinheira, também chamado "tráfico", tirar aipim, matar as galinhas ou outro animal, tirar palmito para o almoço... Mas elas concordam que para as mulheres as tarefas são mais numerosas.

As que têm filhos pequenos, devem levá-los para a roça. "Chegando lá, cortava um pouco de mato para amarrar a rede no cepo com as crianças. A noite voltava, dava banho nos filhos e ia cuidar da comida". Apesar das queixas, existia uma espécie de orgulho naquelas mulheres, advindo da sua capacidade de executar tarefas tão árduas, e quem sabe "masculinas", em certo sentido. Talvez a força física e moral, a possibilidade de executar funções importantes para a vida doméstica, como é considerado o trabalho fora de casa, a participação na renda familiar, além de outros valores, fossem os motivos para esta disfarçada autovalorização feminina.

FIGURA 12 - DONA OLGA



FONTE: Foto da autora, novembro/2000

"Os homens têm até tempo de caçar e de pescar". Quando lembravam das caçadas, ficavam expostas a sentimentos hostis em relação aos homens, presente nos comentários e piadas que faziam a respeito dos cachorros de caça. Todo caçador tem pelo menos um cachorro bom de caça. "*Tem homem que gosta mais do seu cachorro do que da mulher,*" fala que deixava escapar um sentido duplo, entendido por todas e motivo para risos. Contaram também histórias para deixar o homem "manso". "*É só a mulher vestir roupa do marido no avesso, sem ele saber*", outro assunto que deixava eclodir "esta marca na sociedade ocidental do gritante domínio masculino" (HERITIER, 1996, p.195).

Contadas pelos homens, histórias semelhantes, tal como as caçadas – ainda caçam cotia, paca, tatu, tateto, porco-do-mato e muito raramente javali – têm bem-outro valor. Eles se orgulham das suas caçadas, dos seus cachorros de caça, das suas habilidades em reconhecer as pegadas dos animais na mata ou em identificar alguns sinais que indicam a presença dos animais.

Esta espécie de sentimento de disputa de espaço pelas mulheres, em relação aos homens, mostrou-se comum nas "prosas sem compromisso", a cada vez que só mulheres se reuniam. Naquela tarde, foi Dona Olga com todo o direito adquirido pela sua idade, quem terminou a conversa contando uma história picante, e desmerecedora para os homens: "*Sabem por que os cachorros vivem cheirando o traseiro dos donos? É porque quando eles vão tomar banho no rio, todos juntos, tiram os calções e penduram nas árvores. Depois que saem da água, arrisca de um pegar o calção do outro. Daí os cachorros tem que ficar procurando o seu dono, pra garantia*". No final da história estourou uma gargalhada geral.

Não era somente a idade que garantia a Dona Olga um "certo direito" reconhecido pelas outras mulheres e também pelos homens, tão bem percebidos nos modos de prosa e nos "causos" contados por ele. E não era somente ela que gozava destas prerrogativas. Algumas mulheres mais velhas, principalmente as viúvas que herdaram as terras, ou as casadas duas vezes, mas donas das "*terras de herança*", ou ainda as que ganharam notoriedade por sua tarefa, como as parteiras

locais, são respeitadas e têm lugar no "espaço de poder" local. Seriam elas as mulheres "com coração de homem"?⁵⁶ Em uma sociedade caracteristicamente patriarcal, como se identifica Batuva, em que o comportamento feminino ideal seria a submissão, a reserva, a doçura, o pudor e a humildade, existe um tipo reconhecido de mulheres que não se comportam como o esperado e, apesar disso, tal como os homens, têm seus direitos reconhecidos. HERITIER (1996, p.215) indica que para isto é preciso, entre os Piegan, uma combinação de três características: ser rica, ter uma posição social elevada e ser casada. Batuva parece confirmar elementos dessa combinação. As mulheres que têm notoriedade, têm terras de herança e são casadas, o que pode expressar uma "certa riqueza" e uma posição social elevada.

As matérias discursivas – a reconstrução da história e da memória – trazidas pela memória individual ou coletiva são recriadas pelo contador, compõem-se com suas lembranças e fantasias naquelas conversas "sem compromisso". Questões inconscientes são trazidas à tona, ainda que de modo despercebido, por quem transmite histórias e evocações. Lembranças e situações concretas, que definem espaços sociais – o masculino e o feminino – são convocadas à consciência, sem intencionalidade. Material há muito esquecido, recalçado, "*guardado no baú*". Esta última expressão que escutei por lá representa bem uma teoria que considerava o material inconsciente como algo guardado, que evoca uma rede de medos, pensamentos mágicos, crenças, esperanças e sonhos. Porém, quando o inconsciente é analogado à linguagem (LACAN, 1964), pode-se pensar com BOSI (1999, p.67) "... as percepções podem passar por um 'período latente', durante o qual 'desaparecem' da consciência até que, por motivos diversos, reaflorem mnemicamente." Metáforas e metonímias, lógicas da linguagem, que fazem saltar dos discursos, para muito além do pretendido, o inesperado, o "novo", o "estranho". Tudo isso permite construir uma interpretação, enquanto também

⁵⁶Assim chamadas na pesquisa de Oscar Lewis (1941) entre os Índios Piegan canadenses, relatada por Françoise Heritier, in **Masculino Feminino** (1996, p. 214).

constrói contatos e conforma relações que são desenhadas sobre os espaços, delimitando fronteiras, limites.

3.4 DIVISÃO DAS TERRAS: TRAÇO E CONVERSA DE HOMEM

O recurso a mapas feitos por informantes tem sido uma constante nas pesquisas da antropologia em estudos etnográficos, pois trazem uma consistência empírica para a discussão teórica. Auxiliam a compreensão social e simbólica do espaço. Mostram a percepção do ambiente em um dado momento. Têm sido estudados tanto como representações de informações cognitivas, à luz da orientação espacial, e também como linguagem visual. Num processo de seleção, organização e estruturação de informações espaciais representam um recorte, uma expressão externa desse processo. A organização cognitiva de informações espaciais que se capta ao longo da existência, adquire diversas formas de expressão. Os desenhos de lugares visitados, esboços de mapas, lista mental de lugares, são alguns exemplos desse processo. Daí que estes mapas "... não podem ser avaliados com critérios de semelhança e proporcionalidade em relação à realidade representada porque sempre transmitem a percepção que um determinado sujeito tem, em uma ocasião particular, sobre o meio ambiente" (NIEMEYER, 1994, p.6).

Para andar por Batuva, procurar os sítios e neles as moradas, foi preciso aprender um pouco a fisiografia local e olhar o percurso dos rios e trilhas. Além do Rio Guaraqueçaba, cortam a região alguns de seus afluentes: o Rio Branco, o Rio Veado, o Rio Pasmado, que já fica "*mais para o sul*", o Rio Olaria, o Rio da Serrinha, Rio do Bicudo e Rio da Cachoeira. A tudo isto somam-se as principais trilhas pelo meio da floresta que permitem acesso às moradas mais "*retiradas*". O que conforma um emaranhado de caminhos por água e por terra, que aparece indecifrável ao neófito.

Essa necessidade de localização e de identificação dos sítios e moradas que queria visitar, foi sendo acolhida pelos moradores que por meio de alguns desenhos tentavam retratar "o lugar". Tamanho interesse e colaboração acabaram

por encaminhar a construção de desenhos e mapas de Batuva. Foram três as principais representações da localidade, a seguir discutidas.

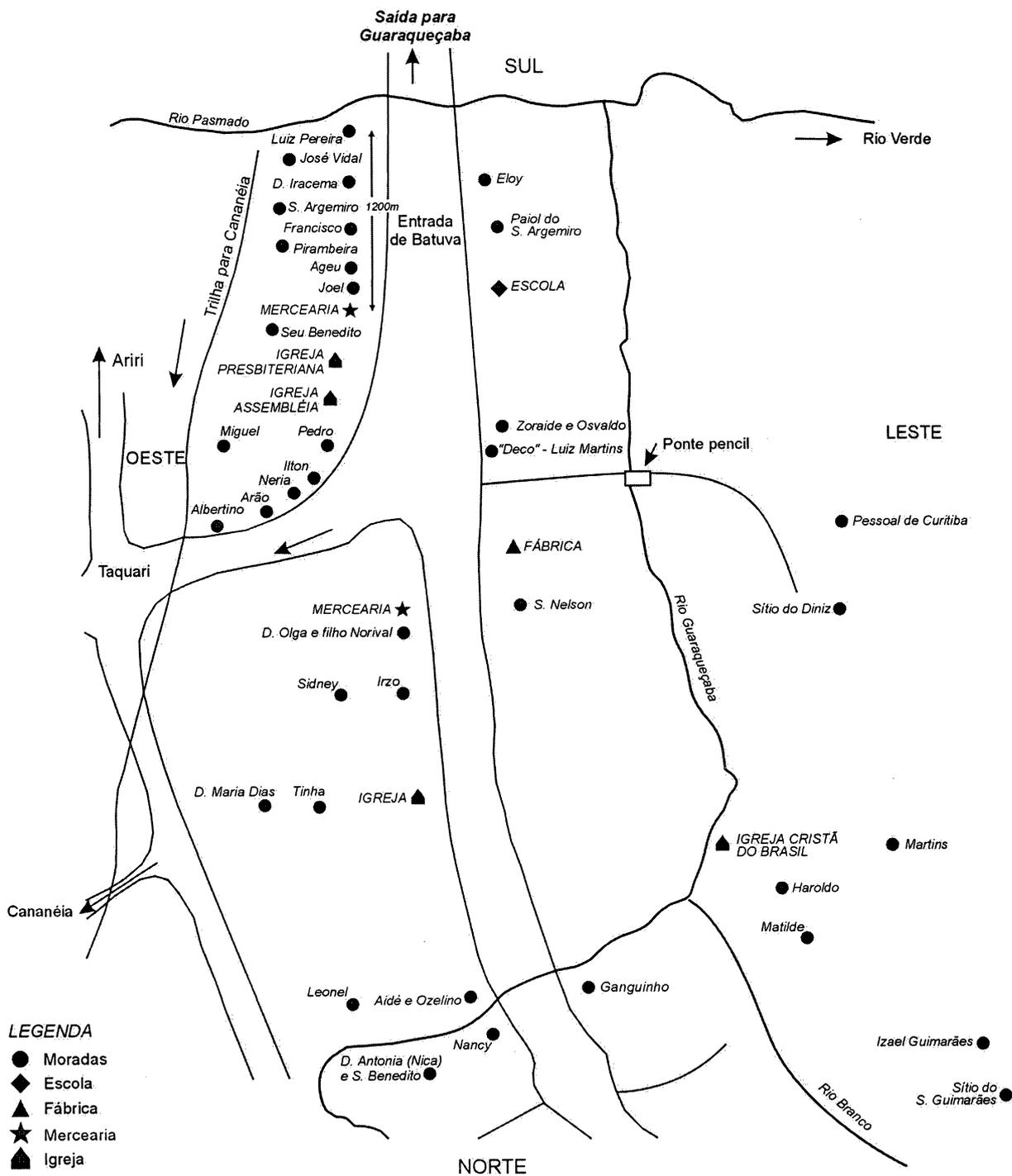
Na primeira estada, foi possível um "desenho" de Batuva que representa a disposição das *moradas* e dos *sítios* localizados ao longo da estrada. Realizado com a participação de várias *pessoas do lugar*, solicitadas a dar suas "opiniões", o desenho foi-se completando com o apoio de um "mapa" já existente,⁵⁷ enquanto auxiliava minha localização. Um passeio na comunidade permitiu conhecer melhor o lugar e as famílias. Foi um passeio a pé, iniciado na mercearia da Da. Antonia, em direção sul, com paradas e conversas em cada *morada*. Com os recursos disponíveis – lápis, borracha, caderno de campo, tamanho das passadas – foi reeditado o mapa. Nesse desenho, a distância aproximada entre a mercearia e a *morada* do Sr. Luiz Pereira, é de 1km e 200m (figura 13). Tal medida foi feita segundo as passadas do Professor Claude Raynaut, que, compenetradamente, embaixo de uma chuva fina e malgrado as condições do caminho – pedras, mato, barro, buracos – tentava manter a mesma distância entre os passos.

Para melhor entender o mapa, cada *morada* recebeu uma identificação pelo nome do seu morador "mais importante": "Aidé e Ozelino", "sítio do seu Guimarães", "Martins", "Nica"... A cada nova estada em Batuva, foi sendo necessário e possível ampliar e detalhar o desenho.

Essa orientação foi definidora. A partir do mapa com a localização das *moradas*, outras questões foram visualizadas: os casamentos entre vizinhos, a *morada* dos filhos na propriedade dos pais.

⁵⁷Já existia um mapeamento das *moradas*, elaborado por alunos do Doutorado do Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR. Atualmente, está em elaboração um mapa aerofotogramétrico.

FIGURA 13 - MAPA DAS MORADAS DE BATUVA



No sentido Sul desse *mapa* encontra-se a estrada principal, a PR-404 a 18 km da saída de Batuva. Para o Norte, a estrada termina no Rio Guaraqueçaba. Nas duas margens do rio do mesmo nome encontram-se sítios e moradas, que à medida que se vai afastando das margens, escasseiam cada vez mais. Com o *ônibus do Sr. Benedito*⁵⁸, pode-se seguir até o início de algumas trilhas que ladeiam e atravessam o leito do rio, e que seguem até as *moradas* de cada um destes sítios. A partir dali o percurso é feito a pé. Os moradores, por vezes, utilizam cavalo.

Da estrada principal, no sentido sul de quem entra em Batuva, à esquerda, utiliza-se um "caminho", uma "trilha aberta no meio da mata", já bastante conhecida, para se chegar ao *sítio do Diniz* e do *peçoal de Curitiba*. Para atravessar o Rio Guaraqueçaba, neste local, há uma ponte pênsil engenhosamente construída pelos moradores, com troncos de árvores longos e finos, amarrados uns aos outros e sustentados por quatro cabos de aço. *Atravessar a ponte é uma aventura*, como Dona Eva dizia.⁵⁹ Muitas pessoas do lugar preferem atravessar o rio a pé, ou mesmo de bicicleta como fazem os mais moços, pois o leito é de pedras, e permite uma travessia tranqüila. Em alguns trechos dos rios, são utilizadas canoas para o transporte. Tradicionalmente os moradores faziam suas próprias canoas. Depois de definida a APA foram proibidas as derrubadas de árvores de grande porte, próprias para a construção deste meio de transporte, um dos motivos para terem deixado de construí-las.⁶⁰

Principalmente as crianças e os jovens costumam tomar banho nos rios. É o programa preferido pela *moçada* que aguarda os dias ensolarados para isto. Também é costume pescar lambaris e outros pequenos peixes. Numa das estadas

⁵⁸Sr. Benedito veio do interior do Paraná, onde era motorista profissional. Casou e ficou em Batuva. Já se candidatou a vereador mas não foi eleito. Tem dois ônibus. Um, utiliza para fazer viagens diárias de Batuva a Guaraqueçaba. O outro, mais velho, transporta bananas e mercadorias diversas. Com este seu ônibus, é possível percorrer as terras de Batuva, mesmo por dentro do raso leito do rio Guaraqueçaba.

⁵⁹Pesquisa de campo, em 03.11.2000.

⁶⁰Para maiores detalhes ver o filme: *O último fazedor de canoas*, Acervo do MAE, produzido pela Realiza Filmes - Secretaria de Estado da Cultura.

da pesquisa de campo houve pesca para o jantar pois a atividade, além de lazer, enriquece a dieta alimentar.

Apesar de o mapa facilitar em muito a pesquisa, dúvidas quanto a localização das *moradas* e dos *sítios* mais distantes levaram a que o Sr. N. Pires, antigo morador, numa noite após chegar da roça, desenhasse o seu "mapa" de Batuva sobre a mesa da cozinha de sua casa. Foi uma forma de auxiliar a pesquisa, porém também uma demonstração do seu conhecimento sobre a história das heranças das terras, assunto predileto dos homens em Batuva. Ele iniciou com a representação do Rio Guaraqueçaba e dos 104 alqueires dos Pontes. E "*lá de cima*" veio desenhando e lembrando e definindo os espaços das terras que continuam propriedade das famílias herdeiras e os sítios que foram vendidos

Quando surgem manifestações por meio de mapas, "*... não há porque classificá-las de rascunhos (idéia implícita na denominação 'esboços de mapas') utilizada por alguns autores, "pois mapas cartográficos ou não sempre transmitem um ponto de vista específico sobre o mundo"*.

O *mapa* do sr. N. Pires está desenhado ao contrário do primeiro, de modo que o Rio Pasmado aparece na parte inferior da página. Ele fez como fazem os cartógrafos, considerou o Norte no alto da folha. Conhece tão bem aquelas terras, a todo momento está consciente das imagens dos morros e serras que circundam Batuva e que servem para localizá-lo. Sabe exatamente onde o sol nasce e morre, no verão e no inverno. Bem ao contrário, precisei representar no primeiro mapa uma espécie de fotografia de Batuva de modo que eu seguisse os sinais, os poucos que já reconhecia para não me perder. Não pude considerar os pontos cardeais, questão que não estava nas minhas preocupações iniciais.

Sr. N. Pires ressaltou as terras e dividiu os espaços identificando-os com os nomes dos seus "donos". Desenhando com lápis sobre folha em branco, poderia parecer um rascunho. No entanto, o autor desenhou os sítios de acordo com sua lista mental de lugares, contextualizando os rios e as trilhas como marcas significativas e seguindo o curso do Rio Guaraqueçaba. É interessante como

Pode-se ver, na parte sul do desenho, as terras do Zugmann, compradas *"há mais ou menos uns 30 anos, que não foram desmatadas. Só tem a exploração do palmito nativo. É uma terra grande"*.

A "trilha do telégrafo" é também um marco espacial significativo, por isso mesmo, acompanhando um trecho do Rio Guaraqueçaba, bem representada pelo seu N. Pires. Conforme já comentado, foi a via de chegada de São Paulo a Batuva, dos primeiros moradores que vieram a se instalar no lugar, é ainda hoje percorrida a pé ou a cavalo.

O terceiro mapa já é uma representação mais apurada e simbolizada dos sítios, moradas, rios, trilhas. A partir de um trabalho de localização das moradas por GPS (*Global Positioning System*),⁶¹ em todo o município, durante o censo, em julho de 2000,⁶² foi possível uma revisão dos desenhos e incorporar imagens de satélite (figura 15). Com isto obteve-se um terceiro desenho de Batuva, um novo recorte que organizou as informações espaciais.

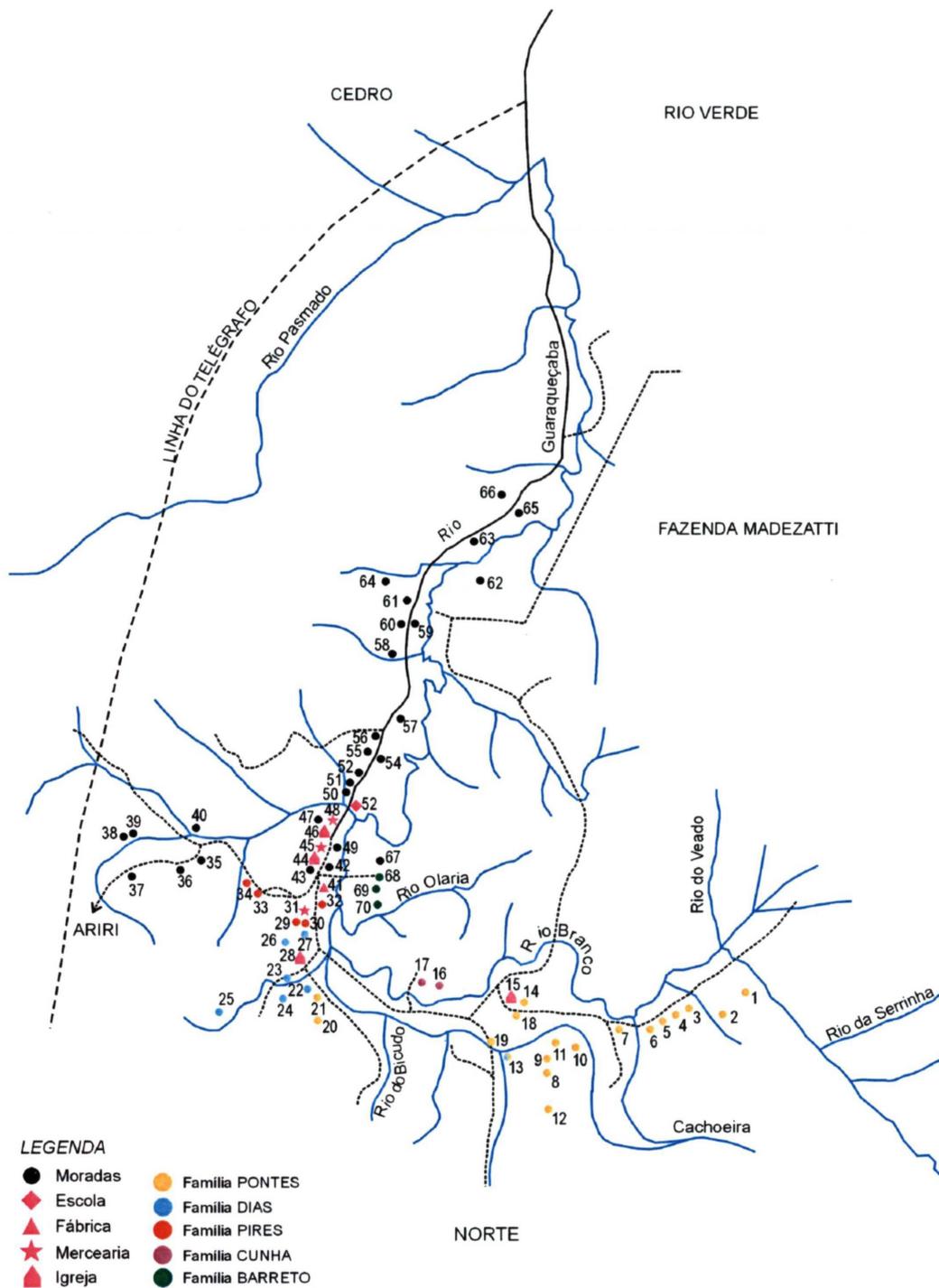
Algumas moradas nas terras dos Pontes, devido à imprecisão típica dos GPS, foram localizadas com erros de 30 e 40 metros em relação à localização efetiva. Apareceram deslocadas da margem esquerda, onde efetivamente se encontram, para a margem direita do rio, situação inadmissível para os moradores. Uma listagem das moradas, a partir do cadastramento do mesmo censo foi cotejada com os dados obtidos em campo. Finalmente, com os desenhos dos dois primeiros mapas, e a ajuda de alguns homens especialmente do sr. N.Pires, foi possível mapear Batuva. Um mapa, que pela maior precisão da localização geográfica dos rios, melhora a percepção cartográfica de Batuva.

⁶¹O GPS é um aparelho conectado a um conjunto de satélites que permite o posicionamento de quem o utiliza, das coordenadas da Terra. Substitui, com precisão, a bússola. Por decisão do governo norte-americano, e por questões de estratégia militar, está prevista uma imprecisão nos GPSs (Dictionnaire Hachette- 2000).

⁶²Nessa época estava sendo realizado um censo pelo Programa de Pesquisa Rural/Guaraqueçaba, do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento/UFPR.

FIGURA 15 - VERSÃO ATUALIZADA DO MAPA DE BATUVA⁶³

SUL



⁶³Com o objetivo de expandir a análise e a reflexão sobre a relação das famílias com suas terras, procurei representar com cores cada família, e mesmo os "casamentos", conforme a situação atual dos moradores e dos sítios.

Desenhos e fotografias recolhidos durante a pesquisa de campo permitem o acesso a leituras vindas de outras disciplinas (NIEMEYER, 1992). São um tema de fronteira e possibilitam uma reflexão sobre as interfaces da antropologia com outras áreas de estudo.

Porém, se o assunto preferido dos homens gira em redor de suas terras, e por isto mesmo o desenho dos mapas foi muito interessante para eles, o assunto preferido das mulheres volta-se para suas prendas. E é na cozinha o lugar onde se expressam.

3.5 A COZINHA É DAS MULHERES

Os homens não se alimentam simplesmente. Sua alimentação envolve escolhas, preferências, momentos, companhias. Eles se alimentam de uma maneira específica. Este fato, tal qual a percepção do espaço, revela o quanto o ato de comer e estar no mundo implica representações simbólicas decorrentes da rede de relações sociais. A culinária, apesar de universal não é idêntica, ao contrário, prima pela diversidade. Os inúmeros cuidados com o preparo da comida e com os "rituais" das refeições dizem da forma de organização social, da vida familiar e do trabalho. Cada sociedade seleciona o que comer, o modo e as operações culinárias "necessárias" para preparar os alimentos. Os processos culinários constituem-se de diferentes técnicas e de práticas refinadas no selecionar o alimento "melhor", "mais saboroso", "nutritivo" etc. Como todo processo social, estes fatos manifestam as representações e refletem as condições históricas e econômicas, além dos valores culturais. Também aquele que faz a comida, o modo como a prepara, o que escolhe, como tempera, como serve, transcende o objeto em si e seus gostos pessoais, o que sugere a presença de um significado social, uma explicação cultural nos hábitos alimentares.

Sabe-se o quanto as relações de amizade são vivenciadas pela "camaradagem à mesa" nos costumes brasileiros. Caracteristicamente em momentos importantes, refeições "especiais" compartilhadas com amigos, parentes,

compadres mantêm laços, tradições, costumes.⁶⁴ Em Batuva, o oferecimento de comida aos visitantes, amigos e vizinhos é um traço comum. Provoca sentimentos amistosos entre as pessoas. O convidado deve agir com polidez, elogiar o alimento e interessar-se pela receita, o que é fundamental se for uma mulher.

Conviver em Batuva fez reconhecer o valor para as famílias da quantidade e da composição da sua dieta, tanto quanto da importância da cozinha, de quem prepara a comida e com quem as refeições são compartilhadas.

Muito mais que uma peça da casa, em Batuva a cozinha é *o lugar das mulheres*. Este *lugar das mulheres*, diferentemente do que se pode escutar dos homens com uma pitada de desconsideração quando as questões de gênero estão em pauta, é um lugar de valor. A cozinha é, reconhecidamente, um lugar feminino com todas as implicações que isto possa ter. Das esposas e de suas filhas mulheres. Das visitas entre mulheres. De conversas femininas. Dos segredos entre mulheres. Conversas sobre os namorados das filhas. Pedidos aprovados pelas mães sem que os pais saibam. Ali são costuradas as tramas entre mães e filhas, sogras e noras, para depois chegar até o pai, os maridos, os "homens", com o discurso combinado. É ali que elas mostram seu saber, desenvolvem sua arte, exercem seu domínio. Femininos também são os enfeites e ornamentos – tapetes, panos de prato, recortes de tecido que dão acabamento às prateleiras, as panelas brilhantes penduradas na parede, um jeito pessoal de arrumar a pia – os homens não se envolvem. Mas a cozinha é também onde a família se reúne, sob a direção do pai, a tardinha e a noite para ouvir e contar, apreender as histórias de Batuva.

Pode-se pensar que é pela representação do seu valor em um sistema simbólico que em Batuva são as mulheres e não os homens que cuidam da "cozinha"; é pela significação que a sociedade batuvana lhes atribui, e não por suas habilidades de cozinheiras em si (SAHLINS, 1979).

⁶⁴Para maior aprofundamento sobre o tema, ver: DEMETERCO, 1988.

Gilberto Freire no seu monumental e ao mesmo tempo singelo CASA GRANDE e SENZALA (1963, p.302) mostra como está presente o feminino e o erótico no preparo dos alimentos da culinária colonial brasileira, herdada de Portugal "... nos velhos nomes de quitutes e gulodices, nas formas e ornamentos meio fálicos de bolos e doces, na condimentação picante, como que afrodisíaca, dos guisados, cozidos e molhos, a vibração erótica, a tensão procriadora".

Lembra também nomes de alguns doces: "suspiros-de-freira", "toucinho-do-céu", "manjar-do-céu", "papos-de-anjos", "beijinhos", "língua-de-moça", "casadinhos", "mimos de amor" e tantos outros, todos sugestivos, que embalam ouvidos e prazeres nas cozinhas dos brasileiros. Não passa despercebido do "macho" Freire⁶⁵ que não são os homens, mas as mulheres, as autoras que comandam esta "fábrica de iguarias". E que estão a se deliciar nas propostas e sugestões culinárias que fazem aos homens. Em Batuva, por certo, não é diferente.

É de uma especial sofisticação que se trata, por exemplo, almoçar em Batuva. Esta tarefa – de fazer o almoço – começa muitas horas antes, ou mesmo no dia anterior.

"Você gosta de palmito?"

Tarefa cuidadosa. Misturam-se todos os fatores que estão presentes na feminilidade local. Ir até a roça, levar facão, procurar uma palmeira que já esteja na idade de ser cortada e derrubá-la. Limpar o caule, levar o palmito para casa e começar a *"tratá-lo."* Descascá-lo, cortá-lo e já deixando os pedaços da palmeira irem caindo em tijela preparada com água, sal e limão. Cozinhá-lo, e depois de algumas horas de trabalho zeloso, comer e oferecer uma salada de palmitos frescos.

"Quer comer um galo bom?⁶⁶ Vem cá me ajudar a procurá-lo. Tem medo de pegar? Deixa que eu pego, só fique fazendo cerca pra ele não escapar pro mato".

⁶⁵Ele é assim chamado num artigo publicado na Folha de S. Paulo, Folha Ilustrada, de 28 de agosto de 1997.

⁶⁶"Galo bom", na linguagem popular também significa um homem velho "bom", viril.

Imediatamente surge mais um amigo que passava por ali, para ajudar. Galo preso firmemente pelo pescoço, *"uma puxada no pescoço para destroncar"*, começava o preparo. Tiradas as penas, *"fazer um foguinho pra sapecar o baitão"*, que foi para a panela só depois de muitos outros cuidados... Passara-se uma manhã. Isto porque o arroz já estava pilado, o feijão já estava guardado no paiol.

A receita ditada por Dona Eva tem um nome sugetivo.⁶⁷ A todo momento algum sinal reafirmava a "tradição", a "diferença" de Batuva em relação ao meu suposto lugar, como que alertando e reafirmando ao mesmo tempo que existem diferenças e fronteiras que precisam ser preservadas.

"Quer anotar aí?"

FRANGO "TRADICIONAL DA REGIÃO" ou "QUEM TE VIU E QUEM TE VÊ"

Tempero: Colocar as partes do galo num "molho" de sal, cebola, alho e pimenta do reino.

Na panela: Óleo, uma colherinha de açúcar para queimar no fundo (isto é pra dar cor).

Quando o óleo está quente e o açúcar dourado, colocar todos os pedaços do frango para fritar. Em seguida colocar o tempero e deixar fritar mais um pouco. Por fim colocar dois copos de água e deixar cozinhar até dar ponto.

Noutra panela cozinhar aipim só com sal. Quando o frango estiver cozido, colocar tudo na panela do aipim, sem a água, só para cozinhar mais cinco minutos para o aipim pegar o tempero do frango. Pode servir.

Além dessa receita, surgiram muitas outras, como a sugerida para a *mistura do café da manhã*, normalmente acompanhado de cuscus, biju, bolinho da graxa, bolinho de farinha de arroz, bolinho de aipim, cará, inhame, batata doce: tudo produzido no terreiro.

⁶⁷Logo após termos participado da captura do galo no terreiro, em comitiva: Dona Eva, seu cunhado, e Seu João, amigo da família, além das crianças da casa, o cunhado pegou o galo, Dona Eva "destroncou" o pescoço e Seu João terminou o serviço de depenar, e "sapecar". Naquela noite senti o sabor do frango ensopado.

BOLINHO DE FARINHA DE ARROZ

(Receita da Dona Eva)

Coloca o arroz de molho na água. Deixa de um dia para o outro. No outro dia, escorre a água, coloca 2 ou 3 ovos, sal, uma pitada de fermento de bolo. A consistência da massa é média, nem mole nem seca. Colocar para fritar em óleo quente e pode servir logo em seguida.

As filhas de D. Eva acompanharam o preparo e foram buscar "seus" cadernos de receita para anotar mais alguma coisa, para mostrá-los simplesmente ou ainda, ensinar receitas próprias... Ficava evidente o valor do conhecimento passado oralmente de mãe para filha, alimentando e alimentado pelo saber da tradição.

Da importância considerável de alguns alimentos "*fortes*", como vão revelando as suas escolhas de comidas "*para sustentar o trabalho da roça*", comida "*pra janta*", comida "*de domingo*", ou a "*mistura*" das manhãs, testemunha-se um regime alimentar variado: mandioca⁶⁸, milho, arroz, doces de frutas, palmito, banana. A carne fresca é a de porco, ou de galinha que criam, e da caça. Bois e vacas são poucos, somente algumas famílias os possuem, e não são criações destinadas ao corte. Assim, quase não se alimentam de leite fresco, queijos e manteiga. Os ovos e os legumes são também bastante raros na sua dieta. Os sucos naturais de frutas da região são abundantes e freqüentes, assim como o café que está sempre presente; às vezes moído na hora, deixa seu sabor e aroma na memória por muito tempo...

A indústria caseira é que pila o arroz, faz o pão, os doces, o mel, as sobremesas, com as moendas, o pilão, as formas e os tachos de lata. Quase tudo por conta das mulheres e das suas filhas.

A participação da banana e do palmito na dieta alimentar resulta em diferenciação e caracterização na vida e mesmo no tipo do batuvano. O ato de colher a banana e, especialmente, cortar o palmito, coloca os homens em contato direto com a mata, durante o dia inteiro, por vários dias. São caminhadas e

⁶⁸Cultivam-se em Batuva, desde a sua povoação, a mandioca, o milho (MIGUEL,1997), como quase em toda parte do Brasil, o que até fixou estes alimentos como base do sistema alimentar brasileiro (FREIRE, 1963).

caminhadas mata a dentro, que os habituaram com os animais, com os frutos silvestres, com o alimento natural, que ganha um valor quase sagrado, assim como a água que não é potável, necessariamente, mas "*limpa*" por ser recolhida diretamente da "natureza". Assim, valorizam a comida "*tirada da terra*". "*É mais sadia e ajuda a digestão*". É daí, talvez, sua preferência por pão de aipim, de batata, de batata doce ao invés de trigo, e por assar alguns bolos e mesmo peixes envoltos em folhas de bananeira "*pra não ficar banhento*". Conhecem empiricamente vários vegetais, plantas, cascas de árvores, raízes, essências, com os quais fazem chás medicinais, unguentos, unturas, emplastos, "*costuras*", benzimentos, "*remédios caseiros*", os quais poderosamente compõem os valores e cultura local.

Para as mulheres, fica a importância do conhecimento de saber cozinhar. Desde cedo, ainda mocinhas, são elogiadas e valorizadas pelas outras mulheres diante das visitas, por suas prendas culinárias. Lá ainda vale o ditado conhecido de que quem sabe cozinhar já pode casar, reafirmando a cozinha como espaço dos saberes femininos.

3.6 "HISTÓRIAS DE ESPANTO", HISTÓRIAS SEM FIM...

"VI - SA - CI - ÇA - PE - RÊ !!!!! em três assovios consecutivos, à noite, é o canto do Saci Pererê"⁶⁹, me conta o filho dos donos da casa.

As histórias de espanto são narrativas que tecem a interação social, informam os moradores, mas também divertem com espírito, riso e drama. Revelam o passado do grupo, a tradição apresentada de forma inventiva e recriada no

⁶⁹CASCUDO (s/d, p.424) diz que Capistrano de Abreu descreve o kilaino [saci-pererê, caipora ou curupira] como "entes maléficos que moram no mato ou no morro, assumem formas diferentes, alimentam-se de ratos e passarinhos, (...) respondem aos gritos de uma pessoa e gritam para transviar quem anda no mato."

O Dicionário Aurélio Eletrônico (2000) apresenta corruptelas para o saci-pererê, também conhecido como saci-cererê e matimpererê. Em Batuva, por várias vezes, os moradores e também crianças, se referiam ao saci-çaperê.

presente. São histórias conhecidas por todos, inclusive pelas crianças que gostam muito de contá-las. Disputam a vez de falar, e quando um fala, os demais escutam com respeito. Mesmo sendo já conhecidas, elas estão a cumprir o papel de fortalecer laços e tecer a trama da sua inclusão. Nesse tecer reforçam-se relações familiares e sociabilidades, lembranças e memórias.

BAKTHIN (1939, p.79) estudando A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento, vai dizer que "o riso da Idade Média venceu o medo de tudo que é mais temível que a terra". O riso tinha, assim, o lugar de um elemento de vitória, não somente sobre o terror que inspiravam os horrores do além, as coisas sagradas e a morte, mas sobre o temor inspirado por todas as formas de poder. O autor inspira a refletir sobre conteúdos inconscientes, medos, horrores e temores que são "domesticados" quando apresentados em palavras que evocam sentimentos comuns... Fazendo brincadeiras, os narradores e mesmo os ouvintes, podem encarnar seus fantasmas, afugentando-os... Reformulam o desconhecido, transformando-o em situações que controlam e sobre as quais têm um certo domínio, socializam a natureza.

Feriados da Páscoa de 2001, 6.^a feira gorda, ocasião em que ocorrem visitas dos filhos e netos que trabalham ou estudam em Guaraqueçaba, Paranaguá, Cananéia. À tardinha, a cozinha foi ficando repleta de parentes dos donos da casa. Situação propícia para muitas histórias... Enquanto a noite chegava e ia avançando, na mesma proporção avançavam também as muitas histórias que fazem parte do legado simbólico transmitido oralmente, de geração a geração, em Batuva.

Adenir, de tia Dê, andava já por três dias muito estranha. Parecia louca. Só queria subir no telhado, não comia, não falava com ninguém. No quarto dia, a avó, não suportando mais ver o sofrimento da menina, rezou até o Saci sair. A menina ficou curada!

Muitos já escutaram "o assovio do endiabrado", principalmente os homens, o que lhes confere um certo grau de respeito e sabedoria. São os homens que contam os estragos que o Saci faz com os animais.

Ele surra os cachorros, de madrugada dá pra escutar... Monta os cavalos, faz nó na crina que a gente depois tem que cortar, não dá jeito de desmanchar..." "Tempo de vento, quando tem redemoinho, pode esperar que de noite o Saci visita!

Uma mulher que participava da conversa, arriscou dizer que o Saci na verdade seria "(...) *um pássaro, 'sem-fim', que à noite troca de canto. Já fiquei escondida pra ver e vi este pássaro cantando*". Ninguém deu ouvido para sua constatação, porém não foi contestada. Sua fala não foi considerada talvez por ser mulher, e opinar sobre um assunto "da esfera masculina". Ou talvez, mais que isso, polemizava o conteúdo do assunto, o equivalente a pôr em xeque a cosmologia local...

Histórias despertam a imaginação, os sonhos e os medos das crianças e dos adultos. Refletem conteúdos moralistas e valores, sendo modificadas quando contadas de boca em boca, por enxertos ou contribuições. O hábito agrupa família e amigos, preenche o tempo e o resgata para o presente. Esse imaginário implica imagens articuladas, com estrutura precisa e dinâmica própria.

Na trajetória ocidental o imaginário foi desprestigiado em favor da racionalidade. O desprestígio à imaginação foi superado, em parte, pela Psicanálise, pela História, pela Sociologia e pela Antropologia. Estas viram na imaginação um poder real, capaz de criar um mundo, uma dimensão produtora de realidade. Valores e sentidos são socialmente construídos, são históricos, são atribuídos às coisas. Por este viés a imaginação é poderosa.

As percepções não são redutíveis a uma expressão especificamente orgânica, biológica, fisiológica ou universal. Percepções variam cultural e historicamente. No caso de Batuva animais ou seres imaginários, por exemplo o Saci-Pererê, são percebidos e recriados, passando a agir como suportes de imaginação, em narrativas que têm sentido naquele universo. Fazem parte, portanto, do seu universo social e material. São reais, provocam respeito, medos, ansiedades e esperanças.

Numa noite, a conversa avançou na cozinha. Eram fartas as histórias de "espíritos", crenças em seres sobrenaturais, lembranças de vivências que parecem

misturadas: imaginário, memórias fantasiosas e mistérios. São as "histórias de espanto", que anunciavam a entrada do sobrenatural na construção da História local.

Descritas como simplórias e reveladoras de um certo estado de inocência, tais narrativas parecem não justificar um estudo que lhes tome por objeto. Porém, tomadas como fato cultural, vistas como construções simbólicas – "matéria discursiva" –, podem levar à compreensão do presente batuvano.

O "rito" cumprido para que as histórias de espanto possam ser recontadas e lembradas, revela o que elas representam para a vida e interação social do grupo. No caso de Batuva, os ritos e as cerimônias estão a acompanhar os mitos, as "histórias de espanto". Elas não são contadas simplesmente. O ritual cumprido inclui o fato de algumas pessoas estarem reunidas, "quantas mais melhor", e tem que ser à noitinha, à noite e noite a dentro... Os homens é que contam as histórias de espanto. Tomam os lugares mais importantes na mesa. As mulheres, as crianças e as visitas sentam-se mais distantes, embora em volta da mesa também. A cozinha fica repleta. Faltam as cadeiras, e os mais jovens sentam-se nas beiradas das portas, degraus, improvisam. Podem participar, porém dando continuidade aos assuntos em pauta e não iniciando as conversas. Os filhos homens, ainda crianças, por vezes ganham o direito de ficar no colo do pai. Lugar privilegiado que está a cobrar uma resposta: aprender e repassar tantas histórias. LÉVI-STRAUSS (1993) vê relações entre mitos e ritos, sugerindo um paralelismo entre ambos.

As histórias de espanto surgiram como "oferenda", um "presente nativo", pois ao ser convidada para ouvi-las, fui de algum modo incluída no grupo, e pelo tom da voz de quem convidava, pude perceber o valor daquele convite. Foi uma espécie de "jóia" que não se oferece a qualquer um. A empatia começava a fortalecer-se. De fato, valeu-me para muitas indagações, descobertas, interpretações, reflexões e entendimentos de como o grupo compartilha valores, símbolos e preocupações que podem ser caracterizados como "tradição", mas estão presentes na *praxis*, na interação dos atores sociais, produzem e reproduzem sua cultura a todo momento.

DA MATTA (1978, p.27) define isto como o lado "romântico" da antropologia. Momentos que se vive entre dois universos, e que se realiza somente com o aparato pessoal de incertezas, descrenças, curiosidades, "*de modo artesanal e paciente*", juntando "nossas questões" aos ingredientes dos outros e da interação humana que se dá.

... Boitatá, bicho feio e perigoso que fica perto de uma fonte no final de braço de rio, é coisa pra botá qualquer um nervoso... Eu mesmo tenho muito cuidado, já encontrei com ele quando voltava de uma pescaria. Primeiro vi o fogo voando à noite... de arrepiar. Não me adiantou o facão na cintura [conta seu Nelson].

O Boitatá⁷⁰ é figura popular do folclore brasileiro. Também é conhecido como Biatatá, Baitatá ou Batatá. Diz o imaginário popular que se assemelha à cobra em fogo, é cobra-de-fogo, parece um facho cintilante que corre. Acredita-se que protege os campos contra aqueles que os incendiam. Também, interpreta-se o Boitatá como fogo-fátuo, ou alma-penada, pagando os pecados. Em Batuva, o Boitatá é temido e respeitado; tem muitas histórias e faz parte da tradição.

Nesses momentos, vê-se a memória sendo trabalhada e repassada de geração a geração. "*Sem perder sua função identitária, a memória é voltada para o presente*" (CAVIGNAC, 1995, p.6). Trabalho grupal que reavalia os conteúdos e as informações que a tradição oral transmite, além de fundar referências de filiação e pertença.

Seu João, um visitante, lembrou da "figueira do espanto".

... Árvore de muita visage aquela! Um tio meu, passando ali, levou um tapa no rosto! Ele vinha caçoando de uma mulher que havia morrido queimada. Ficou mais de uma semana sem olhar a luz do dia.

Era ainda o Boitatá desta vez.

Dona Eva, a dona da casa, contou uma história confirmada pelas suas duas filhas com um movimento de cabeça: "*Moça virgem não pode passar por cima*

⁷⁰Boitatá – intercorrência do vocábulo português boi, do boi em tupi, o mesmo que cobra (CASCUDO, s/d).

do mandorova⁷¹ que engravida de um 'piá', filho dele". Não parecia que alguma das presentes duvidasse nem um pouquinho da veracidade do afirmado. Têm acontecimentos "verídicos" que confirmam a versão de dona Eva:

Uma moça abusou disso e depois de uns tempos ela sumia...A mãe procurava a menina e não a encontrava...Um dia seguiu e era ela amamentando uma baita de uma lagarta macho. O bicho é tão traiçoeiro que quando vê uma mulher, assovia.

Noutra ocasião, escutei três meninas gritando, duas irmãs com 19 e 17 anos, e uma "filha de criação" com 11 anos, da família onde estava. Corri para ver do que se tratava e era uma lagarta... *um mandorova!!!* Motivo suficiente para a mãe correr com uma vassoura e "*matar o traiçoeiro*".

Pássaros, insetos e animais são constantes no imaginário popular e associados a boas e más notícias ou a perigos. Assim, o cri-cri de um grilo pode significar receber um prêmio, uma andorinha diz de notícias de alguém distante, o pio da coruja, se ocorrer durante o dia, traz mau agouro... No caso do mandorova, é um alerta às moças virgens.

Ainda naquela noite, o dono da casa e seu irmão, que o estava visitando, iniciaram outra história no canto da mesa. Era sobre

seu Francisco Américo que está sofrendo de ciática, com tanta escavação... Ele crê que quando os jesuítas foram embora, eles tinham muito ouro guardado, e não deu tempo pra levar tudo. Então esconderam caixas e caixas de ouro, enterradas em alguns lugares. Ninguém sabe ao certo onde estão. Alguns procuram estas caixas até hoje. Seu Francisco passa a vida procurando. Irmão dele, Manoel Américo e mais o Arnaldo, conseguiram trazer um trator. Não trabalhavam mais, todos da família ajudavam a fazer buracos. Ali pra trás dá pra ver a quantidade de terra que já movimentaram... Seu Francisco sonha, e no sonho recebe uma indicação do lugar. Vai lá e começa a cavar... No último sonho soube que o ouro estava em Santa Catarina. E também soube que o seu neto é que deveria pegá-lo. Foi até lá, levou o neto e começaram a cavar... Iniciado o trabalho, caiu um galho de árvore bem próximo de onde estavam. Quase se machucaram. Tomaram isso como um aviso. Foi um sinal. A noite sonhou com o "coisa ruim", que avisou que não era hora, que deveria esperar um pouco mais.

⁷¹Mandorova é um tipo de lagarta da região. Também é conhecido como sacová, nome "mais antigo" da lagarta.

Parece que a magia de tais conversas acompanha os participantes no seu trajeto para casa...Na hora de ir embora, lá de fora, uma voz de homem avisava ao dono da casa: *"Tá na hora de matar este cachorro!"* Perguntei por que, pois não havia entendido...Logo veio a explicação. Dois ou três falavam ao mesmo tempo: *"Cachorro que fica fazendo buraco na frente da casa, o dono vai morrer. Daí tem que matar o bicho!"*

Esse fato trouxe à baila outras histórias. Seu João tinha um cachorro bom, de "unha perdida" que *"fazia a caça entocar. Cachorro de caça tem que ter unha perdida, senão, não é bom"*. "Cachorro de unha perdida", são certos cães que têm uma das unhas das patas traseiras salientes. Para os homens da região, esta característica é sinal de que o cão é um bom caçador. Seu João conta que seu companheiro tem *"cachorro que faz a onça ou o coati acuar e marca o pau, não arreda"*, constrange a caça até que ela suba numa árvore onde fica *mais fácil para matar*. Estes cachorros, conforme explicam, *"têm o faro pra cima"*. O cachorro do seu João, ele lastima, *"deu peste de loucura e morreu"*. *"Se um cachorro doente morde alguém, no prazo de 24 horas a pessoa morre de loucura como o cachorro. A irmã de vovó Aníbal, a Maria Vidal, morava na Ilha das Peças, morreu assim"*.

Nessa mesma conversa, os homens confirmaram que um *"cachorro pode arruinar"*. *"Não se pode pôr a carne da caça em cima do pilão sem salgar, que o cachorro arruina"*, portanto não serve mais para caçar. *"E isto é verdade, pode por uma onça na frente dele que faz nada"*. Inclusive escolhem para quem dar a carne da caça, *"pois conforme a pessoa, estraga o cachorro"*. Para garantir, salgam a carne antes de oferecê-la a alguém. *"Precisa fazer três buracos na carne e colocar sal nos três. Daí não tem perigo"*.

No meio dessas conversas, o Sr. Nelson lembrou que *"nestes últimos tempos caiu um avião dos homens do meio ambiente enquanto estavam por aí fiscalizando. Agora eles fiscalizam por terra e por ar."* Lembrança que provocou risos não tão ingênuos... As associações livres têm uma lógica, não são tão livres assim, como a teoria freudiana alerta desde o início do século XX.

Fiquei a me perguntar o quanto estas histórias estão também a exorcizar os medos e os ódios de tudo o que não podem lidar de maneira racional. A pouca informação sobre as leis ambientais, e principalmente sobre as estratégias e táticas que os órgãos do governo estão a utilizar para "pegar" os que descumprem a lei, deixa-os temerosos e, evidentemente acuados, desconfiados. "Os homens da lei" transformam-se em *objeto fóbico* a perseguí-los paranoicamente.

Batuva parece corroborar as conclusões de CAVIGNAC (1999, p. 257-259) que estudando o sobrenatural na construção da história nordestina, e fazendo várias referências a outros estudos, afirma *que "sem ainda ter bastante elementos para demonstrá-lo", pode, entretanto, "anunciar pistas possíveis", de como estas "representações da natureza como lugar do sagrado, associada a um passado longínquo poderiam também resultar de uma resistência da cosmologia nativa à colonização".*

Mais que uma resistência, uma incorporação de fatos e sistemas simbólicos no imaginário popular, estas histórias passam a ter um papel central na elaboração e na reivindicação de uma identidade da comunidade de Batuva, pois aproximam as famílias, os vizinhos, parentes e compadres.

Tal qual um espelho, as "histórias encantadas" refletem um mundo fantasmagórico que se familiariza, populariza, domestica, à medida que vêm à tona. O compartilhar com o grupo constrói referências, um corpo simbólico e simbolizado, que conhecido e historiado, funciona como um "porto seguro", pois que "reconhecido pelos outros", identifica o grupo.

Em Batuva, os pequenos agricultores familiares refazem ritualmente seu universo de vida e trabalho, tecendo histórias e fortalecendo suas memórias. O espaço e o tempo ficam suspensos, assim como a respiração dos ouvintes, no momento em que a história é contada, como fato "realmente acontecido".

CAPÍTULO 4

QUEM VIAJA SE TRANSFORMA

*No norte do litoral do Paraná
Existe esta forma de cantar/dançar/tocar
Das matas ainda se podem ver sacis,
caporas, elementais
e tais como os animais
que fogem da extinção
como o gato foge do cão.
Sei não, se vamos segurar.*

*O fandango não pode calar
de fato é popular
Expressa esta região.
Ao som da rabeca, do adufo⁷² e da viola*

*Tamancos batem o pé no chão
bailando os casais até o amanhecer
Vendo a lua se por na Serra do Mar.
Marcante forma de dançar
No mar, sol nascendo.*

("Fandango de Guaraqueçaba" de Beto Xavier, poeta local)

As preocupações da antropologia com o símbolo na vida humana sempre estiveram presentes; porém penso e agora constato, não se consegue, a contento, dar conta de toda a riqueza e da complexidade do material encontrado sob uma perspectiva teórica, deixando-se mais registros, coleção de prosas, aforismos e antologias do que análises propriamente ditas. Questões todas já discutidas pela antropologia, porém que se consegue compreendê-las melhor quando vividas.

Ainda assim pareceu possível reconstruir a lógica de apreensão do mundo dos Batuvanos, através da análise das produções narrativas da sua história, da história das suas famílias, do seu cotidiano, das "histórias de espanto". A escuta minuciosa deste mundo repleto de lembranças e fantasias, perdas e dificuldades de sobrevivência, terras, rios, trilhas, sítios, enfim... permite traçar os contornos de uma

⁷²Espécie de pandeiro.

cosmologia local. Ao acompanhar as histórias contadas e o cotidiano dos moradores de Batuva, foi sendo desvendada a dinamicidade dos seus meios de vida – extrativismo, lavoura, pesca, caça, e também os casamentos, as "prosas sem compromisso", sua percepção do espaço – que fortalecem a sociabilidade e a solidariedade e reforçam a troca e a reciprocidade. O estudo da sociabilidade nativa permitiu elucidar as condições de vida, para além das investigações econômicas.

Ao mesmo tempo, essas narrativas nos ensinam que a perda do modo "tradicional de viver" e a elaboração de uma nova legitimidade grupal passam necessariamente pela reinterpretação grupal, porém singular, em nível real e simbólico da sua história, do passado, das suas relações complexas e múltiplas com os agentes "externos", inimigos ou colaboradores, da atualização do seu imaginário, quer como fonte identificatória, quer como ou modelo referencial para as próximas atuações.

Através dos contornos de uma cosmologia local, os moradores de Batuva, contando histórias e repetindo eventos passados e presentes, estão a propor uma reinterpretação local dos fatos reais, que está sendo desconsiderada. Vai se descobrindo que as políticas de preservação do meio ambiente privilegiam a mata, rios, diversos animais e desconsideram o Homem, suas relações sociais, memória, história, meios de vida. Restringem ainda suas práticas de sobrevivência, criminalizam suas atividades produtivas, provocam um sentimento de rejeição a elas o que, por desdobramento, pode dificultar ações de preservação da natureza.

O lamento, neste caso, é meu, não é o deles que estão envolvidos com questões mais concretas: fazer os filhos estudar, procurar empregos, buscar formas alternativas de vida em Batuva ou nas comunidades próximas, Guaraqueçaba, Paranaguá, Cananéia ou Santos. Situação definida como uma "pluriatividade dos agricultores tradicionais" (LAMARCHE, 1998).

Tal qual um camaleão (e em Guaraqueçaba apreendi que o polvo também), foi importante mimetizar-se, confundido-se no ambiente, assumindo as mesmas características do meio, e muitas vezes conseguindo passar despercebida. Com o trabalho etnográfico, aprendi que tal característica tem suas vantagens.

Talvez os melhores resultados de observação, eu os tenha obtido a partir de experiências deste tipo. "Travestindo-se" das cores, cheiros, tempos, modos de Batuva. A ênfase da participação do pesquisador, nestes casos, não está na atividade, na presença, na positividade... Mas, numa certa possibilidade de, estrategicamente não tendo cor, adotar as nuances do momento, com paciência, numa certa espera, aguardando a oportunidade... Esta "fuga" não é sempre efetiva. Quando "voltava", a cada vez, ficava mais difícil tirar-me do cinza das cascas de árvores, o verde das folhas, ou o amarelo das flores, que já, e cada vez mais, faziam parte de mim. Uma transformação é mais do que uma mudança. Acabei por concluir o que já tinha lido por muitas vezes. Nas palavras de DA MATTA (1978), "quando o etnólogo consegue se familiarizar com uma cultura diferente da sua, ele adquire competência nesta cultura". E isto, "*do estômago para a cabeça*", como ele bem o diz, e não ao contrário, como pode parecer quando ainda se está nos primeiros momentos da pesquisa.

Da Matta vai dizer no seu *Antropological Blues* que "vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar e/ou* (b) *transformar o familiar em exótico*". Talvez, quando a antropologia volta suas pesquisas para a própria sociedade do pesquisador, afinal Batuva está tão "perto"..., tenhamos que exercitar esta experiência, às avessas: tornar o familiar exótico, estranho, diferente, distante... para aos poucos, ir reconhecendo-o, simbolizando-o, letreando-o, re-aproximando-o. O que, de qualquer forma traz também muitas consequências para a vida pessoal do pesquisador

REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, São Paulo: FFLCH/USP, 1999.
- ALBERT, B. **O ouro canibal e a queda do céu**: uma crítica xamânica da economia política da natureza. Departamento de Antropologia da UnB, Programa de Cooperação Internacional ORSTOM-CNPq. Brasília, 1995.
- ALMEIDA, M. As reservas extrativistas e o valor da biodiversidade. In: ANDERSON, A. et al. **O destino da floresta**. Rio de Janeiro. Relume-Dumará, 1994.
- ALVAR, J&J. **Guaraqueçaba mar e mato**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1979, v.2, 207p. e anexos.
- AMMANN, S.B. **Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, s/d.
- ARAUJO, S. M. P. de; CUNHA, L.H. de O. Desenvolvimento de comunidade e seus impasses. **Estudos Brasileiros**, Curitiba, n.10, p.143-154, nov. 1980. Departamento de Comunicação Social e Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná.
- ARRUDA, R. "Populações Tradicionais" e a Proteção dos Recursos Naturais em Unidades de Conservação. **Ambiente & Sociedade** Ano II – n.5 – 2.º Semestre de 1999.
- AUGÉ, M. Direção. **Os Domínios do Parentesco – (Filiação, Aliança Matrimonial, Residência)**. Lisboa: Edições 70, 1975.
- BACKTHIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de Françoise Rabelais**. 2.ed. Brasília: EDUNB-UCITEC, 1993.
- BARBALHO, A. Imagens da civilização sertaneja. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v.9, n.2, 1999.
- BARTH, F. **Outros conhecimentos e outras formas de saber**. Originalmente apresentado num painel sobre "Explorando o Cultural", organizado por Rob Borofsky no Encontro Anual de 1994 da Associação Antropológica Americana.
- BENATTI, J. H. **Presença humana em Unidade de Conservação: um impasse científico, jurídico ou político?** Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/UFPa. s/data.
- BORNHEIM, G. **Tradição – Contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Funarte, 1987.
- BOSI, E. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1999.
- BRANDÃO, C.R. **Plantar, colher, comer**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- BRANDÃO, C.R. **O trabalho de saber**. São Paulo: FTD, 1990.
- BRANDENBURG, Alfio. Modernidade, meio ambiente e interdisciplinariedade. **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.3, 1996.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. 8.ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1918.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (Org.). **MAUSS**. São Paulo: Ática, 1979.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O saber e a ética**. Conferência no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, dez. 1989.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O saber, a ética e a ação social. **Revista Internacional de Filosofia**, v.13, n.2–10/990, Universidade Estadual de Campinas, 1990.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R.; RUBEN, R. (Org.). **Estilos de antropologia**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 1995.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho antropológico: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo: FFLCH/USP, v.39, n.1,1996.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15 editores; São Paulo: Editora da UNESP da Fundação para o Desenvolvimento da Universidade Estadual Paulista, 1998.

CARNEIRO DA CUNHA, M e ALMEIDA, M. **Populações tradicionais e conservação**. Seminário de Consulta, Macapá, Programa Nacional da Diversidade Biológica, publicado na Internet.

CAROS AMIGOS, n.29, ago.1999.

CASCUDO, L. da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 7.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, s/d.

CAVIGNAC, J.A. **Destinos migrantes**: representações simbólicas, histórias de vida e narrativas. Natal: UFRN, 1997.

CAVIGNAC, J. Vozes da tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em antropologia. Horizontes Antropológicos. Cultura Oral e Narrativas. **Revista Temática**, Ano 5, n.12, dez. 1999. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONSORCIO MATA ATLÂNTICA – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – Plano de Ação**. Campinas, 1992. v.1: Referências Básicas.

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, de 05 de outubro de 1988. Disponível na Internet.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.

DA MATTA, R. O ofício do Etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: A AVENTURA Sociológica – Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DA MATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

- DE ARAÚJO, S.M. Desenvolvimento de comunidade e seus Impasses. **Estudos Brasileiros**, Curitiba, v.10, p.143-154, vov. 1980.
- DEMETERCO, S. M. da S. Doces lembranças; cadernos de receitas e comensalidade. Dissertação (Mestrado), Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.
- DE QUEIROZ, M.I.P. **Bairros rurais paulistas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.
- DURHAM, E.R. A família e a mulher. **Cadernos CERU**, São Paulo: Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, n.18, 1983.
- EDWARDS, E. **Antropologia e fotografia**. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPCIS e do Núcleo de Antropologia e Imagem – NAI, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – EdUERJ, 1991.
- FOLADORI, Guillermo, Los problemas de la interdisciplinariedad em el estudio e investigación del medio ambiente. **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.3, 1996.
- FOLADORI, G. **El pensamiento ambientalista**. Tópicos em Educação Ambiental. Disponível em: <http://www.reitoria.ufpr.br/doutomeio/foladori.html>
- FOLADORI, G.; TOMASINO, H. **Controvérsias sobre a sustentabilidade**. Banco de Textos sobre Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <http://www.unilivre.org.br>
- FRIEDBERG, C. Ethnologie, anthropologie: les sociétés dans leurs "natures" in Sciences de la nature. Sciences de la Société. **Les Passeurs de Frontières**, Paris: CNRS Éditions.
- FREIRE, G. **Casa-grande & senzala**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- GARCIA JR., A. **Terra de trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GEERTZ, C. **O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GERHARDT, T.E. **Saúde e Meio Ambiente – Diagnóstico de saúde comunitária em uma Área de Proteção Ambiental. O caso de Guaraqueçaba, litoral do Estado do Paraná, Brasil**. Série Teses/Dissertações, Departamento de Saúde Comunitária, 145 p. e anexos, 1998.
- GIDDENS, A. **Modernização reflexiva. Risco, confiança, reflexividade**. [s.d.].
- GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita. O futuro da política radical**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- GODELIER, M. **L'Idéal et le Matériel**. Paris: Fayard, 1984.
- GODELIER, M. O Ocidente, espelho partido: uma avaliação parcial da antropologia social, acompanhada de algumas perspectivas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, n.21, ano 8, fev. 1993.

- GODMANN, N.M. **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1999.
- GOODY, J. **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- GOVERNO DO PARANÁ. Portal de Serviços. Disponível na Internet. Acessi en: 2001.
- GURAN, M. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: DIÁRIOS ANTROPOLÓGICOS, Dossiê 1, Imagem, Laboratório de Antropologia Social, PPGAS-IFCH-UFRGS, 1997.
- HERÉDIA, A. de. **A morada da vida. Trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HÉRITIER, F. **Masculino/feminino**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- HÉRITIER, F. **Parentesco**. Casa da Moeda, v.20, s/data.
- HUMBERT, G.; LEVEUVRE, J-C. A chacun son patrimoine ou patrimoine commun? In: Sciences de la nature, Sciences de la Société. **Les Passeurs de Frontières**, Paris: CNRS Éditions, 1992.
- IAP-INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANA. **Florestas nativas primárias do Estado do Paraná-1998**. Mapa original elaborado pela Fundação SOS MATA ATLÂNTICA/INPE. Disponível na Internet.
- IBAMA - INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE. Decreto n.º 90.883, de 31 de janeiro de 1985. Disponível na Internet.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
- IPARDES. **Apa de Guaraqueçaba - caracterização sócio-econômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais**. Curitiba: IPARDES, 1989. 87p.
- IPARDES-IBAMA. **Macro-zoneamento da APA de Guaraqueçaba**. Curitiba, 1990. 254p. v.1.
- ITANU, A. **Idéologie patrilinéaire ou idéologie de l'anthropologue? L'Homme**, avr.-juin.
- KERSTEN, M.S. de A. **Troncos, "tabuinhas", tábuas-memória polonesa no Paraná**. Petrópolis: Fundo Editorial Ladislao Dzieciolowski, 2000.
- KERSTEN, M. S. de A. **Os rituais do tombamento e a escrita da história. Bens tombados no Paraná entre 1938-1990**. Curitiba. Editora UFPR- Imprensa Oficial Paraná, 2000.
- KOURY, M.G.P. **Reflexões sobre a antropologia visual e da imagem no Brasil**. Diálogos Antropológicos, Dossiê 1 – Imagem/UFPb, 1997.
- KUPER, A. **Culture. The anthropologists' account**. USA: First Harvard University Press, 2000.
- LACAN, J. **O Seminário – livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.

- LAMARCHE, H. **A agricultura familiar**. Campinas: UNICAMP, 1998. v.2.
- LANGER, S. **Filosofia em nova chave**: um estudo do simbolismo de razão, rito e arte. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LANA, M.P.D. Sobre Marshall Sahlins e as "cosmologias do capitalismo". **MANA, Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro: Museu Nacional, v.7 n.1, abril de 2001.
- LANNA, M.P.D. **A dívida divina**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.
- LANNA, M.P.D. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva**. Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, 1999.
- LARAIA, R.B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LEACH, E. **Cultura e comunicação. A lógica pela qual os símbolos estão ligados**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- LEACH, E. **A diversidade da antropologia**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1982.
- LËLË, S.M. Sustainable development: a critical review. **World Development**, v.19, n.6, Printed Great Britain, Pergamon Press, 1991.
- LENIAUD, Jean-Michel. **Le droit à la mémoire**. Magazine littéraire, n.307, [s.d.].
- LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e história**. Lisboa: Editorial Presença, 1952.
- LÉVI-STRAUSS, C. A crise moderna da antropologia. **Revista de Antropologia**, v.10, n.1-2, 1962.
- LÉVI-STRAUSS, C. **A via das máscaras**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Le regard éloigné**. Paris: Librairie Plon, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1993.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1997.
- MACFARLANE, A. **Família, propriedade e transição social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- MALINOWSKI, B. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril, 1976.
- MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MALUF, S.W. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. Horizontes Antropológicos - Cultura Oral e Narrativas. **Revista Temática**, Porto Alegre, Ano 5, n.12, dez. 1999.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974. v.2.
- MAUSS, M. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: ABDR, 1989.

MIGUEL, L. de A. **Formation, évolution et transformation d'un système agraire dans le sud du Brésil (littoral nord de l'État du Paraná. Une paysannerie face à une politique de protection de l'environnement. "Chronique d'une mort annoncées? These pour l'obtention du titre de Docteur de L 'Institut National Agronomique Paris-Grignon, Paris, 1997.**

MUSSOLINI, G. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.1, n.2, dez. 1953.

NIEMEYER, A.M. de. Desenhos e Mapas na Orientação Espacial: Pesquisa e Ensino de Antropologia. **Revista Textos Didáticos**, São Paulo: IFCH/UNICAMP, n.12, jan. 1994.

PALLARES-BURKE, M.L.G. **As muitas faces da história. Jack Goody**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PESAVENTO, S.J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, n.29, 1995.

PRITCHARD, E. **Antropologia social**. Lisboa: Edições 70, 1978. cap. I, II, III e IV.

PRITCHARD, E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

QUEIROZ, M.I.P. de. **Bairros rurais paulistas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

RABINOW, P. **Antropologia da razão**. [s.d.].

RAYNAUT, C. Le développement et les logiques du changement: La nécessité d'une approche holistique. **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: Editora da UFPR, n.1, 1994.

RAYNAUT, C. Meio ambiente e desenvolvimento: imperativos para a pesquisa e a formação. Reflexões em torno do doutorado da UFPR. **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: Editora da UFPR, n.1, 1994.

RAYNAUT, C. Processo de construção de um programa interdisciplinar de pesquisa no quadro do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento (MAD/UFPR), **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: Editora da UFPR, n.3, 1996.

RAYNAUT, C. Projet de recherche soumis em réponse à l'appel d'offre du Programme environnement, Vie et Sociétés – Histoire des interactions sociétés/nature. **Développement durable et protection de la nature: Histoire des changements sociaux et les transformations de l'usage des ressources naturelles au XXème siècle dans la regions littorale nord du Paraná (Brésil)**, 1999.

RAYNAUT, C. et al. Sustentabilidade e mudança: história das transformações sociais e ecológicas no litoral do Paraná (Brasil). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 38., Brasília/DF, 2000. **Anais**. Brasília, 2000.

RUSSO, J. **O corpo contra a palavra**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

SAHLINS, M. Cosmologias do Capitalismo: O Setor Trans-Pacífico do 'Sistema Mundial'. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 16., Campinas/SP, 1988. **Anais**. Campinas, 1988.

SAHLINS, M. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: Por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção.** Mana, v.3, n.2, 1997. Parte I e II.

SEEC – Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. **Acervo do Patrimônio Cultural, Bem Tombado, Ilha do Mel (1975) e Ilha do Superagüi (1983).** Curitiba.

SEGALEN, M. **Sociologie de la famille.** Paris, Armand Colin Masson, 1981/1996.

SEGALEN, M. **Sociologie de la famille.** Paris, Armand Colin, Collection "U", série Sociologie dirigée par Henri Mendras, 1996.

SILVA, M. Linguagem e parentesco. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 42, n.1 e 2, 1999.

SILVA, V.G. **O antropólogo e sua magia.** São Paulo: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SÔLHA, H.L. **A construção dos olhares: uma fala sobre a antropologia visual.** Diálogos Antropológicos, Dossiê 1 – Imagem/UFPb, 1997.

SPERBER, D. **O saber dos antropólogos.** Lisboa: Edições 70, 1992.

SPVS - Sociedade de Proteção à Vida Selvagem, Difusão de Tecnologias Adequadas para a APA de Guaraqueçaba. Relatório de Pesquisa, Parte I, **Os agricultores familiares de Batuva - história e organização sócio-econômica e cultural.** Curitiba, fevereiro de 1996.

UNESCO. **Convenção relativa à proteção do patrimônio mundial, cultural e natural.** Artigo 2, 1972.

UNIVAP. **Atlas do patrimônio ambiental de São José dos Campos.** Disponível em: <http://www1.univap.br>. Acesso em: 1999.

VEJA. **Pobreza espalhada.** São Paulo, 10 nov. 1999, p.196.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Ambos os três: Sobre Algumas Distinções Tipológicas e seu Significado Estrutural na Teoria do Parentesco. **Anuário Antropológico**, Brasília, n.95, 1996.

WEBER, J.L. **Le patrimoine naturel in des comptes du patrimoine naturel.** Paris: INSEE, 1986. (n.535-36 – série C)

WOLF, ERIC R. **Sociedades camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WOORTMANN, E.F. **Herdeiros, parentes e compadres.** São Paulo, Brasília: HUCITEC-Edunb, 1995.

ZALUAR, A. **O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. A máquina e a revolta.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZANONI, M.M.; FERREIRA, A.D.; MIGUEL, L.de A.; FLORIANI, D.; CANALI, N.; RAYNAUT, C. Preservação da natureza e desenvolvimento rural: dilemas e estratégias dos agricultores familiares em Áreas de Proteção Ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: Editora UFPR, n.2, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1
LISTAGEM DOS PRIMEIROS INFORMANTES
DEZ PESSOAS COM MAIS DE 70 ANOS

1. Seu Guimarães - aposentado, herdeiro-proprietário de terras, 71 anos, casado, 10 filhos, residente em Batuva, em terras da sua família. Comentou das suas poucas condições para viver, queixou-se muito da sua saúde (Faleceu em nov./2000).

2. Sr. J. Eloy proprietário de terras próximas ao rio Guaraqueçaba, que de acordo com a legislação ambiental não podem ser cultivadas. Vive na casa de um filho em Guaraqueçaba, porém vai à Batuva semanalmente, de ônibus, "trabalhar na terra", 87 anos, viúvo, 6 filhos. Tocava viola, cantava fandango. Aderiu à religiões evangélicas e "não pode mais cantar". Ficava muito emocionado, e chorava durante as conversas. Também ria de vez em quando. Falou da sua solidão e da sua pobreza atuais contrastando com o "tempo em que tinha fartura".

3. SR. L. Barreto aposentado, residente em Guaraqueçaba, 74 anos, viúvo, 7 filhos. Estilo diferente, seu Liberato mostrou-se falante, disposto a acompanhar todas as visitas de Guaraqueçaba, e assim o fez. Comprou casa, casou de novo, e tem muitas histórias pra contar.

4. Sr. A. Pires agricultor, morador de Batuva, herdeiro-proprietário de terras, 76 anos, casado, não teve filhos, reside nas suas terras. Seu Argemiro "está bem de vida", apesar da sua saúde não "andar nada boa." Gosta de conversar, é responsável pela manutenção de uma das Igrejas de Batuva, acompanha todos os cultos e inclusive dirige alguns.

5. Dona D. Pires (esposa)
dona de casa, moradora de Batuva, parteira, 70 anos, casada. Na sua varanda arruma em caixas os ninhos das galinhas que estão chocando e na sua sala tem expostas as roupas que traz de Cananéia e São Paulo, para vender em Batuva.
6. Dona O. Pires
dona de casa, herdeira-proprietária de terras, moradora de Batuva, parteira, 73 anos, viúva, 7 filhos. Uma figura ilustre, conhecida e respeitada de Batuva. Foi difícil ganhar um pouco de intimidade com a dona Olga. Depois mostrou-se carinhosa e cheia de histórias sobre os batuvanos.
7. SR. E. Xavier
aposentado, residente em Guaraqueçaba, 71 anos, viúvo e novamente casado com uma moça de uma ilha perto de Paranaguá., 8 filhos do primeiro casamento.
8. Sr. M. Cunha
agricultor, morador de Batuva, herdeiro-proprietário de terras, 74 anos, casado, 7 filhos, mas *criou 3.*
9. Sr. L. Martins
agricultor, morador de Batuva, herdeiro-proprietário de terras, parte das quais imprópria para a lavoura conforme a legislação ambiental, 73 anos, casado, 5 filhos. Sente-se muito revoltado com as políticas públicas de proteção ao meio ambiente. Deixa transparecer em toda a sua morada, o capricho, a teimosia, a vontade de trabalhar a terra e o ambiente. Fez um pequeno lago para os patos nos fundos da sua casa, planta em cada pedacinho de terra, trouxe seus filhos homens para terrenos perto do seu. Exibiu retratos de família, convidou para um café e um passeio pelo seu sítio.
10. Dona A. Paiva (esposa)
dona de casa, moradora de Batuva, 71anos, casada.

12. Dona A. Pontes comerciante, proprietária-herdeira de terras
46 anos, viúva e novamente casada, 5 filhos.
13. Sr. B. Shutz (marido)
motorista, vindo da Lapa, mora em Batuva, 56 anos.
14. Sr. D. Barreto morador de Batuva, herdeiro-proprietário de terras, 46
anos, tem emprego na Prefeitura de Guaraqueçaba.
Casado pela 2.^a vez, 4 filhos.
15. Dona L. Barreto (esposa)
dona de casa, 46 anos.
16. N. Pires agricultor, residente em Batuva, proprietário-herdeiro
de terras, 35 anos, casado.
17. L. Barreto lavrador, proprietário-herdeiro de terras, reside em
Batuva, casado, 31 anos, 1 filho.
18. A. Dias Barreto (esposa)
dona de casa, 29 anos.
19. Daise solteira, 23 anos, trabalhando em Paranaguá.
20. Miriam estudante de 2.^o grau em Guaraqueçaba, residente
em Batuva, 17 anos, solteira.

Crianças

21. Nelsinho estudante de 1.^o grau em Guaraqueçaba, residente
em Batuva, 08 anos.
22. Eide estudante em Batuva, 12 anos.

ANEXO 3 - NÚMERO NA FIGURA 15 E NOME DO MORADOR PRINCIPAL

N.º no Mapa	Nome do morador principal	N.º no Mapa	Nome do morador principal	N.º no Mapa	Nome do morador principal
1	Izael França Pontes	24	Servino Soares Dias	47	Sr. Benedito
2	Adelson Pontes	25	Vlademir Soares Dias	48	Mercearia da Da. Antonia
3	Aguinaldo Pontes	26	Maria Soares Dias	49	Zoraide
4	Marins do Carmo Pontes (Guimarães)	27	Antonio Soares Dias (Tinha)	50	Joel Mauro de França
5	Roberto Pontes	28	Igreja – Pentecostal Deus é Amor	51	Argeu Sharma Xavier
6	João Pontes	29	Irzo Xavier Pires	52	Escola Municipal
7	Antônio Naldes Pontes	30	Olga Xavier Pires	53	Pirambeira (atual Prefeito)
8	Arnaldo Américo Pontes Junior	31	Bar da Neuzi	54	Eloy Roecher
9	Clayton Pontes (casa vazia)	32	Nelson Pires	55	Francisco Rodrigues (casa vazia)
10	Iolando Pontes	33	Daniel Cordeiro Pires	56	Argemiro Pires
11	Américo Pontes	34	Abilio Pires	57	Gilmar Rossoni
12	Maria Q. Pontes	35	Pedro Ilton	58	Iracema Matsumoto
13	Antonia Pontes Dias	36	Miguel Sandodozo	59	Joaquim Eloy (terra de Nilo Rodrigues)
14	João Gonçalves Pontes	37	Albertino (funcionário da Prefeitura)	60	José Vidal
15	Igreja – Congregação Cristã do Brasil	38	Aarão Gonçalves da Silva	61	Luiz Pereira
16	Aroldo Pontes Cunha	39	Neria Fernelhe Gonçalves	62	Antônio Gonçalves da Rosa
17	Manoel Pontes Cunha	40	Dino S. da Silva	63	Doracino Mendes
18	Everaldo Cordeiro Pontes	41	Fábrica de Bananas	64	Orlando Charma
19	Gilson do Carmo Pontes	42	Luiz Martins	65	Holanda Tomaz
20	Leonel do Carmo Pontes	43	Antonio Roberto	66	José Moraes de França
21	Ozelino Pontes	44	Igreja – Assembléia de Deus	67	Antonio Rocha
22	Mario Soares Dias	45	Salão (em construção)	68	Mario Barreto
23	José Roberto Dias	46	Igreja – Presbiteriana	69	Ló Barreto
				70	Diniz Barreto